



UFAM

Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História Social

**DO ESPAÇO LEMBRADO AO ESPAÇO VIVIDO: narrativas orais de
mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX.**

PATRÍCIA REGINA DE LIMA SILVA

Manaus-AM
Agosto-2017

PATRÍCIA REGINA DE LIMA SILVA

DO ESPAÇO LEMBRADO AO ESPAÇO VIVIDO: narrativas orais de mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social – Instituto de Ciências Humanas e Letras, como requisito à obtenção do Título de Mestre em História Social.

Orientadora: Prof. Dr^a. Patrícia Rodrigues da Silva

**Manaus-AM
Agosto-2017**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586d Silva, Patrícia Regina de Lima
Do Espaço Lembrado ao Espaço Vivido: narrativas orais de mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX. / Patrícia Regina de Lima Silva. 2017
154 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Patrícia Rodrigues da Silva
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Migração. 2. Mulheres Nordestinas. 3. Memória. 4. Afetividade.
I. Silva, Patrícia Rodrigues da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – Instituto de Ciências Humanas e Letras, como requisito à obtenção do Título de Mestre em História Social.

Aprovada em 24 de agosto de 2017.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Rodrigues da Silva (DH/UFAM)
Orientadora – Presidente

Profa. Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro (DH/UFAM)
Membro Interno

Profa. Dra. Mônica Xavier de Medeiros (UEA/Parintins)
Membro Externo

Para Moacy e Benjamim
Expressões do meu amor mais sincero e do meu sorriso mais bonito

AGRADECIMENTOS

Olho pela janela do quarto, e, no fundo do quintal vejo uma garotinha de nove anos, o ano é 1989. Cercada por bonecas e bichinhos de pelúcia distribuídos lado a lado, sentados em frente a um quadro, e nessa organização similar a uma sala de aula, a garotinha ali, diante de seu público silencioso e atento diz que vai estudar para se tornar professora e ensinar os eventos ocorridos no Brasil. Professora de História. O que parecia ser apenas uma brincadeira de criança tornou-se realidade.

Tal realização só foi possível graças a presença, incentivo, apoio e carinho de muitas pessoas. Dizer apenas obrigada, é pouco, diante de tudo que a mim foi proporcionado. Não cheguei a esse momento sozinha e tampouco estou sozinha nessa jornada. Trago comigo os muitos olhares alguns firmes e outros carinhosos, abraços, apertos de mão e palavras de encorajamento.

Ao meu esposo, Moacy, pelo amor e companheirismo em todos os momentos. Como é bom estar ao seu lado e com você compartilhar a vida. Sempre me acalmando e incentivando quando tive que viajar para estudar as disciplinas.

Ao meu filhote, Benjamim, pelos olhares e abraços ao me ver partir, todavia, o retorno, a volta para casa transformava-se em alegria. O brilho do seu olhar sempre foi incomparável da mesma forma como não é possível descrever a beleza do seu sorriso.

A Deus, toda minha humildade. Aos meus pais (João e Maria) o meu mais sincero gesto de reconhecimento e retribuição por tudo que fizeram por nós. Aos meus irmãos, Lu e Nên (in memoriam), hoje e sempre “Ida”. A distância geográfica que nos separa não é grande o suficiente para diminuir o amor que sinto por vocês.

Às mulheres nordestinas, sujeitos sociais desse trabalho. O meu mais sincero agradecimento. Sem a contribuição direta de vocês, em que, vários foram os retornos que tive que fazer com Geralda Prado, Luzia Viana, Rita Costa, Zenaide Souza, Júlia Martins, Geni Medeiros, Fátima Costa e Fátima Paulo, e sempre de forma gentil e acolhedora me receberam.

Ananias, muito obrigada pelo incentivo, disposição no período da inscrição para seleção do mestrado e torcida em todo momento. Sua gentileza sempre será lembrada com carinho.

Aos companheiros de jornada da turma 2015, Carla Romana, Daizyene Santos, Carlos Eugênio, Carlos Augusto, Giovany Amaral, David Lima, Milena Nogueira, Rhaisa

Souza, Daniel Rodrigues, André Barbosa, Marcos Oliveira e Sérgio Lima, como foi bom estar com vocês! As conversas acaloradas e as contribuições sempre que uma questão se colocava em pauta jamais serão esquecidas.

A minha amiga-irmã Dayanna Apolônio, obrigada pelo carinho, pela amizade, pelas conversas horas e horas ao telefone, pelas histórias compartilhadas, pelas risadas, por tudo que você representa.

A Lúcia Helena, Ana Lúcia e Cláudia Medeiros, sensíveis ao meu favor, logo após que assumi o concurso da SEDUC, providenciando as alterações necessárias nos horários de aula para que eu pudesse estar em Manaus e não deixasse os alunos sem aula, durante o período que cursava às disciplinas, e não só por isso. Uma relação que iniciou no âmbito profissional aos poucos foi se transformando em amizade, respeito e admiração.

A Sabrina, que surgiu de maneira inesperada no meu caminho, mas providencial. Obrigada por toda ajuda nos momentos que precisei viajar. A Franciele Ribeiro por todas as caronas e abraços apertados, jamais esquecerei.

Não poderia deixar de dirigir minha gratidão a você Tiago Lincoln, pela amizade construída. E por todas as vezes que se deslocou de sua casa e até mesmo do trabalho sacrificando o horário de almoço para me buscar no aeroporto e me levar até a UFAM, sempre tão gentil, quando ainda não sabia pegar os ônibus corretos, isso me permitiu fazer algumas viagens dentro de Manaus pegando o coletivo errado. Nossa! Era horrível!

Aos amigos Átila e Felipe pela torcida, apoio e todos os “boi de fogo” que vivenciamos na graduação. O que só contribuiu para fortalecer a amizade.

A João Marinho, Mônica Xavier, Arcângelo Ferreira, Diego Omar, Júlio Cláudio, Mary Tânia e Clarice Bianchesi, obrigada! Obrigada! E mais uma vez, obrigada! Quando ainda na graduação sonharam comigo, e através de suas contribuições dentro e fora da sala de aula. Vocês foram valorosos canais para o presente resultado.

A Glauber Biazio, Maria Luísa Ugarte, César Bulboz, Luiz Balkar e Morga, agradeço a atenção disponível sempre que solicitada. Sempre lembrarei das aulas e discussões que muito contribuíra para a concretização de mais essa etapa da minha vida.

Não poderia deixar de agradecer a Jailson Motta, mais do que o secretário da pós-graduação, um amigo! Sua disponibilidade em ajudar juntamente com sua generosidade faz de você um ser humano valoroso.

Aos amigos Ediraldo e Maria, o suporte que vocês deram a Moacy e Benjamim durante minha ausência, não tem preço! A amizade dispensada contribuiu na minimização do tempo que ficava longe de casa. Aos também amigos, Jefferson e Nívea, obrigada por cada gesto de carinho dirigido a nossa família.

A Aldemira, ou melhor, Mirinha, não tem palavra que consiga expressar o tamanho da minha gratidão por você. Jamais imaginei que aquele primeiro contato na UfAM, pudesse se tornar na amizade que temos hoje. Obrigada por me acolher, e fazer da sua casa um lugar aonde vale a pena estar. E a Dayse Sicsú por todo carinho e pelo sorriso que contagia.

A Rafaela Bastos juntamente com Tamy, externo aqui a satisfação de ter conhecido vocês. Nunca esquecerei das nossas conversas e de como nos divertíamos sempre que nos encontrávamos.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, dirijo minha gratidão pelo financiamento da pesquisa.

E, por uma questão de escolha, deixei-a por último. Seu nome é Patrícia Silva, o meu também! Coincidência ou Providência, não sei! Sei que nossos caminhos se encontraram. Ter tido a oportunidade de conviver com sua pessoa tornou-se para mim um privilégio. Calma, confiante, incentivadora, acolhedora, companheira, serena, carinhosa, gentil, criativa, feminina, divertida, atenciosa e muito mais, são atributos que a definem. Mais do que uma orientadora, tornou-se uma amiga para vida toda. Como foi bom conhecer você! Serei eternamente grata por tudo que me fora proporcionado durante nossas conversas! Tudo mesmo!

*“Penso no que faço,
Com fé.
Faço o que devo fazer,
Com amor.
Eu me esforço para ser cada dia melhor,
Pois bondade também se aprende.
Mesmo quando tudo parece desabar,
Cabe a mim decidir entre
Rir ou chorar,
Ir ou ficar,
Desistir ou lutar;
Porque descobri,
No caminho incerto da vida,
Que o mais importante é o decidir”*

Cora Coralina.

RESUMO

A migração é um evento complexo, plural e de caráter interdisciplinar, pois está imbuída de elementos temporais, espaciais, simbólicos, culturais, afetivos e principalmente de significados que marcaram e marcam a vida dos sujeitos envolvidos em seus processos migratórios. O desenvolvimento desse estudo colabora na construção de um novo olhar historiográfico acerca da migração nordestina para região, destacando, as experiências de oito mulheres nordestinas na segunda metade do século XX. Além de compreender o papel desempenhado pela mulher nesse contexto, principalmente na Amazônia brasileira mediante os movimentos migratórios ocorridos entre o Nordeste e o Norte, contribuindo significativamente na paisagem social da região Norte. Uma vez que aponta a mulher como sujeito ativo na dinâmica social no que diz respeito a possíveis rupturas e permanências no período referido durante suas vivências no interior do Amazonas. Compreender o processo migratório de cada mulher nordestina e analisar os sentidos atribuídos por elas diante de suas trajetórias é um dos objetivos propostos por esse estudo. Norteadas por suas narrativas orais, acreditamos que é possível perceber as concepções de mudanças atreladas a possíveis lutas e mobilizações por parte das ações dessas mulheres. A afetividade envolvida no processo migratório de cada uma aparece, como, elemento fundamental e decisivo para que sua saída do Nordeste ocorra. Assim, compreendemos que o fluxo migratório acontece em diferentes momentos e com distintos motivos. A construção histórica dessa temática caminha interligada com a história, a memória e o tempo narrado por elas, em que esse último carrega em si as rupturas, permanências e continuidades que permeiam as experiências de cada mulher nordestina.

Palavras-chaves: Migração. Mulheres Nordestinas. Memória. Afetividade.

ABSTRACT

Migration is a complex, plural and interdisciplinary event, because it is imbued with, spatial, symbolic, cultural, affective elements and especially of meanings that marked the lives of the individuals involved in their migratory processes. The development of this study contributes to the construction of a new historiographical view about the construction of a new historiographical view about the Northeastern migration to the region highlighting the experiences of eight northeastern women in the second half of the 20th century. Beside understanding the role played by women in this context, especially in the Brazilian Amazon through migratory movements between the northeast and north, contributing significantly in the social landscape of the north. Since it points out woman as an active subject in the social dynamics with to possible ruptures and permanences in the referred period, during her experiences inside the Amazon. To understanding the migratory process of these northeastern woman and to construe the senses attributed by them to their trajectories is one of the objectives outlined that it is possible to perceive the conceptions changes linked to possible conflicts and mobilizations by the actions of these woman. The affectivity involved in the process of each one is shown as a fundamental and decisive element for their exit to the northeast. In this way, we understand that the migration flow happens at different times and reasons. The historical construction of this theme walks intertwined with the history, memory and time narrated by them, and this, carries within it self the ruptures, permanences and continuities that cross the experiences of each Northeast woman.

Key word: Migration. Northeast woman. Memory. Affectivity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Geralda Xavier Prado

Imagem 02: Luzia Viana da Silva

Imagem 03: Rita Franca da Silva Costa

Imagem 04: Maria de Fátima Xavier Paulo

Imagem 05: Júlia Limeira Martins

Imagem 06: Maria de Fátima Costa

Imagem 07: Maria Zenaide de Souza

Imagem 08: Geni de Medeiros Cursino

Imagem 09: primeiras armações da Catedral

Imagem 10: estrutura da Catedral

Imagem 11: Catedral em etapa de finalização

Imagem 12: vista da Catedral do final da av. João Melo

Imagem 13: fragmento do jornal O Médio Amazonas

Imagem 14: fragmento I do jornal Novo Horizonte

Imagem 15: fragmento II do jornal Novo Horizonte

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
CAPÍTULO 1: “E aqui estou contando a história”: digo quem sou, de onde venho e o que me fez partir	22
1.1. As mulheres nordestinas: quem são elas?	22
1.2. Os motivos de sair de lá...	39
1.3. Antes de partir	52
CAPÍTULO 2: Partir ou ficar: eis a questão! (Des)caminhos de viagem e chegada em Parintins	67
2.1. “Minha vinda pra cá foi da seguinte maneira, óh!”: caracterização dos percursos de viagem	67
2.2. A impressão do olhar: o contato.....	84
2.3. Enfrentamentos e dificuldades: algumas considerações	95
CAPÍTULO 3: “Tudo acontece na vida da gente: passamos pelo bom e pelo ruim”.....	108
3.1. Entre estar e viver na nova terra.....	108
3.2. A luta pela consolidação de um espaço em diferentes olhares	120
3.3. Tijolo por tijolo	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
FONTES ORAIS	147
REFERÊNCIA	148

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

DO ESPAÇO LEMBRADO AO ESPAÇO VIVIDO: narrativas orais de mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX, nasce a partir de uma inquietação ainda no início da graduação pelo fato de eu também ser mulher nordestina na Amazônia (Parintins), culminando em um estudo de Iniciação Científica (2013/2014) que trouxe muitos espaços da Parintins (1950/1970) a partir de narrativas orais de quatro mulheres nordestinas que vivem na Avenida João Melo, principal via comercial no centro da cidade. E que se estendeu para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

De acordo com a pesquisa mencionada acima, a presença de mulheres nordestinas na cidade de Parintins é mais visível a partir da década de 1950. Antes desse período a compleição masculina é mais expressiva, pois em busca de novas oportunidades, os homens, chegaram primeiro. Depois de alguma estabilidade financeira propiciaram a vinda de suas esposas, familiares e amigos.

Até 1950 e se estendendo a 1960¹ Parintins é rememorada por alguns memorialistas como cidade pacata, muito tranquila, em que os moradores tinham hábito de se reunirem em frente de suas casas para contar histórias ou crendices populares de acordo com a cosmovisão regional, exemplo disso, é a história da cobra grande, visagens (pessoas mortas que apareciam repentinamente para assustar alguém). Prática que ainda hoje é comum entre alguns moradores mais antigos na cidade.

A partir desse período, 1950 – 1960, a dinâmica social de Parintins passa por profundas transformações, principalmente, com a produção da Juta² em grande escala, proporcionando uma maior movimentação econômica e de pessoas para cidade até os anos de 1970, essa década marca o declínio³ econômico voltado para juta além de provocar outras mudanças de ordem parcimoniosa e, principalmente, social na cidade. Período este que nos debruçaremos para compreender as relações cotidianas das mulheres nordestinas em Parintins.

Através da pesquisa inicial que se expandiu para o TCC, anteriormente mencionada, foi possível perceber uma nova configuração no processo migratório nordestino a partir do

¹ SOUZA, Tadeu. Missão Vila Nova – Parintins (dos jesuítas aos missionários do Pime). Gráfica João XXIII, 2003.

² SOARES, Ana Caroline Albuquerque. **Fios da juta:** a herança de um sol nascente que não se pôs. Monografia (História). Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2010.

³ SOUZA, Dielle Cristina Marques de. **O declínio na produção da juta no município de Parintins a partir de 1970.** Monografia (História). Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2008.

homem em si, em que, quando se lê na historiografia regional⁴ a respeito da vinda de tais sujeitos para Amazônia, de maneira generalizada, só é ressaltada a figura masculina, e que muita das vezes, veio “acompanhado por mulher e filhos” sem qualquer identificação nominal.

As experiências apontadas pelas mulheres nordestinas durante a pesquisa possibilitaram outra atenção sobre a migração para Amazônia do que aquelas centradas apenas na figura masculina, demonstrando atitudes decisivas e decisórias desses sujeitos, não só dos homens, mas, sobretudo das mulheres. Evidenciando uma rede de solidariedade afetiva que operou como elemento fundamental na disposição e coragem para adentrar em um novo espaço social que até então era distante e desconhecido.

Parintins, de acordo com dados obtidos através do IBGE-2016, é a segunda maior cidade do estado do Amazonas⁵, ficando abaixo somente da capital Manaus. Apresenta-se socialmente como um espaço de intenso movimento de sujeitos assim como também se coloca como lugar de permanência de tantos outros. Percebe-se um intenso fluxo migratório no seu cotidiano, vários são os sujeitos que se deslocam diariamente em seus espaços, tanto dentro da cidade quanto em torno dela.

Em seus aspectos culturais, de acordo com Souza (2013), o “folclore indígena manifestava apenas as experiências do cotidiano da vida dos habitantes como também se decantava a natureza a partir dos seus elementos constitutivos como os pássaros, os animais, as árvores, as plantas medicinais, as ervas aromáticas, os rios e outros. No imaginário desses primeiros moradores foram criados personagens das florestas e das águas, como jurupari, juma, curupira, tapirayauara, yara, neguinho do campo grande, cobra grande e outros seres misteriosos e encantados. Estes “personagens se materializam através de várias atrações

⁴BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia** – análise do processo de desenvolvimento. 2 ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

⁵ Vale destacar que O Amazonas, inserido em uma conjuntura de interesses de cunho privado e capitalista, imprime uma postura de dominação e expropriação das riquezas naturais e humanas da região. Dentro de um contexto desenvolvimentista em que projetos visavam integrar a região ao restante do país, ações protagonizadas pelo Governo Federal, empreenderam investimentos de larga escala mediante projetos políticos e administrativos na intenção de ocupar, desenvolver, além de garantir a soberania do Estado. Dessa maneira, os Grandes Projetos inventados para a Amazônia ao serem executados nas áreas disponíveis, no entendimento do estado brasileiro, para sua viabilização causaram impactos não só no âmbito físico-natural, como nas áreas populacionais, modificando a vida dos sujeitos dessas localidades. O que a partir da década de 1970, a migração para Amazônia, é favorecida pelo Governo Federal através dos projetos voltados para mineração, além das ocupações dirigidas e formação de agrovilas. Para além das ações intervencionistas feitas pelo governo no intuito de desenvolver a região, e mesmo o Estado incentivando ou desestimulando as migrações para a mesma de maneira oficial, ela continua acontecendo constantemente nas relações sociais empreendidas pelos sujeitos diante de seus processos migratórios.

folclóricas, como boi-bumbá, pássaros, cordões e outros”⁶. Dentro de seus aspectos econômicos, Parintins, baseia-se em grande medida na pecuária bovina e de búfalos. Tem uma agricultura voltada para a produção de legumes e hortaliças, assim como frutas típicas da região. Dispõe fortemente da pesca, comércio e outros serviços.

Falar de migração nem sempre é algo tão simples como se imagina. De maneira geral, apenas nos prendemos aos deslocamentos realizados por muitos sujeitos no seu cotidiano. Pensamos nas muitas idas e vindas realizadas nas trajetórias dos seres humanos, mas será que paramos para atentarmos sobre os motivos que levam homens e mulheres deixarem seus lugares de origem em direção a outros espaços? Nos preocupamos em tentar entender os contextos de seus processos migratórios? O que vale a pena deixar para trás? O que vale a pena mudar o curso de suas vidas?

Esse trabalho traz no bojo de sua discussão a temática da migração nordestina para Amazônia, diferentemente da que estamos acostumados a ouvir ou estudar, discutimos aqui, as experiências de migração a partir do ponto de vista das mulheres nordestinas que enveredaram diante de seus processos migratórios rumo ao Norte brasileiro. Em outras palavras, abordamos a especificidade da migração feminina.

Há muitos pontos em comum nas narrativas, dentre eles, a relação com o comércio, em que todas as mulheres entrevistadas tiveram e algumas ainda mantém uma relação muito próxima com o comércio, são donas de pequenos estabelecimentos na área central da cidade. A congregação familiar é o aspecto mais forte que as aproxima. Porém, há também grandes diferenças entre todas elas.

Trazemos suas experiências de migração, para tal, evidenciamos cada mulher diante de suas trajetórias. Partimos de suas memórias na intenção de compreendermos como elas avaliam seus percursos.

À luz da seleção de alguns teóricos que auxiliam nosso olhar para a abordagem, nos debruçamos sobre Durval Muniz⁷ ao discorrer sobre a invenção do Nordeste e outras artes, o referido autor nos permite analisar os diferentes nordestes que são gestados, e de que forma são materializados e incorporados nos discursos proferidos sobre a região e seus habitantes.

⁶ SOUZA, Nilciana Dinely. O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2013, p. 41.

⁷ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Samuel Benchimol⁸ e Arthur Reis⁹, nos indicam sobre os vários estereótipos socialmente construídos acerca dos nordestinos que resolvem e resolveram adentrar os espaços sociais da Amazônia. Tipos sociais que ainda hoje figuram a presença do nordestino na região norte. Expressões que facilmente referenciam e diferenciam um nortista do nordestino ainda é visível no dia-a-dia dos variados contextos amazônico, dentre eles e especialmente, Parintins-AM.

Franciane Gama Lacerda¹⁰, em sua instigante obra sobre migrantes cearenses no Pará, não só nos informa sobre sujeitos articulados e que se articulam dentro do novo cenário social em que se inserem, como também são sujeitos que decidem sobre suas trajetórias migratórias. Dessa forma, Franciane contesta algumas referências historiográficas sobre a migração nordestina, em que colocam os sujeitos como “apáticos” e “indiferentes” em seus percursos. Ela traz um sujeito ativo ao passo que é dinâmico nesse processo.

Nesse sentido, Alexandre Isidio¹¹, auxilia e amplia nossa discussão acerca das relações afetivas incutidas nas trajetórias de cada mulher nordestina. As análises a partir de seus apontamentos, embora tenha um recorte distante do que é proposto aqui, indica as variadas formas que muitos homens e mulheres encontram no estabelecimento de compor novos arranjos em suas vidas. Saindo do nordeste rumo ao norte, e não motivados pelas propagandas oficiais que incentivavam a migração em virtude do período áureo ou decadente da borracha, esses sujeitos vão tecendo e compondo novas formas de se fixarem na região amazônica.

Raymond Williams¹² é outra referência que trazemos para que possamos compreender as relações sobre cidade-campo e campo-cidade incutidas nas vidas das mulheres trazidas nesse trabalho. Essa relação discutida por Williams é muito mais imbricada e complexa que se pensa. Complexa no sentido de que os dois contextos não acontecem isolados um do outro, a cidade tanto dialoga com o campo, ao passo que o campo dialoga com a cidade, e nessa troca de informações, ambos são construtores e transformadores da história, na medida que sujeitos são modificados e modificadores dessas realidades sociais.

⁸ BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – formação social e cultural. Manaus: Editora Valer, Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

⁹ REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringueiro e o Seringal**. Ed. do serv. de Informação Agrícola, série Documentário da Vida Rural (5). Rio de Janeiro. Serv. Graf. Ibge, 1953.

¹⁰ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 – 1916)**. Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (UFPA) / Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

¹¹ CARDOSO, Antônio Alexandre Isidio. **Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1847 – 1877)**, 2011. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Centro de Humanidades – Departamento de História.

¹² WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

As relações de gênero aparecem em todo o trabalho, não de forma desconexa nas discussões, mas como elemento que transita em todas elas. Não fazemos um apontamento de forma dicotômica, em que de um lado estão os homens e de outro as mulheres, mas de forma relacional, evidenciando a participação e importância de ambos os gêneros nos processos migratórios e estabelecimentos sociais em Parintins.

Autoras como Joana Maria Pedro¹³, Mary Del Priore¹⁴ e Maria Izilda Matos¹⁵, são de fundamental relevância para que discutamos os diferentes papéis e espaços realizados e ocupados pelas mulheres em diferentes contextos ao longo do tempo.

Assim, Joana Maria Pedro, assinala acerca das diferentes formas de trabalhos empreendidas pelas mulheres, elucida também sobre a visibilidade das mulheres, sobretudo em espaços públicos a partir da década de 1970. Mary Del Priore, faz um apanhado bem interessante sobre o rompimento que as mulheres fazem em detrimento a postura hierárquica que a sociedade impõe sobre o homem. A mulher, segundo sua perspectiva, rompe com o silêncio e se projeta como sujeito que também é produtor de história, além de possuir sua historicidade. Maria Izilda Matos, traz uma interessante reflexão acerca da presença feminina no mercado produtivo, ou seja, no espaço de trabalho e de como sua presença é vista de maneiras diferentes. A mulher que está no espaço fabril, não é superior aquela que está em uma banca de feira vendendo algum produto cultivado no seu quintal, apenas estão desempenhando a função de trabalhar em espaços diferenciados. Da mesma forma chama atenção para as tantas mulheres que estão dentro de suas casas realizando outros tipos de atividades.

Para que o bojo central da pesquisa seja forjado e fomentado, a partir das narrativas orais das mulheres nordestinas que a compõem, trago os apontamentos de Alessandro Portelli¹⁶ que norteiam todas as análises inerentes a história oral, principal metodologia adotada na pesquisa. Com ele é possível “aprender mais um pouquinho” do cotidiano experienciado por cada uma delas em seus processos migratórios.

¹³ PEDRO, Joana Maria. Corpo, Prazer e Trabalho. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

¹⁴ DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. IN: FREITAS, Marcos César. **Historiografia brasileira em perspectiva**. Contexto, 2003.

¹⁵ MATOS, Maria Izilda; BORELI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

¹⁶ PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: Revista Projeto História, n. 15. Abril/1997.

Através das considerações de Portelli, podemos vislumbrar na prática o diferencial¹⁷ existente na história oral, por meio das narrativas orais de cada mulher, é possível perceber o sentido que cada uma dá as suas vivências. As lembranças guardadas em suas memórias as fazem sorrir e chorar, e com a sensação do dever cumprido, olham para si, e se reconhecem em tudo o que fizeram e por tantos acontecimentos que passaram. Elas vivenciam a partir de suas rememorações os muitos momentos que marcaram suas vidas.

À luz desse autor, compreendemos que a História Oral, muito mais que uma técnica, implica num íntimo comprometimento do pesquisador com a construção das fontes. É mais que narrar memórias e histórias, mas um compromisso político com os sujeitos, cujas vivências e experiências, deseja-se valorizar, é sobretudo, abarcar as formas como as mulheres nordestinas se percebem enquanto sujeitos sociais.

Ainda com Alessandro Portelli¹⁸ temos o entendimento de que por meio das fontes orais é possível registrar a intenção de uma ação, a sensibilidade do narrador diante de seu ato de lembrar um acontecimento vivido, dentro dessa dinâmica entre narrador e narrativa é possível captar o sentido de um evento na vida do sujeito, é possível captar o significado atribuído a um fato ocorrido.

Discorrer sobre memória é uma das preocupações presentes em todos os momentos já que mesmo se referindo a um dado acontecimento ocorrido temos que nos ater que é do tempo presente que essa memória parte em busca do momento vivido. Em outras palavras, a memória sempre parte do referencial que se vive no hoje para que possa encontrar algo vivido no ontem. Portanto, é do “tempo vivo da memória”¹⁹ que discutimos, uma vez que “nossa memória não se apoia na história, mas na história vivida”²⁰.

Dessa maneira compreendemos que a fonte oral, não só a escrita, precisa de um olhar cauteloso, ordenado, arraigado de um empenho sistemático que deixe claro o direcionamento de cunho interpretativo. É preciso ter a clareza de que estamos lidando com algo que é dinâmico, passível a mudanças. Estamos lidando com as lembranças, com a memória.

A memória pode ser compreendida como o lugar que articula as percepções subjetivas do sujeito em relação às experiências vividas por ele. Nesse sentido a memória é responsável em realizar as atualizações dos fatos ocorridos. É do vivido, é do sentido, é do experimentado

¹⁷ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história diferente?** Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997.

¹⁸ PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos:** narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.

¹⁹ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

²⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006, p. 78.

que parte nossa análise. Dizendo de outra forma, é da “memória dos acontecimentos”²¹ tanto de ordem individual ou coletiva que nos debruçaremos. Para que novos caminhos de análise, novas possibilidades de (re)escrever a História surjam no transcorrer do tempo. Nessa perspectiva de buscarmos outra forma de abordarmos a História é que apresento as mulheres nordestinas e como se deu meu contato com cada uma delas.

Assim foi possível estruturar a dissertação em três capítulos. O primeiro apresenta as oito mulheres trazidas na pesquisa, sendo sete do Ceará (CE) e uma da Paraíba (PB), e de que maneira cheguei até elas, além de trazer importantes contribuições de Maurice Halbwachs²² e Michael Pollak²³ direcionando o nosso olhar para questões que envolvem a construção social da memória da mesma forma que a partir de um fragmento da mesma, muito embora apareça como expressão individual de uma experiência vivida ou compartilhada, diz respeito a um coletividade. Temos em Halbwachs a compreensão de que cada sujeito não só está imerso a uma coletividade, como carrega em si, substratos dessa coletividade aonde quer que vá. Nessa mesma direção, Pollak, faz menção de como a memória é construída no corpo social, seja de forma individual ou grupal, a memória faz referência ao meio em que os sujeitos estão inseridos.

Trazemos apontamentos de como “A vida no Nordeste” é percebida a partir das narrativas das mulheres nordestinas, quais aspectos foram possíveis apreender e relacionar mediante suas vivências. Esse tópico permitiu realizar parâmetros entre as diferentes percepções sobre o Nordeste a partir de suas falas. Percebemos que o mesmo espaço tanto social quanto geográfico é constituído de maneira completamente distinta por elas. As diferentes atribuições acerca das atividades laborais exercidas por cada uma é um dos aspectos discutidos nesse item. A forma, como elas percebem e se percebem nesse movimento é algo que tentamos descortinar.

Em referência aos motivos de sair do Nordeste rumo ao Norte, levamos em consideração a complexidade da migração, dessa forma trazemos uma discussão historiográfica no que tange a questões sobre o assunto. Diante disso, perceber as relações afetivas incutidas nos processos migratórios de cada mulher é uma de nossas preocupações. Da mesma forma, como também foi possível compreender a formação de redes de solidariedades envolvidas tanto na saída do Nordeste e chegada ao Amazonas e

²¹ CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

²² HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

²³ POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista estudos históricos. Rio de Janeiro, v, 05, n. 10, 1992, p. 201 – 215.

consequentemente em Parintins. Contudo, o que notamos é que mesmo havendo uma forte relação afetiva nas decisões de migrar de cada mulher, os motivos são distintos entre elas assim como o tempo envolvido em cada partida.

O segundo capítulo discorre sobre a participação familiar como elo efetivo/afetivo uma vez que age como frente de apoio dando condições físicas e emocionais tanto na partida quanto na chegada, ela atua como suporte necessário na minimização das dificuldades dos contrastes impostos pelo deslocamento, isso quer dizer que ao partir ocorre de certa maneira um distanciamento dos costumes e hábitos herdados em que entra em contato e fusão com o novo lugar, o que antes era naturalmente praticado com a migração passa a ser ressignificado. O sentido familiar é um fator de grande peso nas decisões que envolvem cada mulher entrevistada, de um lado há o apelo e todos os argumentos utilizados pelos pais, na maioria delas,

A partir de suas narrativas, é possível visualizarmos como aquelas recém moradoras viam a cidade. Para elas e para muitas outras, uma Parintins em pleno processo de mudança, as ruas, casas, vias, enfim, a cidade está vivendo um momento de grandes transformações, no entanto ao depararmos com o impacto registrado pelo olhar de cada uma delas.

A migração, discutida em toda a dissertação, ocorre numa dinâmica de relações interpessoais, que abrange uma variada gama de elementos que a particulariza em momentos vividos pelos sujeitos e que exige, de certa forma, uma análise das condições que surgem e/ou se processam diante da decisão de migrar.

A decisão de partir em busca de trabalho e/ou outras possibilidades acontece dentro de uma teia de relações sociais. Essa por sua vez, está atrelada as redes de solidariedades e sociabilidades que se configuram e se (re)inventam diante e durante os deslocamentos. Dessa forma a constituição familiar, tem se mostrado como o elemento primordial que motiva e movimenta Júlia Martins, Geralda Xavier, Zenaide Souza, Rita Costa, Luzia Viana, Maria de Fátima, Fátima Paulo e Geni de Medeiros e tantas outras em seus percursos.

O terceiro capítulo, discute as lutas empreendidas pelas mulheres no cotidiano vivido. De que forma participam das lutas, das mobilizações, e dos enfrentamentos por uma causa. E de como são, ou não, visibilizadas junto as esferas de representação. A ênfase nessa seção será dada a partir da narrativa de Fátima Paulo e de como ela se coloca no corpo social de Parintins.

Uma vez que sua narrativa, dialoga de forma coletiva com as demais, e esperta nossa atenção para as mais diversas formas de luta por direitos, aqui especificamente, luta pela terra,

as mulheres aparecem como protagonistas de suas ações. Elas se configuram como um relevante coletivo/político ou sujeito político-coletivo diante de uma questão social que se coloca diante de suas possibilidades de aquisição

Nos convida a refletir sobre a participação efetiva das mulheres no corpo social e nas lutas que o mesmo coloca diante de suas vivências, o que permite a elas promover profundas e significativas transformações que se estendem além do interior do lar. Rompem limites, demarcam novas fronteiras de atuação, se durante muito tempo foram relegadas ao não protagonismo histórico, agora elas lutam, ocupam espaços, se organizam e se articulam.

Uma boa leitura!

Capítulo 1: “E aqui estou contando a história!”²⁴: digo quem sou, de onde venho e o que me fez partir.

Mulheres nordestinas: quem são elas?

Era 05 de outubro de 1955, uma tarde quente em Sobral/CE, quando o telefone toca na mercearia que ficava bem em frente à padaria do sr. Pedro, e o Joazinho, filho da d. Maria chega esbaforido chamando:

- Sr. Assis! Sr. Assis! Telefone pro Senhor! É o Francisco, tá ligando lá de Manaus quer falar com o senhor, ele disse que é urgente!

Aquele telefone iria mudar radicalmente a vida de toda a família de D. Geralda. O cunhado, que havia mudado para Manaus há alguns anos, estava com a vida consolidada através do comércio e ligara para convidar o irmão (seu marido) para trabalhar com ele. Aceito o convite. O Sr. Assis parte em direção ao novo.

A vida em Sobral não era nada fácil, um casamento realizado a contragosto da família, cinco filhos, os enfrentamentos cotidianos com um marido “mulherengo e viciado em jogo”, fizeram com que D. Geralda depositasse na migração uma grande expectativa e esperança de mudança.

Evidenciar os significados e experiências sociais vivenciadas por mulheres nordestinas migrantes para a cidade de Parintins é nosso objetivo nesse trabalho. Assim como buscar entender os sentidos que cada uma atribui as suas vivências. O que já não é digno de lembrar, e/ou da mesma forma sobre o que marcou e ainda faz sorrir ou chorar é o que pretendemos descortinar.

Neste sentido, compreendemos que, ao iniciarmos este trabalho importa identificá-las e situar as formas como nos encontramos.

Geralda Xavier Prado, 89 anos, viúva, mãe de cinco filhos, dois residentes em Parintins e três em Manaus, filha de cearenses é natural de Sobral-Ceará. De origem humilde, chegou ao Amazonas ainda no final da década de 1950 onde estabeleceu moradia em Manaus, depois de alguns anos mudou-se para Parintins.

Geralda está na cidade desde o início da década de 1960 onde fixou residência e juntamente com seu esposo começou trabalhar em comércio. Dispunham de uma ferragem

²⁴ Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada em sua residência em 12 de fevereiro de 2014.

e dentro dela também vendiam variados artigos de miudezas. Foi uma das primeiras moradoras da Av. João Melo²⁵. No momento de sua chegada, essa via comercial encontrava-se um pouco afastada do centro e concentrava uma quantidade significativa de nordestinos oriundos do Ceará especialmente do município de Sobral²⁶.

O conhecimento sobre o Amazonas ocorreu por intermédio de seu pai que já havia morado no Norte durante algum tempo e devido à falta de adaptação de sua mãe regressaram ao Nordeste, embora o tempo que haviam morado no Amazonas tenha sido suficiente para o nascimento de dois filhos.

Passados alguns anos, já casada e com filhos, seu esposo recebe um convite por parte de um de seus cunhados para trabalhar em Manaus, aceita o convite e na ânsia de conseguir uma vida melhor parte em direção a outras perspectivas. Geralda só vem depois trazendo consigo os cinco filhos.

O primeiro contato com Geralda ocorreu de maneira involuntária e surpreendente, já tinha informação que na Avenida João Melo residia algumas mulheres nordestinas, mas, não esperava que fosse me deparar com ela na primeira busca, lembro que andando pela calçada avistei de longe uma senhora de cabeleira branca sentada em companhia de outras mulheres, sentada bem na minha direção, imaginei que poderia ser ela, então me aproximei e ao me identificar, perguntei se conhecia alguma mulher que tivesse vindo do Nordeste para o Amazonas, prontamente ela afirmou que sim, e disse que também viera do estado do Ceará.

Com sorriso no rosto e um olhar acolhedor se dispôs a conversar comigo como se já me conhecesse, me tratou com generosidade e simpatia. Depois de algum tempo conversando ali na calçada perguntei se poderíamos marcar outro dia para que o registro da entrevista/conversa pudesse ser feito, sem hesitar, disse que sim. Então ela pediu que

²⁵ Essa avenida é uma das principais vias comerciais da cidade e localiza-se na parte central da mesma.

²⁶BRAGA, Liliane dos Santos. **A trajetória de migrantes nordestinos que adquiriram estabilidade social no município de Parintins**. 2008. Monografia. Departamento de História. Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Nesse trabalho a autora traz importantes informações acerca dos primeiros comerciantes nordestinos que se fixaram em Parintins, apontando a partir de seus relatos como chegaram à cidade e paulatinamente foram se consolidando como grandes empresários da mesma, também indica a efetiva participação das redes de solidariedades presentes no cotidiano dos sujeitos migrantes, no caso em questão do seu trabalho, os homens nordestinos. E, de acordo com dados do IBGE (2010), Sobral possui uma área de 2.122, 897 km². Criado na segunda metade do século XVIII congrega uma população de aproximadamente 190 mil habitantes, com estimativa para ultrapassar 200 mil habitantes em 2015. Está a 240 km de distância da capital cearense, Fortaleza. Apresenta destaque econômico na área industrial de calçados. Para mais informações sobre a o município de Sobral e outros do Estado do Ceará ver: BARBOSA, Maria Nivania Feitosa; PEREIRA, William Eufrásio N.; MORAIS, Ana Cristina dos Santos; OLIVEIRA, Aline Alves de. **A dinâmica das cidades médias do Estado do Ceará: uma análise do emprego formal e do número de estabelecimentos (1990-2010)**.

eu retornasse dois dias depois. Foi o que fiz. Ao chegar a sua casa no dia combinado, me levou a varanda onde duas cadeiras de balanço já estavam nos aguardando, lugar que Geralda gosta de estar no final da tarde, e foi nesse espaço que me recebeu.



Imagem 1: Geralda Xavier Prado
Fotografia de: Patrícia Silva

Nota-se com isso que a atitude de Geralda em preparar o momento para entrevista, sob a perspectiva de Portelli (2010), só toma forma de narrativa oral a partir de um encontro com o pesquisador em seu trabalho de campo. E, dessa maneira parar um período de seu tempo para contar sua história permite que haja uma relação em voga entre o pesquisador e sua fonte, mesmo que seja na troca de olhares, essa relação de trocas também é estabelecida entre a história e a memória, não de forma desconexa, mas de maneira dialógica.

Assim, Portelli nos instiga a pensarmos sobre o que torna a história oral diferente, que na sua ótica é justamente aquela que:

Nos conta menos sobre eventos que sobre significados (...) Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.²⁷

²⁷ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente?** Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997, p.31.

Essa “luz” lançada no cotidiano dos sujeitos diante dos eventos vividos e narrados por eles, é, o elemento chamado de precioso por Portelli ao se referir as fontes orais diante do historiador. A subjetividade. Nesse sentido o que está em jogo, não é apenas o ouvir e o narrar, mas toda a gama de preciosidades que estão dispostas no momento da entrevista quando tratamos de história oral.

Há uma variação de sentidos que é engendrado no ato da narrativa, podemos apreender gestos, sensações, tom de voz, expressão facial, a interrupção de uma fala por um momento de silêncio, uma lágrima que escorre enquanto um dado momento vivido vem a tona, a respiração que muda repentinamente. Em síntese, o que faz a história oral diferente, não é apenas os elementos práticos, como um gravador, um caderno de campo, etc. É sem dúvidas, a polissemia de sentidos, entre o historiador diante do seu ofício e o sujeito diante do ato de narrar sua história.

Luzia Viana da Silva, casada, 64 anos, mãe de sete filhos, sendo três biológicos e quatro adotivos é natural do interior do Ceará, durante nossa conversa não conseguiu lembrar o nome do interior, apenas afirma que “é no interior, cidade do interior é que eu nasci no interior. Aí depois fui morar lá em Sobral”²⁸. Quando tinha aproximadamente cinco anos de idade muda-se com seus pais para Sobral. Aos oito anos sai do Nordeste rumo ao norte do país juntamente com toda sua família. Chega a Manaus em 1961 onde fica até 1970, período em que casa e vai morar em Parintins com seu esposo. E encontra-se na cidade aproximadamente há quarenta e cinco anos.

Luzia soube do Amazonas por meio de dois irmãos seus que vieram a convite de amigos e primos com proposta de trabalho. Depois de algum tempo e já com certa estabilidade financeira convencem o pai a vir, culminando na vinda de Luzia para o Amazonas, a princípio Manaus e posteriormente Parintins.

Desde que chegou a Parintins dedica parte de seu tempo no cuidado com filhos e com a casa, e a outra parte trabalha com seu esposo no comércio de miudezas e variedades que possuem na Avenida João Melo.

Minha conversa com Luzia se deu através de Geralda, quando me aproximei para explicar do que se tratava a pesquisa e da sua importância enquanto sujeito da mesma, a impressão que tive é que não conseguiria obter nenhuma informação de sua parte. Mesmo com um olhar desconfiado e uma postura esquiva resolveu conceder-me uma parte de seu

²⁸ Luzia Viana da Silva, entrevista realizada em seu comércio em 08 de janeiro de 2014.

tempo para conversarmos. À medida que ia falando foi ficando mais à vontade e se colocou a disposição caso precisasse retornar outras vezes o que causou em mim bastante surpresa.



Imagem 2: Luzia Viana da Silva
Foto: Ana Regina Pantoja Guerreiro
Fotografia de: Patrícia Silva

Rita Franca da Silva Costa, 71 anos, casada, mãe de duas filhas e um filho, é natural de Pedra Branca interior de Sobral/CE. Reside em Parintins desde a década de 1970, precisamente a partir do ano de 1973. Possui um comércio de variedades e artigos de cozinha na Avenida João Melo, onde administra juntamente com seu esposo e filho. Suas duas filhas moram em Aracaju-SE.

Soube do Amazonas por intermédio de vários outros nordestinos que tinham migrado para a região e veio na companhia de seu esposo. Nessa época seu namorado Gregório (depois esposo) havia viajado para o norte a convite de um amigo. Depois de alguns meses voltou ao Ceará para celebrarem o casamento e até a presente data residem no centro da cidade.

Rita é prima de Luzia, que já morava em Parintins quando chegou, e foi pela sua indicação que consegui localizá-la. O primeiro contato com Rita foi bastante marcante pois, recebeu-me com um sorriso muito expansivo e com uma ternura no olhar que

difícilmente esquecerei. Com ela foi possível reviver cenas da minha vida no Nordeste à medida que ia narrando suas lembranças.

Em relação a um possível retorno para Sobral, Rita deixa bem claro que não cogita de forma alguma e afirma que se tiver que voltar para o Nordeste, Sobral não é o seu destino, e sim Aracaju-SE onde moram suas filhas. Mas isso é apenas uma possibilidade, por enquanto não sente o desejo de partir, regressar.



Imagem 3: Rita Franca da Silva Costa
Fotografia de: Patrícia Silva

Maria de Fátima Xavier Paulo, 62 anos, casada, mãe de cinco filhos, chegou em Parintins em 1989, onde chegou acompanhada de seu esposo. É natural de Sobral-CE. Atualmente reside no bairro Itaúna II, área considerada periférica da cidade de Parintins. Antes de Parintins morou aproximadamente cinco anos em Óbidos-PA²⁹. Ao chegarem em Óbidos colocaram um pequeno comércio do qual não obteve grandes resultados. Isso, junto com outros fatores propiciou na partida em direção ao Amazonas, precisamente Parintins.

O primeiro contato de Fátima Paulo com a região norte ocorreu através da vinda de seu pai para o Amazonas em virtude de trabalho, embora sua estadia no Amazonas tenha ocorrido de passagem, pois se estabeleceu no Pará por pelo menos quatro anos.

²⁹ De acordo com informações do IBGE (2010), Óbidos é um município do Estado do Pará, localizado na região do Baixo Amazonas. Possui uma população em 2010 pouco mais de quarenta e nove mil habitantes e estimada em 2015 com número que ultrapassa 50 mil habitantes. Ocupa uma área territorial equivalente a 28.021.443 km².

Meu contato com ela se deu por meio de uma sobrinha sua, que foi minha vizinha durante o tempo que morei nesse mesmo bairro, Itaúna II. Lembro que tive um pouco de dificuldade em localizar sua residência, pois não consegui achar de acordo com as coordenadas recebidas, precisei retornar duas vezes a sua sobrinha até obter êxito na busca.

Quando encontrei sua casa fui recebida por uma de suas filhas de maneira muito gentil. Ao se dirigir a minha pessoa, Fátima Paulo, me tratou com muita simpatia o que facilitou a apresentação da pesquisa e de sua importância em compartilhar sobre suas experiências tanto no trajeto quanto no viver para e no norte do país. Após o momento da apresentação pediu que eu retornasse no dia seguinte no final da tarde. No outro dia como marcado, ao chegar à sua casa, encontrava-se lá uma outra sobrinha sua, com um olhar muito desconfiado, chamou Fátima Paulo no canto e falou-lhe algo que não consegui ouvir, mas percebi que estava incomodada com a minha presença, quando se aproximou de mim aproveitei a oportunidade de explicar do que se tratava e então seu olhar mudou, sorriu me desejou boa sorte e se retirou.

Para minha grata surpresa Fátima Paulo havia preparado dois ambientes para nossa conversa, um dentro de sua casa, na cozinha, outro embaixo da mangueira no quintal com duas cadeiras, obviamente optamos pelo segundo já que era um fim de tarde bastante ventilado com clima muito agradável. Tinha orientado seus netos para não fazerem barulho e se arrumado para a ocasião, estava tomada banho, maquiada e perfumada. Era o momento dela³⁰! Momento que iria falar de si, falar de suas trajetórias, trazer a tona experiências ressignificando suas memórias. Como foi bom estar lá! Como foi bom estar com ela!

³⁰Portelli nos aponta que a interação entre o historiador e a fonte cria uma forma completamente nova de contar histórias. Uma pessoa pode ter contado sua história durante toda a vida, mas talvez pode nunca ter sido solicitada a passar uma tarde inteira ou um fim de semana contando-a para um ouvinte profissional receptivo, embora talvez inquiridor. PORTELLI, Alessandro. **O momento da minha vida**: funções do tempo na história oral. IN: FENELON, Déa Ribeiro. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 299.

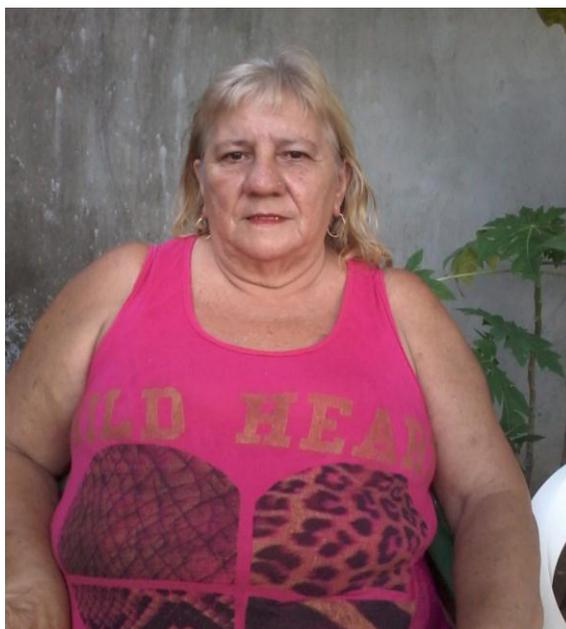


Imagem 4: Maria de Fátima Xavier Paulo
Fotografia de: Patrícia Silva

Júlia Limeira Martins, 86 anos, casada, mãe de onze filhos. É oriunda do município de Baturité-CE³¹, está em Parintins há mais de quarenta anos. Desde sua chegada a cidade não permaneceu diretamente nela, pois em companhia de seu esposo fixou moradia no interior, região do lago do Aduacá próximo ao município de Nhamundá/AM, mas regularmente vinha a Parintins.

Júlia soube do Amazonas através de amigos da família que já haviam mudado para o norte, de acordo com ela, quando surgiu o interesse de saírem do Ceará, a intenção não era ficar em Parintins, mas quando seu esposo juntamente com outro amigo foram comprar as passagens receberam a proposta de um cearense que estava a passeio no Ceará e como já eram conhecidos, insistiu para que viessem juntos para Parintins, o marido de Júlia ainda resistiu um pouco, mas cedeu e aqui chegaram.

A forma como cheguei a Júlia foi bem interessante e inesperada, estava na casa de sua nora, a próxima mulher que apresentarei, e conversando sobre a pesquisa ela aproximou-se e apresentou-se como nordestina, perguntou se poderia ajudar também. Disse que sim! Daí marcamos outro dia para que pudéssemos realizar o registro. Ao chegar no dia e horário combinados, ela já estava no meu aguardo, ansiosa para falar, mesmo sentindo muitas dores, mas não quis deixar para outro momento. Aconchegou-se

³¹ Segundo dados do IBGE (2010), o município de Baturité é constituído de três distritos: Baturité (sede), Boa Vista e São Sebastião. Seu nome de origem indígena é atribuído a etnia Baturité que vivia na serra em que se encontra o município. Possui uma população com pouco mais 33 mil habitantes com estimativa para 2015 para ultrapassar a marca dos 34 mil em 2015. Ocupa uma área territorial de 308.581 km². está a 108 km de distância da capital Fortaleza.

na rede que estava na varanda da casa e me colocou sentada à sua frente. Ao perceber que já não estava mais aguentando as dores em suas pernas resolvi encerrar a gravação e agradei pela cooperação. Quando se levantou da rede caminhando com bastante dificuldade dirigiu-se a minha direção, com gestos suaves apertou minha mão e beijou-me a testa.



Imagem 5: Júlia Limeira Martins
Fotografia de: Patrícia Silva

Maria de Fátima da Costa, 59 anos, casada, mãe de um casal de filhos, nora de dona Júlia, mulher mencionada linhas acima, é natural de Sobral-CE. Está em Parintins desde o início dos anos de 1990. Durante alguns anos trabalhou com comércio tipo mercearia e depois açougue.

Fátima Costa soube do Amazonas porque já tinha dois irmãos que moravam em Parintins, foi por intermédio de seus irmãos que conheceu seu esposo em uma das viagens que fizeram ao Ceará, nesse processo o contato ficou cada vez mais próximo, através de telefonemas e correspondências, o enlace tornou-se inevitável e consumado em 1990, ano de sua chegada.

Conheci Fátima Costa através de uma amiga, Dayana Leão, quando conversávamos sobre estudos, na ocasião indagou do que se tratava a minha pesquisa, quando falei, prontamente afirmou que conhecia algumas mulheres nordestinas e perguntou se eu desejava conversar com uma delas, foi aí que me levou até Maria de Fátima. Fui recebida com um olhar sereno, um ligeiro sorriso em seu rosto, além de um tratamento repleto de simpatia. Após expor sobre o motivo de minha ida até ela, e antes mesmo que perguntasse se poderia voltar em sua residência, ela mesma se pronunciou pedindo a minha volta. Foi incrível!



Imagem 6: Maria de Fátima Costa
Fotografia de: Patrícia Silva

Maria Zenaide Souza, 55 anos, casada, mãe de um casal de filhos, natural de Massapê-CE³², está em Parintins desde 1981. Em sua residência funciona uma mercearia administrada por ela e seu esposo.

³² De acordo com dados do IPECE (Instituto de pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará) e IBGE (2010), o município de Massapê localiza-se a noroeste cearense criado em 1897. Estabelecendo limite ao sul com Sobral. Possui uma população estimada em 2015 acima de 37 mil habitantes. Ocupa área territorial de 566,581 km². Massapê foi um distrito criado com a denominação de Serra Verde, pelo ato provincial de 04-02-1852,

Sua aproximação com Parintins ocorreu por intermédio de um de seus irmãos mais velhos que já morava na cidade, sua chegada é marcada por uma tragédia, um fato muito triste, falaremos com mais detalhes sobre esse ocorrido mais a frente. Cinco anos depois de sua chegada, conheceu seu esposo que também é cearense, e mesmo morando em um município vizinho ao seu, no Ceará, só o conheceu em Parintins.

Conheci Zenaide pouco tempo depois que cheguei a Parintins, estava grávida de quase quatro meses e na ocasião fazia aulas de bordado oferecido pelo grupo de mulheres da Primeira Igreja Batista, ela também era uma das integrantes. Sempre mantivemos uma relação de muito respeito e carinho, fator esse que não dificultou em expor o objetivo da pesquisa quando lhe procurei, sem hesitar aceitou e pediu que eu fosse no outro dia na sua casa no início da noite, foi o que fiz.

Quando cheguei a sua residência já estava no meu aguardo, mais do que isso, já havia preparado um canto especial para nossa conversa, tinha se preocupado em arrumar um ambiente agradável e tranquilo. Havia colocado ao lado das cadeiras onde estávamos sentadas uma mesinha com fotos dos seus filhos externando o orgulho de vê-los realizados acadêmica e profissionalmente. Com os olhos cheios de lágrimas, parada contemplando os filhos na fotografia compartilhou a alegria de viajar no mês de dezembro de 2015 ao Ceará para casar os dois filhos. Mesmo tendo os filhos longe de seus cuidados, Zenaide faz questão durante muitos momentos de nossa conversa em deixar evidente do quanto gosta de Parintins, ou melhor, como ela mesma falou: “ eu amo aqui Parintins, sinceramente, eu amo!”³³

subordinado ao município de Santana. Elevado à categoria de vila com denominação de Serra Verde, pela lei estadual nº 398 de 25-09-1897, desmembrado de Santana. Pela lei estadual nº 540, de 10-08-1899, a vila de Serra Verde passou a denominar-se Massapê.

³³Maria Zenaide Souza. Entrevista realizada em sua residência em 13 de outubro de 2015.



Imagem 7: Maria Zenaide de Souza.
Fotografia de: Patrícia Silva

Geni de Medeiros Cursino, 75 anos, viúva, mãe de oito filhos biológicos e uma filha adotiva. Natural de Solânea-PB³⁴, chegou em Parintins no dia 13 de junho de 1953 aos treze anos de idade na companhia de seus pais e mais cinco irmãos.

Geni conheceu Parintins pelo fato de um de seus irmãos morar e trabalhar como agrônomo na cidade. Depois de algum período e com certa estabilidade financeira convence seus pais deixarem o Nordeste. Ao chegar vai morar com sua parentela em uma comunidade chamada de Miriti que fica próxima à cidade de Parintins.

Soube de Geni há aproximadamente três anos, quando um de seus filhos estava concorrendo às eleições para prefeitura, a menção feita a sua pessoa evidenciava atos de generosidade, no entanto não sabia que era nordestina. Passado esse período, ouvi novamente o seu nome, agora era tia Geni, Hiana uma sobrinha sua e aluna (fizemos uma disciplina no mestrado), havia comentado que seria bom conversar com ela, tentou estabelecer o contato, mas não conseguiu por razões de saúde. Por sorte, resolvi um dia passar na casa de uma conhecida muito bem relacionada na cidade, sabia que ela tinha casado com um paraibano, pensei que também fosse, para minha frustração ela é natural do interior de Parintins, só seu esposo que era, mas me indicou sua cunhada, e sem esperar fiquei surpresa quando falou seu nome, Geni.

Quase sem acreditar que era a mesma Geni que tinha ouvido falar anos antes e que também era a tia de Hiana, fiquei quieta e em silêncio quando Rosinha em um gesto inesperado pegou o telefone e já discando pra ela olhou pra mim e disse: hoje você

³⁴Segundo o IBGE (2010), o município de Solânea está a 143,7 km de distância da capital João Pessoa. Possui uma população com 26.693 habitantes e estimativa para 26.734 habitantes em 2015. Ocupa uma área territorial de 232,970 km². Fundado em 30 de dezembro de 1953, tem como principal bioma a caatinga.

conversa com ela. Mas não foi bem assim. Após Rosinha ter explicado do que se tratava ela recusou-se, não queria conversar, disse que não tinha mais cabeça pra lembrar das coisas e que era melhor eu tentar outra pessoa, fiquei preocupada e antes que o telefone fosse desligado pedi pra falar com ela.

Com o coração aflito e uma calma imensa na voz ponderei sobre a pesquisa, ela retrucou, falei da importância e ela disse não. Expus sobre a necessidade de registrar suas memórias, ela disse que já não tinha há muito tempo e que eu procurasse uma das pessoas que já haviam feito trabalho em grupo sobre sua vida, foi aí que a situação mudou. Externei que se tratara de um trabalho de cunho individual e que não tinha conhecimento do que fora realizado por outros, mas a sua contribuição seria de grande valia, ela balançou. Perguntou se tinha que ser mesmo naquela hora, eu disse que não, a hora ficava ao seu critério. Então pediu que eu fosse à sua casa naquele mesmo horário no dia seguinte, fez questão de passar seu endereço.

Ao chegar em sua residência fui recebida por uma vizinha que informara sobre sua saída e que não iria demorar, esperei por volta de uma hora, mas não chegou. Decidi sair e retornei uns quarenta minutos depois, ela já se encontrara e fez questão de me receber no portão, desculpou-se pela saída explicando o motivo. Arrumou as cadeiras em sua varanda de frente para o seu jardim, lugar que gosta de olhar as plantas. Estava tensa com o que poderia esquecer, acalmei dizendo que não se preocupasse e que falasse o que viesse a mente. Ela sorriu. Quando começou não queria parar. Geni não só falou de sua trajetória, me levou para conhecer cada canto de sua casa e o que eles significam para ela. Abraçou-se com o porta retrato em que está em volta dos nove filhos e com os olhos cheios de lágrimas ao lembrar das dificuldades vividas, falou: “eles venceram! Eu também venci!”³⁵

³⁵Geni de Medeiros Cursino. Entrevista realizada em sua; residência em 03 de dezembro de 2015.



Imagem 8: Geni de Medeiros Cursino
Fotografia de: Patrícia Silva

Ouvir essa expressão “eu também venci!” me fez pensar em uma vez mais em Portelli, quando afirma que “as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”³⁶. Nesse sentido, Geni ao olhar para o passado que vivera ao mesmo tempo que faz isso olhando para dentro de si, traz à tona um dos pontos fundamentais da narrativa, ao enfatizar sua vitória através da realização pessoal e profissional de seus filhos, deixa claro o quanto sua participação foi fundamental nesse processo. Agora ela não só pensa que fez algo na construção moral de seus filhos, se reconhece nesse processo, porque se vê nele.

O contato com Geni e as outras mulheres possibilitou perceber que os relatos orais configuram paisagens onde relações afetivas são traçadas durante suas vivências. Também foi possível notar que cada relação ou uma nova relação pode ser constituída por sujeitos que se permitem ouvir. Diante de suas trajetórias novas experiências surgem a sua frente, e conseqüentemente novos significados foram e são atribuídos, uma vez que não só elas, mas todos os sujeitos, constroem significados para e diante de suas vivências.

As mulheres dentro de suas particularidades apresentam características distintas entre si, no bojo dessa pesquisa, buscamos identificar e valorizar os pontos em comum entre elas. As destacamos nesse momento da dissertação pela possibilidade de visibilizar cada uma diante de seus percursos e, como elementos de fixação familiar, o que nos leva afirmar que elas atuam como nós de ligação entre os que partem e os que ficam. Elas

³⁶PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente?** Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997, p. 31.

demonstram o movimento migratório pautado na família a partir dos seus próprios processos. Assim, as regiões Norte e Nordeste se configuram como espaços de deslocamentos em função dos reagrupamentos que lhes envolvem diretamente.

Não podemos deixar de destacar algumas características que as tornam diferentes. Embora, tendo saído, na sua maioria, do mesmo espaço nordestino como o interior do Ceará, e uma do interior da Paraíba, as ênfases trazidas nas narrativas evidenciam alguns fatores que marcam a trajetória das mulheres em questão. O que de certa maneira indica os distintos modos de inserção em Parintins.

Geralda, filha de lavrador e comerciante autônomo, função essa que desempenhava em alguns períodos do ano, sua mãe, dona de casa. Cresceu em um lar com onze filhos, sendo sete homens e quatro mulheres. Desde muito cedo desenvolveu habilidades de trabalhar em comércio. Casou-se aos 16 anos e junto com o marido, Assis, mantinha um pequeno comércio como forma de sustento familiar. Diante de algumas dificuldades, dentre elas financeira, seu esposo recebe um convite para trabalhar com um irmão que morava em Manaus e estava muito bem economicamente, meses depois providencia a sua vinda e dos cinco filhos.

Luzia, filha de ajudante de pedreiro e de dona de casa, nasceu em um interior de Sobral-CE, em virtude de grandes dificuldades que seus pais enfrentavam para conseguir manter o sustento da família, num total de seis filhos, sendo quatro mulheres e dois homens, migra ainda criança para o Norte. Chegando em Manaus seu pai consegue trabalhar como autônomo e sua mãe como costureira em uma fábrica de chapéu. Anos depois, parte em direção a Parintins em virtude de seu casamento, e junto com o seu esposo, Raimundo, mantem um pequeno comércio de variedades no centro da cidade.

Júlia, filha de lavrador e de dona de casa, vem de uma família de doze filhos, sendo dez mulheres e dois homens. Começa, trabalhar ainda na infância para ajudar o pai na roça. Atividade essa que se estende até o seu casamento e continua mesmo depois que os filhos nascem, como forma de ajudar o marido no sustento. Enquanto seu esposo, Francisco, preparava a terra para o roçado, ela preparava a farinha no intuito de comercializar, e que segundo suas palavras, *“era o maior sacrifício para vender”*.

Zenaide, filha de lavrador, criador de gado e dona de casa, cresceu ao lado de catorze irmãos. De acordo com sua narrativa, não deixa transparecer dificuldades financeiras no seio familiar, muito pelo contrário, ela informa que durante a semana

ajudava seu pai, na companhia de seus irmãos, em que colhia algumas frutas do sítio para vender na feira todo final de semana, enquanto isso, sua mãe preparava queijo para também vender. Essa prática fazia parte da rotina familiar.

Rita, filha de agricultor e criador de gado, sua mãe, dona de casa. Vem de uma família de oito filhos, em que três já são falecidos. Destaca que o trabalho na roça era exercido apenas pelo pai, e que só desempenhava os trabalhos domésticos assim como os demais irmãos. Sua relação com o comércio se inicia a partir do seu casamento. Até hoje, mantém um comércio de variedades no centro da cidade de Parintins, em que trabalha ao lado do marido e de seu filho.

Fátima Costa, seu pai era agricultor e criador de gado, sua mãe, dona de casa. Vem de uma família de nove filhos. Sua rotina, semelhante à dos irmãos, era dividida em ajudar o pai na roça e estudar. Concluiu a quinta série, segundo suas palavras “*era até aonde tinha, até onde dava, né!*”, para ela, já era suficiente saber fazer contas e assinar seu nome e documentos. Desde que casou com seu esposo, Expedito, o sustento familiar é a base de comércio.

Fátima Paulo, seu pai trabalhava cuidando de gado e plantando roça, sua mãe, dona de casa. Cresceu ao lado de seis irmãos. Chegou ao Norte por influência do seu pai que havia sido contratado para cuidar de gado no interior do Pará, nessa época, já estava casada e com filhos, quando seu esposo, Antônio, acompanha o sogro na mesma empreitada. Com o passar dos dias e a necessidade de sustentar os filhos, Fátima Paulo, parte ao encontro do esposo carregando os cinco filhos pequenos. E, como alternativa de trabalho montam um pequeno comércio em Óbidos-PA, depois partem rumo a Parintins, onde dão continuidade.

Geni, filha de agricultor e de dona de casa, vem de uma família composta por oito filhos. Embora, apresente a mesma origem como as demais mulheres, em que veio de uma família composta por muitos filhos, em que o sustento é retirado da terra, ela destaca que seu pai era agricultor, o que a diferencia das outras mulheres no âmbito financeiro. Em sua narrativa não deixa transparecer algum tipo de dificuldade enfrentada por seus pais, mas, que um de seus irmãos trabalhava como agrônomo e possuía um cargo de chefia em Parintins, tal estabilidade, provavelmente, facilitou no convencimento dos seus pais deixarem o Nordeste. Outro ponto que marca sua diferença, é a ligação política presente em seu círculo familiar. Segundo sua narrativa “*meu pai era louco por política, meus tios,*

avós, tudo era doido por política”. Isso explica o fato de que um de seus irmãos, Geraldo Medeiros, já foi deputado estadual algumas vezes, um dos seus sobrinhos, vereador, o seu filho mais velho, Messias Cursino, chegou a ser vice-prefeito por oito anos, e um outro filho, Tony Medeiros, que já foi deputado estadual, hoje é o vice-prefeito de Parintins. Além, de algumas atividades de cunho social desenvolvidas por ela durante alguns anos na cidade.

Suas experiências e trajetórias de vida, mesmo que tenham saído do Nordeste e entrado no Norte de formas semelhantes e distintas, suas narrativas apontam não só para os elementos que as aproximam como sujeitos sociais e históricos dessa pesquisa, sobretudo, indicam os subsídios que as diferenciam. Temos com tudo isso, histórias permeadas de simplicidade e grandes dificuldades, assim, como também temos, histórias que estabelecem relações de poder na conjuntura que envolvem cada uma das mulheres nordestinas.

Os motivos de sair de lá...

Inserida na dinâmica dos deslocamentos sociais, a migração, também, compreendida como fenômeno social imprime significados tanto de âmbito individual quanto coletivo na vida de todos os sujeitos que vivenciara e ainda vivenciam o processo migratório na própria pele. Nessa direção, Alice Beatriz Lang³⁷ coloca que a migração é um fenômeno complexo imbuído de diferentes significados, especialmente aos de âmbito coletivo e individual. No caráter coletivo, o deslocamento tanto do lugar de onde se está saindo ou entrando, a migração pode ser analisada por meio de dados estatísticos levando em consideração os fatores atuantes tanto na atração quanto na expulsão presentes nos locais de saída e de destino.

Enquanto processos individuais ou experiência pessoal, conforme denomina aquela autora, a migração, pode ser percebida como uma etapa que se desenrola por meio do trajeto migratório que é realizado em partes, ou seja, em processos. Sendo assim, a migração caracterizada como fenômeno que emerge do ser social se constitui em espaços de deslocamentos, e esses espaços não se restringem apenas ao aspecto físico, pelo contrário, se estendem ao campo do simbólico que é repleto de sentidos.

Vale ressaltar que falar de migração é considerar a complexidade existente na mesma, haja visto que não se trata de pertencer a um único campo do conhecimento, e nem poderia. Investigar sobre suas problemáticas apenas de uma única esfera do saber seria muita pretensão. Importantes abordagens sobre migração tem sido realizadas em variadas áreas das ciências humanas, exemplo disso é a Geografia³⁸ e seus estudos

³⁷LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História oral e migração:** a questão do regresso. *Oralidades: Revista de História Oral*, 2. 2007, p. 15 – 31.

³⁸VALE, Ana Lia Farias. **Migração e Territorialização:** as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR, 2007. Tese (doutorado) – Departamento de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista do Campus Presidente Prudente, na Área de Desenvolvimento Regional.

populacionais, a Demografia³⁹, a Sociologia⁴⁰, a Antropologia⁴¹ sem deixar de mencionar as contribuições da própria História⁴².

Temos com isso, uma evidência de que falar de migração é muito mais complexo do que se pensa, cada ponto de vista preocupa-se com aspectos distintos entre si, mas não desconexos. Dessa forma, é possível dizer que se trata de um processo, ou melhor, processos migratórios e os mesmos devem ser analisados, estudados e verificados a partir de uma variada gama de análises.

Desse pressuposto, entender a migração como fenômeno social, significa dizer que, ao migrar o sujeito não está isento de exercer o seu desejo de mudar, e essa mudança pode se dar em várias óticas, como moradia, cidade, estado, região ou até mesmo de país. Nesse ato de partir, o lugar de origem se apresenta como um espaço de saudade ou não, espaço que fala sobre o não conformismo de quem está saindo, a não aceitação por uma vida marcada por dificuldades, por isso a decisão de ir embora. Nesse caso, os que tomam essa decisão de querer sair só ou levando consigo os familiares rompem com vínculos estabelecidos e abrem caminhos na intenção de construir outros rastros de oportunidades.

Esse ato de partir, sair, ou chegar a um lugar novo permite que possamos ver os sujeitos em trânsito, não precisamente levados por algo que lhe seja externo, distante, porém, é possível perceber seu movimento em busca das suas próprias possibilidades, dos seus desejos, de novas e outras perspectivas. A migração, nesse caso, imprime o anseio de “melhorar de vida”⁴³.

Na busca por uma vida melhor, Franciane Gama Lacerda, embora em um período bem anterior ao proposto aqui, discute as relações empreendidas pelos sujeitos frente aos seus processos migratórios, dentro de uma ampla discussão historiográfica levanta questões acerca das ações dos próprios sujeitos em partir. A autora coloca o migrante,

³⁹MANETTA, Alex. **Dinâmica populacional, urbanização e ambiente na região fronteira de Corumbá**. Campinas. São Paulo, 2009.

⁴⁰MACIEL, Lidiane Maria. **O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP**, 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-SP.

NOGUEIRA, Verena Sevá. **Sair pelo mundo**. A conformação de uma territorialidade camponesa, 2010. Tese (doutorado) – Departamento de Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas – SP.

⁴²GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia** – Campinas, SP, 1999. Tese (Doutorado) – Departamento de História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas-SP.

⁴³PEREIRA, José Carlos Alves. **O lugar desmanchado, o lugar recriado?** Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional. Campinas, 2012. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – SP.

nesse caso, o nordestino cearense em relação ao Pará, como alguém que decide, como sujeito que é ativo. Norteia sua discussão basicamente em duas linhas que:

Inicialmente trata-se das compreensões que a historiografia foi dando ao longo do tempo ao tema, cristalizando, num certo sentido, perfis dos migrantes e igualmente simplificando, numa relação de dominantes e dominados, as vivências do grupo no Pará. Um segundo aspecto é ligado à decisão do próprio migrante de se deslocar do Ceará, o que nos levou a perceber que, longe desse ter sido uma decisão apenas dos poderes públicos do Ceará e do Pará, os atingidos pelas secas também exprimiam seu interesse ou não de sair do sertão⁴⁴.

Vale destacar que essa abordagem feita por Franciane Lacerda diz respeito aos deslocamentos propagados e financiados via estatal durante o período áureo da borracha. Contudo, auxilia compreendermos de que maneira o contato entre esses dois mundos completamente distantes e distintos entre si vão ficando cada vez mais próximos e entrelaçados. Assim podemos afirmar que as causas incutidas na migração muitas vezes colocadas sob aspectos gerais das condições “socioeconômicas”⁴⁵ e dentro de uma “perspectiva regional”⁴⁶, extrapola essa forma de pensar, vai além, a migração passa a ser estudada não apenas como fenômeno meramente ligado às implicações geográficas e suas circunstâncias, ela passa a ser eminentemente, social. E o contato entre Norte e Nordeste torna-se inevitável.

De um lado o Nordeste como espaço de saída, de outro o Norte, como espaço de entrada. Uma questão se coloca, para nós, o Amazonas se configura como palco e cenário do entrelaçamento, físico, geográfico, econômico, cultural e social. Temos aqui, dois mundos que se cruzam, se fundem e se diferenciam.

⁴⁴ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889 – 1916)**. Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA) / Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010, p. 19

⁴⁵ FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 34 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Para que haja um outro ponto de análise acerca do pensamento de Celso Furtado a indicação de PELLEGRINO, Anderson César Gomes Teixeira. **O Nordeste de Celso Furtado: sombras do subdesenvolvimento brasileiro**. Campinas-SP, 2003.

⁴⁶ CARVALHO, José Otamar de. **O Nordeste semi-árido: questões de economia política e de política econômica**. Campinas-SP, 1985. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Economia. Essa tese ajuda discutir o conceito de regional acerca do Nordeste, porém é na perspectiva de Durval Muniz em “A invenção do Nordeste” que teremos uma abordagem mais holística sobre o conceito de região e os elementos responsáveis tanto em forjar a região como tal, tanto na difusão e apropriação dos mecanismos legitimadores.

Esse entrelaçamento é bastante visível em Arthur Reis (1953), na sua obra o “Seringueiro e o Seringal”⁴⁷ onde discorre acerca do contato estabelecido entre nordestinos e amazônidas, e de que maneira essa fusão vai paulatinamente modificando os hábitos, linguagem, formas de perceberem o mundo dentro de uma perspectiva religiosa, de um lado uma cosmovisão pautada no catolicismo e do outro uma indígena, ambas não deixam de existir e nem de fazer-se, apenas se transformam. Diante disso, novos arranjos sociais são constituídos na Amazônia, no Amazonas como é o nosso caso.

Sobre esse apontamento, podemos afirmar que a participação feminina marcou e ainda marca importantes fluxos migratórios na dinâmica social brasileira, dessa forma é notório concordar com Chaves (2009) ao mencionar que:

A invisibilidade das mulheres nos estudos de migração tem suas raízes na prevalência de certo descaso no que diz respeito à importância da condição social feminina, acrescida de certo vagar na incorporação de mudanças que acontecem desde pelo menos os anos 70 no status e papel da mulher na sociedade⁴⁸.

Como também indica Bassanezi (2013) ao enunciar que:

“Migrar é coisa para homem”, costuma-se dizer sem pensar, sem atentar para estatísticas, fotos, depoimentos, histórias de famílias. Sim, as migrantes têm uma história. Desde sempre elas têm migrado, frequentemente na companhia de familiares, amigos e conhecidos em busca de melhores condições de vida e trabalho, mas migram também sozinhas, não só à procura de emprego, mas de independência, de casamento, ou até para fugir de discriminações e violências⁴⁹.

Com isso, se faz necessário discutir sobre o papel desempenhado pelas mulheres diante de seus processos migratórios, ou seja, abordar a temática da migração pelo viés feminino é fazer com que essa perspectiva seja vista como objeto de análise, levando em consideração dentre tantos, os motivos que as fizeram partir, ou melhor, os motivos de sair de lá.

Rita Costa elucida que o motivo de sua saída do Nordeste se deu da seguinte forma:

⁴⁷ REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O Seringueiro e o Seringal**. Ed. do serv. de Informação Agrícola, série Documentário da Vida Rural (5). Rio de Janeiro. Serv. Graf. Ibge, 1953.

⁴⁸ CHAVES, Maria de Fátima Guedes. **Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981 – 1991**. São Paulo, 2009, p.14. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Departamento de Demografia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível na biblioteca digital da Unicamp.

⁴⁹ BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.169.

Primeiro eu tava namorando com esse meu marido que é hoje, ele veio pra cá, passou oito meses aqui (Parintins) e depois voltou pra lá, nós casamos e logo que casamos viemos embora pra cá. Ele veio primeiro, aí com oito meses ele foi pra lá me buscar, nós casamos, e vim embora pra cá. Tivemos nossos filhos aqui. Até que nós se demos bem aqui, graças a Deus!⁵⁰

Geralda Xavier menciona que a sua saída do Nordeste teve a seguinte motivação:

Tinha um cunhado meu aqui que morava lá em Manaus, na Barão de São Domingos, era um grande comerciante, então ele ligou pro meu esposo, ligou pra ele e ele chamou que ele viesse trabalhar com ele, então ele veio com mais ou menos seis meses antes. Meu esposo veio primeiro, depois ele me ligou, mandou que eu viesse com a família, vim de lá com os filhos, já casada e com a filha de com doze anos. Chegamos em Manaus. Passei lá um bucado de ano e depois eu vim pra cá. Aí chegamos aqui. Vim pra acompanhar meu esposo, trabalhava com comércio⁵¹.

A vinda de Geralda, assim como as demais, está diretamente atrelada à constituição familiar. As mulheres que entrevistamos aparecem como elo de união familiar. O que demonstra também seu protagonismo quando articula sua vinda para outro espaço social com os cinco filhos. Sua postura contesta⁵² o papel atribuído às mulheres que deveriam apenas exercer a função de mãe, esposa, dona-de-casa enfim. Sua atitude permitiu que diante das circunstâncias de mudar completamente sua vida, Geralda exerceu o poder de decidir.

Júlia Martins, diz que chegou ao Amazonas, precisamente Parintins, para “trabalhar, ganhar dinheiro, pois foi! Trabalhar pra sustentar, pra ajudar ele (marido) a sustentar a família”⁵³, veio para acompanhar o marido e na perspectiva de melhorar de vida.

Maria de Fátima, diz que:

Eu vim pra cá porque eu conheci o filho dela (aponta para Júlia), aí eu casei, ele veio voltou (Ceará) pra casar comigo. Aí eu vim morar pra cá com ele, a gente foi trabalhar. Nós trabalhava em comércio, aí foi o tempo que eu tive meus filhos⁵⁴.

⁵⁰ Rita Franca da Silva Costa. Entrevista realizada em seu comércio em 17 de fevereiro de 2014, por Patrícia Regina de Lima Silva.

⁵¹ Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada em sua residência em 12 de fevereiro de 2014, por Patrícia Regina de Lima Silva.

⁵² DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. IN: FREITAS, Marcos César. **Historiografia brasileira em perspectiva**. Contexto, 2003.

⁵³ Júlia Limeira Martins. Entrevista realizada na residência de um de seus filhos em 19 de março de 2016, por Patrícia Regina de Lima Silva.

⁵⁴ Maria de Fátima Costa. Entrevista realizada em sua residência em 19 de março de 2016, por Patrícia Regina de Lima Silva.

Seguindo esse raciocínio, Fátima Xavier, evidencia que:

Aí você sabe quando a pessoa tá assim numa fase meia ruim aí o cearense gosta de andar mermo, procurar recurso né! Aí a gente chegou até em Óbidos, em Óbidos nós passemos cinco anos, butemos um comércio lá, não deu muito certo, saí de Óbidos a gente veio pra cá pra Parintins. Aqui nós achamos bom né! É assim, chegemo aqui com nossos filho tudo pequeno, agora tá tudo adulto⁵⁵.

Nota-se que a composição familiar é algo bem presente nas narrativas de Rita, Geralda, Júlia, Fátima Costa e Maria de Fátima. Elas evidenciam como parte central nos motivos envolvidos na saída de cada uma do Nordeste. Mesmo que tenham vindo em momentos e condições distintos entre si, tal composição demonstra que o traço afetivo é um elemento bastante marcante em suas trajetórias.

Ao chegarem acompanhadas ou até mesmo depois de seus esposos, isso corrobora no entendimento de que redes afetivas são constituídas antes, durante e depois de seus processos migratórios. É possível pensar que uma rede construída nesse aspecto favorece na manutenção de ligação entre os que partem e/ou os que ficam no lugar de origem. De acordo com Nogueira (2010), é preciso considerar o papel desempenhado por essas redes levando em conta os meios pelos quais elas se articulam, assim uma ou mais redes podem atuar como:

Condição de possibilidade para outros deslocamentos, de parentes, vizinhos, amigos e conhecidos, num momento posterior. Os primeiros que se mudam hospedam os que chegam depois no destino desconhecido, assim como lhes facilitam a arregimentação de trabalho, e principalmente lhes oferecem um conforto afetivo para superarem as saudades de casa⁵⁶.

Essas possibilidades de amparo e conforto provenientes das redes afetivas ou cadeias⁵⁷ instauradas e constituídas pela migração em seus variados processos contribuem na formação de canais de melhoria na vida dos que estão chegando. As redes, todavia, permitem que por meio de um ou mais deslocamentos a busca por condições melhores de vida seja efetivada.

⁵⁵Maria de Fátima Xavier Paulo. Entrevista realizada em sua residência em 03 de outubro de 2015, por Patrícia Regina de Lima Silva.

⁵⁶NOGUEIRA, Verena Sevá. **Sair pelo mundo**. A conformação de uma territorialidade camponesa. Campinas-SP, 2010, p. 23. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Departamento de Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

⁵⁷TRUZZI, Oswaldo. Redes e processos migratórios. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1. p. 200.

Outro aspecto presente nas narrativas dessas cinco mulheres nordestinas, diz respeito às relações com trabalho, no caso delas, com o comércio. Sobre esse aspecto Dalva Silva (2000), ilumina que:

Se no princípio, a cidade era apenas o ponto de chegada, de passagem, de idas e vindas, vai aos poucos sendo tomada pelos migrantes e se constituindo em palco de novas e conflituosas relações, que se estabelecem a partir da luta que o migrante empreende em busca da conquista de espaço na vida urbana. Atraídos pelo comércio, os migrantes nordestinos foram se aproximando da cidade e esta foi ganhando maior movimento⁵⁸.

Nesse sentido, Pereira (2012) evidencia que as relações empreendidas pelas mulheres em seus processos migratórios se estende

Além das redes como canais de acesso e possibilidades de melhoria vida do migrante no processo migratório, outros canais amalgamados à rede, mas sem se confundir com ela, também contribuem para o alcance, a realização dos desejos, o deslocamento da condição social precária para uma condição melhor⁵⁹.

No bojo dessa discussão nota-se que tanto o Nordeste quanto a Amazônia, especificamente o Amazonas foram se entrelaçando pelas aventuras e desventuras vividas pelos migrantes, isso marcou e ainda marca as experiências vividas pelas mulheres de maneira singular a cada uma, seus desejos e anseios foram e vão sendo (re)formulados com a migração. Diante disso podemos afirmar que o Nordeste é visto como espaço da escassez e o Amazonas como espaço da bonança.

Não se pode negar que a migração estabelece marcos significativos, não só na vida das mulheres, mas como de tantos outros sujeitos que a viveram e vivem na própria pele, marcos não só de cunho objetivo e concreto como sair e chegar mas, sobretudo invisíveis e simbólicos.

Com a migração, as mulheres estão abrindo seus limites, estão instaurando novas fronteiras. Ao sair, cada migrante estabelece uma desterritorialização. De acordo com

⁵⁸SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Migrantes nordestinos e as relações com a cidade**. IN: FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades** – Pesquisa em história. São Paulo: Olho d'água, 2000, p. 175.

⁵⁹PEREIRA, Joé Carlos Alves. **O lugar desmanchado, o lugar recriado?** Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional: Campinas-SP, 2012, p. 117. Esse processo de mudança na vida dos sujeitos quando adentram outros espaços sociais também é percebido em: COSTA, João Marinho da. **Do Ceará a Amazônia**. De soldado da borracha a mestre de obras: história oral de vida de Luiz Anselmo Maciel. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2005.

Rodrigues⁶⁰ a desterritorialização é uma ação construída socialmente, intermediada por processos em que deixa para trás tudo que vivera sem perder as raízes de forma definitiva. Dizendo de outra forma, seja de bom ou de ruim, leva consigo todos os anseios do que poderia ser e não foi, contudo, também leva toda uma expectativa do que poderá vir a ser. Ao chegar estabelece uma nova territorialidade, seja do novo espaço físico a ser ocupado, seja do espaço cultural em choque e em fusão, seja do espaço social que entra em disputa, e seja pelo espaço simbólico, os sentidos que vão sendo atribuídos, experimentados, vividos.

Concomitante a esse argumento, Antônio Alexandre Isidio Cardoso, ao se referir à forma como uma fronteira deve ser entendida corrobora no sentido de que:

Uma fronteira não deve ser definida simplesmente como uma linha divisória, nem como uma espécie de barreira entre sociedades mutuamente inacessíveis, pois, ao contrário, é salutar acentuar os contatos entre os mundos sociais, enquanto espaços de atrito entre valores. Entende-se, portanto, que para além das delimitações territoriais existem fronteiras de sentido, localizadas em meio aos conflitos entre projetos sociais que disputam o espaço, numa tentativa de satisfazer seus intentos⁶¹.

É preciso levar em consideração os elementos inerentes não só do contexto de saída mas, principalmente de onde serão inseridas. Os limites estabelecidos podem atuar como inibidores de possibilidades e oportunidades como podem atuar na promoção dos mesmos. Assim as próprias migrantes, durante suas trajetórias interferem na formação de limites e fronteiras diante de seus processos de territorialização, ou seja, contribuem na constituição de novos sentidos ligados a tomada por um novo espaço físico, cultural, econômico e principalmente social e simbólico.

Vale destacar que o trabalho realizado pelo historiador Alexandre Isidio é de fundamental relevância para que possamos compreender que o perfil de migrantes nordestinos extrapola ao que, durante muito tempo foi e ainda continua sendo difundido, o migrante como alheio aos seus desejos e principalmente as decisões que envolvem o partir ou ficar.

Mesmo tendo um recorte bem anterior ao que é proposto por mim, é possível, com Alexandre Isidio estabelecer um estreito diálogo em relação ao que as fontes dizem,

⁶⁰ RODRIGUES, Renan Albuquerque. Índios Waimiri-Atroari impactados por tutela privada na Amazônia Central. *Novos Cadernos NAEA*, v. 17, n. 1. P. 47 – 73, jun.2014.

⁶¹CARDOSO, Antônio Alexandre Isidio. **Nem sina, nem acaso**: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1847 – 1877), 2011, p. 58. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Centro de Humanidades – Departamento de História.

pensam e percebem diante dos seus fluxos migratórios. Digo isso justamente porque tanto em seu trabalho e especialmente nesse, é notório visualizar a participação das mulheres nordestinas expressando suas vontades, falando de suas angústias, externando suas dificuldades, compartilhando suas dores.

Nessa direção, nossos trabalhos, se aproximam na medida em que podemos perceber que o contato entre nordestinos e amazônicos se deu, muitas das vezes, a partir dos contatos que já existiam, se deu por meio de amigos, familiares, redes de solidariedades mencionadas linhas acima, como elementos fundamentais nos deslocamentos.

Por isso, ressalto que todas as mulheres nordestinas que entrevistamos já conheciam de uma maneira ou de outra a região norte. Todas já tinham em suas vivências a experiência de ver alguém próximo ou conhecido partir em busca de outras possibilidades em direção ao Amazonas. O que de certa forma pode ter contribuído nas decisões de saírem de lá.

Luzia Viana chegou ao Amazonas ainda com oito anos de idade⁶², veio na companhia de seus pais e irmãs, dois irmãos já moravam em Manaus-AM. Segundo ela, vieram por meio de:

Convites de colegas que já moravam pra cá né! E convidaram eles pra vir, e eles vieram pra vê se dava certo trabalhar pra cá, e aí uma opção de emprego pra melhorar de vida, aí deu certo eles ficaram até hoje. É que veio meus dois irmãos na frente, eles vieram pra cá em 58. Eles vieram porque já tinham vindo amigos nosso, primos da minha mãe também, e depois de dois anos mandaram chamar a gente pra cá⁶³.

Tinha um cunhado meu aqui, ele morava lá em Manaus, na Barão de São Domingos, era um grande comerciante, então ele ligou pro meu esposo⁶⁴.

Porque tinha um irmão que morava e trabalhava aqui (Parintins), e nós morávamos lá (Paraíba)⁶⁵.

Zé Capote, que era cearense, tinha ido passear com a família, aí convidaram ele (marido), daí pejejaram até que viemos na companhia dele⁶⁶

⁶² Assim como Luzia, outras mulheres vieram ainda crianças, o que denominamos de migração involuntária, que será tratada no capítulo 2.

⁶³ Luzia Viana da Silva. Entrevista realizada em seu comércio em 08 de janeiro de 2014.

⁶⁴ Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada no dia 12 de fevereiro de 2014.

⁶⁵ Geni de Medeiros Cursino. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2015.

⁶⁶ Júlia Limeira Martins. Entrevista realizada em 19 de março de 2016.

As falas acima são significativas e nos leva a refletir acerca das imbricadas redes de solidariedades em suas vidas, como também nas vidas de muitos outros nordestinos que vivenciaram o mesmo processo, muito embora com motivos diferentes, mas passaram pela mesma experiência de ter alguém já esperando.

Importa refletir sobre o papel das redes de solidariedade nos processos migratórios e de como elas se constituem em importantes elos de comunicação e fixação de tantos outros sujeitos que decidem partir. No caso das mulheres nordestinas, as redes, foram fundamentais nos seus deslocamentos.

A “*opção de melhorar de vida*” se faz presente em todas as falas. Melhorar de vida para essas mulheres não estar diretamente atrelado a questões financeiras, muito embora, o convite a trabalho tenha permitido a vinda dos homens primeiro. Nesse sentido, entendimento que se faz é que o termo “melhorar” está intrinsecamente relacionado à subjetividade dos sujeitos, os valores que defende, os anseios e sonhos de cada indivíduo, é um reflexo do coletivo.

As motivações que estão incutidas em cada vinda diz respeito ao cuidado com os filhos do irmão, em ficar pra trás enquanto o marido se estabelece e manda recursos que ocasione a chegada, é cuidar da casa e dos filhos, partir ao encontro do esposo com cinco crianças pequenas, situações essas, que são diferentes na migração feminina. Manter a família unida parece uma especificidade da mulher.

Ilusão ou não, este é sem dúvida o impulsionador da grande maioria dos migrantes, numa clara expressão do desejo de abolir a exclusão social. Amazônia e Nordeste foram discursivamente confrontados no interior do movimento migratório, dependendo da experiência individual e dos desejos formulados pelos migrantes⁶⁷.

Não resta dúvida de que os sujeitos encontram caminhos, rompem muitos outros. Exercem o desejo de mudar, e, para tal partem em busca de construir os seus caminhos. Com coragem, determinação e até mesmo certezas de que tudo vai dar certo, mas também, com medo, inseguranças e incertezas são elementos que guardados ou não nas mochilas da vida, fazem parte do caminhar.

⁶⁷GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da selva**: histórias da migração nordestina para a Amazônia. Campinas – SP, 1999, p. 258. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História Social.

Semelhante a Luzia Viana, Geni de Medeiros, também veio em companhia de seus pais e alguns irmãos, seu contato com a região norte foi estabelecido por um de seus irmãos mais velhos que já morava em Parintins e sobre isso Geni conta que:

Nós saímos do Nordeste porque tinha um irmão que trabalhava aqui, ele era agrônomo. Viemos a família toda, era meu pai, minha mãe e cinco irmãos. Porque dois, um era esse que morava, eram oito irmãos. Um já morava aqui em Parintins e o outro ficou em Cabedelo⁶⁸.

A forte influência familiar nas narrativas das mulheres nordestinas evidenciam que os motivos de sair do Nordeste, estão atrelados diretamente as questões afetivas principalmente, sem desconsiderar as questões socioeconômicas que as envolviam. Saíram porque já tinham alguém as aguardando na chegada. Saíram porque os que vieram primeiro fizeram esse percurso em busca de trabalho, em busca de novas perspectivas. Ao conseguirem, permitiram e possibilitaram a vinda dos parentes, a vinda das mulheres sujeitos dessa pesquisa.

Zenaide Souza conta que sua decisão de sair do Nordeste se deu da seguinte maneira:

Ah! Foi muito triste! Porque foi na época que teve o acidente do Sobral Santos⁶⁹. E a minha cunhada tava lá pro Ceará e ela vinha e teve esse acidente e ela morreu, né. Aí bem, com duas semanas que ela tinha falecido, aí meu irmão ligou lá pro Ceará querendo que viesse uma das irmãs dele pra cá, e nenhuma tinha coragem de vim, e eu tinha muita vontade de vim, conhecer, ele sempre me dizia que era bom aqui (Parintins), aí a mamãe deixou eu vim. Na época eu não tinha nem mais pai, né! O pai já havia falecido né! E nenhuma tinha coragem de deixar a mamãe, aí eu vim pra cá, aí fiquei morando com ele. Aí conheci meu marido, é de lá também do Ceará, nunca tinha visto ele lá, quase pertinho, no mesmo interior que eu moro⁷⁰.

Ao rememorar o motivo de sua saída do Ceará, Zenaide deixou transparecer um pouco de tristeza em seu semblante somada as lágrimas que inundaram seu olhar. O que parecia ser um desfecho de alegria se tornou em agonia e dor. A cunhada que estava

⁶⁸ Geni de Medeiros Cursino. Entrevista realizada em sua residência em 03 de dezembro de 2015.

⁶⁹ PORTELLI, Alessandro. **O momento da minha vida: funções do tempo na história oral**. IN: FENELON, Déa Ribeiro. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004, p. 306. O referido autor fala do tempo nas narrativas, no que diz respeito as marcas individuais no continuum do tempo. Para esse autor, o tempo em que um evento ocorre pode ser identificado ou referenciado mediante o significado que o sujeito atribui a ele. Isso é evidente na narrativa de Zenaide quando menciona sobre o acidente que vitimou sua cunhada. É a partir desse lamentável ocorrido que ela inicia sua fala. É o ponto que marca sua inserção na cidade de Parintins. É de onde começa sua narrativa.

⁷⁰ Maria Zenaide Souza. Entrevista realizada em sua residência no dia 13 de outubro de 2015.

voltando pra casa, veio a falecer no acidente do Sobral Santos⁷¹ que marcou com grande pesar a vida de inúmeras famílias.

Devido ao seu falecimento, seu irmão recorre a umas das irmãs para lhe ajudar com os filhos, que na ocasião eram todos pequenos e diante de tal conjuntura, o desejo de sair, de conhecer outro espaço atrelado a falta de coragem de suas outras irmãs motiva Zenaide à mudança. Cabe destacar que esse fato, embora de tamanha tristeza, representa um marco na sua trajetória individual, essa tragédia significa uma referência. A partir disso temos a compreensão de que:

A memória das tragédias pertence aos acontecimentos que, (...) contribuem para definir o campo do memorável. Ela é uma interpretação, uma leitura da história das tragédias. É também uma memória forte. Memória dos sofrimentos e memória dolorosa, (...) essa memória deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes ou amigos tenham sofrido⁷²

A memória precisa, portanto, de acordo com Candau (2016), de um ponto referencial na forma como apresenta um acontecimento. É preciso que haja algo marcante, no caso de Zenaide o acidente que vitimou sua cunhada. Contudo, essa referência que permitiu de forma individual a sua saída do Nordeste, também faz menção a tantos outros sujeitos que viveram o mesmo drama, esse fatídico acontecimento narrado por Zenaide é, sobretudo, um acontecimento coletivo.

Com exceção de Geni Medeiros, todas as mulheres entrevistadas são casadas com nordestinos. Ou se conheceram em Parintins, ou já vieram encaminhadas com algum. Podemos refletir que, unir-se a alguém do lugar de origem é de certa forma não romper completamente com as suas raízes, é de certa forma, mesmo estando tão distante, a presença do outro que torna o lugar ausente, presente.

A sua coragem de vir em companhia do irmão reflete sua capacidade decisória, sua iniciativa de buscar em outro espaço novas possibilidades, mesmo que para isso tenha alcançado uma necessidade mais imediata, a de conhecer a terra tão mencionada pelo irmão. Ela vem, se (re)inventa, se apropria e se transforma.

⁷¹ Esse acidente ocorreu em setembro de 1981, na ocasião centenas de pessoas foram a óbito, inclusive a cunhada de Zenaide. Esse navio-motor, nome pelo qual os barcos de grande porte são denominados, era uma referência no transporte pluvial tanto de passageiros quanto de mercadorias. O fatídico acontecimento ocorreu próximo ao porto de Óbidos-PA. Com um excessivo peso devido à quantidade de passageiros e cargas além de não ter tido o cuidado necessário na amarração da carga, o Sobral Santos, não suportou e veio a pique.

⁷² CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 151.

Escrever a história, especialmente a do tempo presente, nos permite caminhar na trama do vivido por cada mulher nordestina, sujeito que na perspectiva desse trabalho, é ativo, social e histórico. Sujeito que traz consigo as marcas das experiências vividas. Essas mulheres carregam na bagagem de suas vidas a construção de suas histórias, ao lembrarem um dado acontecimento, elas revivem, e nesse ato de reviver, estão mais uma vez “construindo sentidos”⁷³ ou melhor, possibilitam na (re)escrita da História a partir de suas vivências.

⁷³ SILVA, Patrícia Rodrigues da. **Disputando espaço, construindo sentidos:** vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM – 1967 – 2010). Manaus: EDUA, 2016.

Antes de partir...

“Tudo eu tinha lá! E com muita bonança (...) Quando cheguei aqui era um lugarzinho muito atrasado (GERALADA, 2014)”;

“A minha vinda do Ceará pra cá foi porque lá na nossa cidade tava ruim (...) Tempo que eu cheguei pra cá ainda era bom agora tá meio fracassado (FÁTIMA PAULO, 2015)”;

“A diferença é que havia só as casas que foram ampliando, ficando melhor né! Que geralmente era só de madeira (RITA, 2014)”;

“Eita! Essa daí é arigó! (ZENAIDE, 2015)”

Muitas vezes retratadas de forma estereotipadas ou vistas como sendo uma única região, o Norte e o Nordeste, para nossas entrevistadas, são regiões que tem se constituído de forma completamente distintas e distantes entre si. As diferenças vão sendo estabelecidas nas falas e os processos de (des)territorializações vão sendo firmados através das disputas/conquistas em vários espaços, sejam geográfico, cultural ou social.

Para que tenhamos uma melhor compreensão do que venha ser esses processos de (des)territorializações, faz-se necessário discutir, mesmo que minimamente, o que venha a ser território e territorialidade. Trago uma perspectiva geográfica para abordar essa questão, haja visto que tais conceitos transitam em outras áreas do saber, dentro de nossas possibilidades de escolhas, a opção foi tomada a partir dos apontamentos de Rogério Haesbaert que pontua o território em duas dimensões:

O território é sempre, e concomitantemente, apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque mais concreto, políticoeconômico) de um espaço socialmente partilhado(...) primeiro, é necessário distinguir território e espaço (geográfico); eles não são sinônimos, apesar de muitos autores utilizarem indiscriminadamente os dois termos – o segundo é muito mais amplo que o primeiro. O território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico (que também é sempre, de alguma forma, natureza); o território possui tanto uma dimensão mais subjetiva, que se propõe denominar, aqui, de consciência, apropriação ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial, e uma dimensão mais espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial objetiva, que pode-se denominar de dominação do espaço, num sentido mais concreto⁷⁴.

⁷⁴ HAESBAERT, Rogério. **O território em tempo de globalização**. etc... espaço, tempo e crítica. n. 2, (4), v. 1, 15 de agosto de 2007, p. 39 – 52.

Podemos compreender a territorialidade como tecida socialmente ao longo do tempo. A medida que um sujeito entra em contato com outro espaço, constituído socialmente, ele não só instaura um novo processo de territorialidade como não se desliga completamente do lugar de origem. Estabelece consigo e com os outros sujeitos processos de (des)territorializações, em que esse processo pode ser medido e pensado como fator relacional entre os sujeitos e o novo cenário social em que está inserido. Pois, ao mesmo tempo em que o sujeito incorpora práticas e valores também transmite hábitos e costumes anteriormente apreendidos no lugar de onde se sai e os vivencia no lugar em que chega.

Já tô com 25 anos aqui no Amazonas, pra cá o que eu estranhei também foi o negócio da alimentação, logo quando cheguei é pra comer tucumã, que hoje é muita coisa, o tucumã, o tacacá, mas eu já me habituei. Esse ano fui passear no Ceará e já senti falta, senti muita falta. Eu falava muito assim: menina! Como é que se acostuma comer aquilo né?! Assim a gente se acostuma com o peixe, gosto muito de comer o peixe, da fruta, aqui já me adaptei né!⁷⁵

Fátima Costa ao falar que “não vive sem o tucumã”, mostra essa incorporação do novo, mas ao mesmo tempo refaz e marca sua identidade nordestina ao falar que:

Quando você vê uma pessoa muito amigada andando de braço, tá socado na casa da vizinha e a da vizinha na sua num dá certo. Eu fui criada assim, nesse sistema: meu pai num gostava de chamar e ficar nas casas, nem da minha avó! Tinha hora da gente ir pra casa da vovó, pra tomar a bênção. Ele era rígido! Se a gente arrumasse namorado ele queria saber o fundamento da família, de tudo ele queria saber. Se era conhecido, se esse rapaz num era casado, se não era bandido. Sempre papai era muito rígido com as filhas mulher, que nós somos oito irmã mulher.

Mesmo vivendo muitos anos no Amazonas, Fátima Costa, ainda carrega consigo hábitos de quando vivera no Ceará. Se considera uma pessoa reservada e que não é dada a “amizades finas”, em decorrência da educação que recebera de seu pai. A rigidez mencionada em relação a seu pai só aparece em sua narrativa em relação as filhas, uma vez que as oito mulheres eram tratadas por ele sob a mesma austeridade. E em relação aos homens? Será que também tinham a mesma cobrança de comportamento? Será que o pai também agia de igual modo nos seus relacionamentos? Procurava saber tudo da família da pretensa candidata a nora? Fica a pergunta. E assim, os processos de (des) territorialidades vai se constituindo.

⁷⁵Maria de Fátima da Costa. Entrevista realizada em 19 de março de 2016.

Concomitante a esse pensamento Ana Lia Farias Vale⁷⁶, discute as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista-Roraima, evidencia o processo de territorialidade a partir das dimensões econômicas, políticas e culturais, onde aborda a presença de nordestinos como resultado na formação de novas territorialidades, uma vez que ocorrem trocas culturais entre o sujeito migrante que chega, nesse caso, o nordestino e os sujeitos que já estão, o que em sua perspectiva possibilita na transformação do espaço mediante a presença e influência do migrante nordestino, ou como ela mesma menciona, de “Amazônia-nordestina” a partir desse entrecruzamento sociocultural.

Diante disso, é possível pensar em alguns fatores que “favoreceram ou favorecem” na decisão de partir e de como os sujeitos migrantes vão sendo estereotipados ao longo de seus processos migratórios. Se a seca é um dos elementos que vem a mente logo que pensamos no Nordeste, isso deve ter uma razão fundante.

Não se trata de negar que ocorram secas, sabemos que ocorreu e ainda ocorre, isso faz parte das ações climáticas e social que assolam o Nordeste. Por outro lado, o que vemos por trás do discurso proferido sobre a seca são os estereótipos constituídos para imprimir um perfil do sujeito nordestino⁷⁷. Não é objeto central dessa discussão perquirir sobre a seca de forma aprofundada, nos referimos a ela justamente para problematizarmos o perfil de sujeito que vai ser constituído e difundido com ela e a partir dela, estou me referindo sobre os ditos “flagelados da seca e retirante”, por exemplo.

Essa imagem ainda figura fortemente no imaginário⁷⁸ socialmente construído acerca do migrante nordestino. Fruto de uma vasta historiografia de cunho mais tradicional⁷⁹ e também de imagens e propagandas veiculadas pela grande mídia⁸⁰, os nordestinos têm sido vistos de forma generalizada como os “coitados”, os “pobrezinhos”,

⁷⁶VALE, Ana Lia Farias. **Migração e Territorialização**: as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR, 2007. Tese (doutorado) – Departamento de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista do Campus Presidente Prudente, na área de Desenvolvimento Regional.

⁷⁷BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – formação social e cultural. Manaus: Editora Valer, Editora da Universidade do Amazonas, 1999. Discute sobre essas expressões que foram criadas como forma de diferenciar o povo local dos nordestinos.

⁷⁸Sobre essa questão do imaginário socialmente construído acerca do migrante nordestino para Amazônia, ver: REIS, Arthur Cezar Ferreira Reis. **O Seringueiro e o Seringal**. Ed. do serv. De Informação Agrícola, série Documentário da Vida Rural (5). Rio de Janeiro. Serv. Graf. IBGE, 1953.

⁷⁹Ver, FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. **Nem sina, nem acaso**: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1847 – 1877). Dissertação (mestrado), 2011. BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia** – análise do processo de desenvolvimento. 2 ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

⁸⁰BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Os famintos do Ceará. In: FENELON, Déa Ribeiro. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

os “miseráveis”. Dessa forma, paulatinamente foram se construindo estereótipos em que a diversidade, a pluralidade e as diferenças se tornaram invisibilizadas diante da homogeneização de um povo e especialmente de uma região, temos então com isso, a invenção de uma identidade nordestina. Temos a invenção do Nordeste⁸¹.

É nesse entendimento que Durval Muniz faz uma rica e ampliada discussão acerca dessa invenção do Nordeste. Segundo ele, o Nordeste é um espaço geograficamente constituído dentro de uma relação de poder referente ao sul e norte do Brasil. Em que de um lado estão aqueles que olham de cima para baixo, aquele que oprime; e do outro, está aquele que olha de baixo para cima, o oprimido, ou melhor, aquele que se deixa oprimir. Uma de suas problemáticas é justamente tentar entender de que forma esse Nordeste foi criado, em outras palavras, visa compreender as noções históricas para essa criação.

O autor busca os elementos legitimadores, assim como busca nos caminhos entrelaçados com a geografia, a linguística e a história, possibilidades na formação espacial de um lugar, não apenas de uma região ou de uma história regional, não apenas como algo cristalizado, sobretudo de um lugar repleto de sentidos.

Eles chamavam de arigó. Eu me lembro que na época que eu estudei no colégio do Carmo, eu gostava muito dos professores e nunca que eles saíram assim com falta de respeito. Só que eles conheciam de longe, pela voz, eles já conheciam, ei essa daí! Toda vida eu gostei, eu achei que toda vida me respeitaram. Que tem muitos que dizem assim: esse daí passa fome lá na cidade dele e vem encher a barriga pra cá!⁸²

Percebe-se na narrativa de Zenaide que ela faz uma ligeira confusão em relação ao estereótipo socialmente construído em relação ao termo arigó. Há uma contradição no seu entendimento. Arigó não era um termo dirigido a um outro cearense, era e ainda é, para todos os cearenses. Ela não consegue dimensionar sua inserção no tom pejorativo dos professores pois não o compreende como ofensivo.

De nós nunca chamaram não né! Mas o cearense chamar de arigó outro cearense, eles nunca chamaram. Eles dizem que arigó é um pássaro. É um cearense que é meio brabo né! Que é o Nunes, é o que tem um comércio na frente do rio. Aí chamava ele de arigó, chamava ele de arigó. Ele ficou com tanta raiva que suspendeu o homem pelo camisa e disse: eu tenho nome, meu nome é Nunes, não é arigó!⁸³

⁸¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

⁸² Maria Zenaide de Souza. Entrevista realizada em 13 de outubro de 2015.

⁸³ Maria de Fátima Xavier Paulo. Entrevista em 03 de outubro de 2015.

Fátima Paulo, assim como Zenaide, é outro exemplo de como essas mulheres compreendem e lidam com esse tipo de estereótipo. Para ela, também, o termo se aplica a pessoas exterior a sua esfera de convívio mais aproximada. Não se reconhece nesse apelido maldizente, mas consegue enxergar outro conterrâneo. Para ela, arigó, é um pássaro. Tal menção, refere-se aos elementos que são socialmente construídos cotidianamente.

É sobre esse espaço, construído pelas memórias, que buscamos entender o viver no Nordeste através das narrativas das mulheres. O Nordeste se configura então como espaço de memórias entrelaçado com a história.

Sobre sua vida no Nordeste, Geralda conta que *“lá não me faltava nada, tudo eu tinha lá. E com muita bonança. Muito maravilhoso lá, muito bom, clima bom, lugar cheio de fartura”*⁸⁴. Essa fala de Geralda com um forte tom de nostalgia nos remete a pensar em um Nordeste farto e ausente de algum tipo de conflito ou dificuldade. Nordeste que na sua perspectiva contrasta com o imaginário socialmente construído e muitas vezes reproduzido sobre seu lugar no cenário brasileiro.

Embora possamos problematizar a recordação de Geralda acerca do seu passado carregado de fartura, é preciso considerar que a motivação de sua migração não foi a falta de recursos ou a miséria, mas as relações familiares. Isso pode ser evidenciado na seguinte fala *“vim pra acompanhar meu esposo. Minha família não queria o meu casamento, nem as galinhas do terreiro não queriam o meu casamento com o meu esposo, porque ele era jogador”*⁸⁵.

Ao lembrar de sua vida em Sobral/CE, Geralda nos leva a pensar sobre o lugar da memória diante de um fato vivenciado por ela. Vale ressaltar que o local de onde Geralda fala é completamente diferente do que fora vivenciado anos antes. Ela fala a partir do seu agora, do seu referencial de presente olhando para o passado. Temos aqui uma questão bastante intrigante, que é justamente a imbricada relação entre tempo, história e memória. Sob essa ótica, Pierre Nora (1993) enfatiza que:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomemos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os

⁸⁴Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada em sua residência em 12 de fevereiro de 2014.

⁸⁵ Essa referência que Geralda faz é em relação a jogos de cartas que seu esposo mantinha com frequência.

usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado⁸⁶.

O referido autor chama atenção para os lugares em que a memória está colocada, ou melhor, enquadrada. Diante disso a relação entre o espaço lembrado e o espaço vivido por Geralda destaca o Nordeste como espaço de fartura e bonança, daí o sentido atribuído por ela ao rememorar sobre sua vivência no Nordeste, “tudo eu tinha lá”.

Em contrapartida, Luzia Viana, embora sendo ainda criança quando saiu do interior do Ceará, afirma que “*tinha muitas barreiras pra nós morar pra lá e aí a gente foi embora pra Manaus. Lembro que minha mãe trabalhava numa fábrica quando chegou em Manaus fazendo chapéu. Lá (Ceará), meu pai era ajudante de pedreiro e por isso foi embora*”⁸⁷

Essas “barreiras” mencionadas por Luzia abrem caminhos para pensarmos sobre algumas dificuldades enfrentadas por ela e sua família no interior do Ceará. Dificuldades que fizeram com que saíssem do interior de Sobral para a cidade. Os motivos que levaram a mudança de um espaço a outro por Luzia e familiares não é detalhada por ela devido ao fato de ainda ser muito pequena.

Ao chegar a Manaus, lembra que “*minha mãe era dona de casa mesmo e trabalhava na fábrica fazendo chapéu*”. É importante ressaltar que essa fala de Luzia coloca sua mãe em uma dupla jornada, um momento ela é dona de casa e em outro, operária. Também nos leva a pensar a uma extensão do seu trabalho doméstico.

Pensando na conjuntura que vivera a mãe de Luzia, concordo com a seguinte afirmação:

A fábrica, portanto, não é considerada como um espaço onde as operárias possam vivenciar uma condição de emancipação, como sugeriu o pensamento dominante nos primórdios da industrialização. Ao contrário da expectativa de emancipação e esperança de libertação, a mulher encontrou na fábrica o espaço de prolongamento da esfera privada⁸⁸.

⁸⁶NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** a problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993, p. 09.

⁸⁷ Luzia Viana da Silva. Entrevista realizada em seu comércio, em 08 de janeiro de 2014.

⁸⁸TORRES, Iraildes Caldas. As Novas Amazônidas. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005, p. 176.

Tendo em vista que trabalhava em uma fábrica de chapéu, pelo fato de já ter contato com a costura isso possibilitou acesso ao espaço fabril. Analisando por esse viés, as práticas como lavar, passar e até costurar, vão sendo reproduzidas em outro espaço que não é o doméstico, embora sejam as mesmas.

Para compreender quais eram as “(...) *muitas barreiras*” ditas por Luzia como justificativa para a saída da família do interior do Ceará, faz-se necessário alargar nosso olhar e perceber que o momento de sua migração (1961) coincide com o momento em que o país vivenciava grandes mudanças.

A marca desenvolvimentista⁸⁹ acarretaria ao longo dessa década e da subsequente um forte fluxo migratório, inchando os espaços urbanos e fazendo “das mulheres personagens visíveis em diversos espaços públicos”⁹⁰, o que não é de estranhar quando Luzia menciona o fato de sua mãe trabalhar em uma fábrica de chapéu. Ela havia saído da área rural de Sobral e na cidade estava atuando em um espaço fabril. Espaço de produção.

A década de 1960 é marcada por uma série de acontecimentos tanto de ordem política, econômica e principalmente social que abala drasticamente a vida de muitos sujeitos. Enquanto o mundo vivia uma efervescência na luta por direitos e conquistas sociais, o Brasil viveria a ditadura civil-militar. Não obstante a essa nova realidade no contexto nacional, Sobral enquanto cidade constituída por um povo “ordeiro e pacato”⁹¹, teria engendrado momentos de resistência frente a esse regime. Sobral aparece nesse cenário em variadas disputas, principalmente política e social.

Quem informa sobre outros possíveis períodos difíceis em Sobral, é Virgínia Holanda, ao transcorrer sobre alguns fatores econômicos ocorridos na região durante a década citada, sobre isso ela elucida que:

⁸⁹A partir da década de 1960, foi iniciada uma nova fase dos programas de desenvolvimento do governo brasileiro para a estratégica exploração econômica da região amazônica. Enquanto, nas demais regiões brasileiras processavam-se intensos deslocamentos das áreas rurais para as cidades, na Amazônia iniciava-se um processo tardio de ocupação da famosa fronteira agrícola, pelo qual se atribui à região um novo significado geopolítico. OLIVEIRA, Márcia Maria. Mobilidade humana na Amazônia contemporânea: pressupostos teóricos e metodológicos. In: SOUZA, Carla Monteiro. **Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Ocidental: algumas questões para o debate**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016, p. 17.

⁹⁰PEDRO, Joana Maria. Corpo, Prazer e Trabalho. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.240.

⁹¹SILVA, João Batista Teófilo. **Sobral e ditadura civil-militar: (des)construção do esquecimento**. Revista Homem, Espaço e Tempo, março de 2013, p. 66 – 83. Esse artigo discute de que maneira a cidade de Sobral-CE é constituída dentro do seu processo histórico e de que forma ela se coloca diante da ditadura civil-militar como mecanismo de resistência e luta. Também visa desconstruir o conceito socialmente forjado em relação aos sobralenses como povo tranquilo, ordeiro e passivo ao trazer questões vivenciadas durante o período mencionado.

Nas primeiras décadas do século XX, Sobral perde paulatinamente seu destaque econômico, devido às secas que assolaram o Nordeste, a existência de oligarquias locais, com visão restrita de futuro, sem disposição para investir e atividades mais condizentes com o momento e pelas crescentes funcionalidades dadas a Fortaleza agora com status de capital. Fortaleza passa a comandar uma área mais abrangente, contando com a expansão da malha viária, concentração de investimentos produtivos, edificação de novas materialidades construídas através das frentes de serviços. A retomada de investimento em Sobral vai ocorrer apenas na década de 1960 com as ações da SUDENE, mas sem grandes transformações no que consiste à dinâmica do lugar-região. Somente na segunda metade da década de 1990, é que de fato, as mutações no quadro de investimentos acontecem⁹².

Podemos relacionar esses dados enunciados por Virgínia Holanda com a fala de Luzia em se tratando das “barreiras” trazidas em sua narrativa. Gostaria de destacar três pontos enfatizados por Holanda. O primeiro refere-se às secas, motivo pelo qual fizeram com que Sobral decaísse economicamente provocando uma mudança tanto de ordem financeira, sobretudo social. De certa forma obrigou alguns sujeitos buscarem outros meios de sustento, o que provavelmente aconteceu com a família de Luzia.

O segundo é em relação à elevação de Fortaleza à categoria de capital. Isso possibilitou que houvesse um rearranjo nas decisões político-administrativas referentes à região. Antes, pelo que se entende decisões importantes passavam por Sobral, o que muda depois da ascensão e expansão de Fortaleza a cidade principal, quem morava no interior, certamente foi atingido de forma bastante brusca por essas remodelações.

E por fim, é só a partir de 1960, com intervenções da SUDENE⁹³, que Sobral vivencia sua retomada econômica, porém essa retomada só será sentida de fato a partir da

⁹²HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **SOBRAL-CEARÁ: aspectos das verticalidades e horizontalidades em uma cidade média do interior do Nordeste brasileiro**. In: Caminhos de Geografia. Uberlândia. v. 12, n. 40, dez/2011, p. 96 – 105, página 100.

⁹³ De acordo com a Fundação Getúlio Vargas – FGV e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, a SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, criada pela Lei nº 3.692. de 15 de dezembro de 1959, foi uma forma de intervenção do Estado do Nordeste, com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região. Sua instituição envolveu, antes de mais nada a definição do espaço que seria compreendido como Nordeste e passaria a ser objeto da ação governamental: os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e parte de Minas Gerais. Esse conjunto, equivalente a 18,4% do território nacional, abrigava, em 1980, cerca de 35 milhões de habitantes, o que correspondia a 30% da população brasileira. A criação da Sudene resultou da percepção de que, mesmo com o processo de industrialização, crescia a diferença entre o Nordeste e o Centro-Sul do Brasil. Tornava-se necessário, assim, haver uma intervenção direta na região, guiada pelo planejamento, entendido como único caminho para o desenvolvimento. Para aumentar o nível de entendimento sobre a criação da SUDENE e suas implicações, a pesquisa de Anderson Pellegrino pode caminhar nessa direção. PELLEGRINO, Anderson César Gomes Teixeira. **O Nordeste de Celso Furtado: sombras do subdesenvolvimento brasileiro**. Campinas-SP, 2003. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia.

segunda metade da década de 1990. Como também assinala Luciane Chaves (2015)⁹⁴ ao analisar as políticas públicas pensadas para os moradores de Sobral na década de 1970. A essa altura Luzia e sua família já haviam mudado para o Norte brasileiro. Não ficaram para viver essas alterações, migraram em busca de novas possibilidades.

Geralda nos conta sobre outras possibilidades vivenciadas em Sobral. Sua fala nos remete a relação campo-cidade e cidade-campo:

Meu pai era **lavrador**, também trabalhava, era **comerciante** sim, era viajante, passava oito, dez dias fora viajando, comprando e vendendo... meu pai ia pro **Acaraú**, passava no distrito de **Massapê**, trazia de lá o **camarupim**, a **pescada**, assim, a **serra**, o **bagre**, todo tipo de peixe ele trazia. Ganhava dinheiro ia pra Sobral, vendia e assim vai levando a vida, criou a família, graças a Deus! Ele comerciava com o filho, o **comboio**, sabe o que é comboio? Comboieiro? O burro, o jumento, a carga, era esse que era o meio dele, não era carro nem avião, não! Era com ajuda, botando os animais pra trabalhar. Montava os **surral**, tem aqueles surral? Aqueles surral ele amarrava em duas cordas, uma aqui e outra aqui e ali trepava no cangalho em cima do animal e ali montava. E quando vendia tudo, ele trazia de outro, trazia produtos: **rapadura**, trazia **goma**, trazia essas coisas assim, pra levar, pra devolver de novo pro lugar que ele tava, **comprando e vendendo**⁹⁵.

É interessante notar a dupla jornada laboriosa exercida pelo pai de Geralda durante sua vida em Sobral/CE. Em um momento ele é lavrador, e em outro é comerciante. O segundo parece tomar maior parte de seu tempo. Passa vários dias viajando de cidade em cidade negociando suas mercadorias. Da mesma forma que se esforça para trazer o sustento da família, preocupa-se em atender a necessidade da clientela nas trocas realizadas durante os percursos. Negocia com o que aparece.

Isso nos leva a refletir sobre a importância dos itens que Geralda menciona, para o dia a dia da população por onde seu pai transita. Quando diz “todo tipo de peixe”, nos instiga indagar o fato de que não são todos os peixes localizados na mesorregião de Sobral, mas são os tipos mais comuns trazidos por seu pai.

Dessa forma, devemos lembrar que seu pai percorria na companhia de um de seus irmãos e de um ou mais jumentos. Isso porque Geralda cita **comboio** que dá a entender que não era apenas um animal. Surral⁹⁶, acessório extremamente importante nessa jornada, ao que tudo indica, sem ele a compra, venda e locomoção de produtos não seria

⁹⁴ CHAVES, Luciane Azevedo. “**Não temos nada, nada**”: políticas públicas voltadas aos sertanejos de Sobral na década de 1970. IN: Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-graduação da UFMG. v.7, n. 1 (jan/abr. 2015). p. 375 – 394.

⁹⁵Geralda Xavier Prado, entrevista realizada em sua residência em 12 de fevereiro de 2014.

⁹⁶De acordo com a explicação de Geralda Xavier, surral vem a ser uma espécie de cesto amarrado em cada lado do jumento para facilitar no transporte de mercadorias.

tão fácil. É bom reparar que ela também cita a **rapadura**⁹⁷ e a **goma**⁹⁸, ingredientes peculiares à cozinha nordestina que se estende ao Norte, principalmente a goma. O mesmo só retorna depois que consegue se desfazer de toda mercadoria e atingir uma quantia razoável de dinheiro, isso fica evidente quando Geralda fala “*ganhava dinheiro ia pra Sobral*”.

É notório frisar que Geralda em sua narrativa anterior apontou o Nordeste como um espaço de bonança, entretanto, nessa, aponta sobre o acocho financeiro que viviam. Se de fato sua vida juntamente com seus familiares era de fartura, não precisaria que seu pai saísse desdobrando de lugar em lugar para conseguir o sustento.

A partir das narrativas de Geralda é possível estabelecermos dois importantes diálogos. Um que nos direciona a buscarmos as reflexões enunciadas por Raymond Williams ao abordar sobre as relações cidade-campo e campo-cidade, para que possamos compreender de que forma os sujeitos agem e se percebem dentro do seu fazer diário. E o outro e não menos importante é Ricardo Antunes⁹⁹ ao apontar os sentidos do trabalho e de que maneira somos imersos nesse mundo tão diverso e complexo.

Raymond Williams faz uma relevante abordagem acerca da imbricada relação cidade-campo e campo-cidade, ao enfatizar que “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação em si próprias quanto em suas inter-relações”¹⁰⁰. Seguindo esse raciocínio, nota-se que tanto o campo quanto a cidade são espaços dinâmicos e passíveis a mudanças.

Sua visão rompe com a ideia de que se tem sobre cada um de maneira dissociada, onde o campo é visto como espaço da natureza, da calma, e/ou da vida simples. Espaço em que a vida acontece de maneira idílica, sem conflitos e sem grandes perspectivas. Contudo, amplia seu olhar ao discorrer sobre as mais variadas práticas realizadas na vida do campo, ele se transforma à medida que a sociedade também se modifica. Nele é possível efetivar ações de pesca, caça, pastoreio, lavrador além da presença dos

⁹⁷A rapadura é fabricada a partir da moagem da cana-de-açúcar e levada ao fogo para ser cozida. Iguaria muito apreciada na culinária nordestina no lugar do açúcar refinado, segundo os adeptos e amantes da rapadura ela pode ser consumida como acompanhamento praticamente em todas as refeições. Também é bastante apreciada com feijão.

⁹⁸A goma também é outra iguaria bastante requisitada na culinária brasileira, especialmente entre o Norte e o Nordeste, extraída da mandioca, com ela é possível fazer tapiocas e mingaus, por exemplo.

⁹⁹ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo Editorial. São Paulo: 2005.

¹⁰⁰WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 387.

fazendeiros e do agronegócio. Ao contrário da imagem que se criara como lugar parado, ou até mesmo do passado, é dinâmico, é vivo.

A cidade em contraposição ao campo foi associada como espaço da circulação de pessoas, mercadorias, realizações, discussões, disputa, lugar onde o saber acontece, aonde os centros aparecem, sejam eles financeiro, administrativo, religioso, comercial, político, etc. Cidade como sinal de luz, o lugar do movimento, do futuro. Contudo, Williams atenta para a mobilidade existente tanto do campo quanto da cidade, percebe a movimentação desses dois espaços ao longo do tempo e da história. Segundo ele, esse movimento acontece em distintos significados e sentimentos. Ambos se modificam de forma independente e inter-relacionada.

Na narrativa de Geralda essa relação se processa da seguinte maneira:

Só a viagem que foi difícil, quando cheguei gostei do lugar, de Manaus, agradei muito a Deus, que tudo eu achava bom, que morava no interior! Fui morar na capital, achei tudo bom! Tinha vontade de trabalhar. Mas passamos tantos problemas, mas venci!

Encantada com o novo lugar e ao lado do esposo abriu uma ferragem para sustentar a família, afinal eram cinco “bandinhos”.

Com Ricardo Antunes é possível perceber importantes mudanças que o mundo do trabalho vem sofrendo ao longo do tempo. O trabalho entendido como produtor de valores de uso em que propicia uma inter-relação entre o homem, enquanto sujeito social e a natureza. Em outras palavras, o sujeito busca sentido para sua vida a partir da relação com o trabalho, assim:

A busca de uma vida cheia de sentido, dotada de autenticidade, encontra no trabalho seu locus primeiro de realização (...) Dizer que uma vida cheia de sentido encontra na esfera do trabalho seu primeiro momento de realização é totalmente diferente de dizer que uma vida cheia de sentido se resume exclusivamente ao trabalho, o que seria um completo absurdo¹⁰¹

Antunes deixa bem evidente de que se trata do sentido que o trabalho promove na vida dos sujeitos, mas não é a única e exclusiva forma de significar a vida de uma pessoa. Com e, a partir do trabalho o homem constrói relações consigo e com outros, também exercita algum tipo de liberdade. Exemplo disso é o que Geralda narra ao informar que

¹⁰¹ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo Editorial. São Paulo: 2005, p. 143.

seu pai viajava durante dias trabalhando como comerciante. Sua narrativa instiga pensar sobre a liberdade de escolha que seu pai teria em ficar na lavoura ou sair de cidade em cidade.

O que também suscita pensar que a decisão de trabalhar em outra atividade durante algum tempo seria decorrente dos períodos de maior e/ou menor circulação dos produtos cultivados. Por isso preparava o “comboio” como ela mesmo mencionou. Temos então o processo de múltiplas transformações a partir do trabalho, transformações da natureza, dos sujeitos e de ambos de maneira inter-relacionadas. Vemos com isso que por meio do trabalho o sujeito “produz a si mesmo como gênero humano”¹⁰².

A interação entre campo-cidade e cidade-campo bem como as relações com trabalho presentes na narrativa de Geralda, também são visíveis nas lembranças de Zenaide, uma vez que ao se reportar ao tempo que viveu em Baturité/, fala sobre sua infância e de práticas que ainda hoje estão bem vivas em sua memória.

Meu pai tinha um sítio, aí a gente colhia, era as frutas, também era muita banana, goiaba. Minha mãe tinha uma fazenda, pouquinho de gado né! Na época tirava leite, A fonte narrativa inicia a fala estabelecendo uma relação dicotômica em torno de seus genitores. Em, “*ah era muito legal!*” Essa expressão parece sobrepor todo o labor de cultivar uma fruteira e na época apropriada colher seus frutos no intuito de consumi-los como troféu de um feito realizado e bem-sucedido, ou vendê-lo para garantir que o sustento familiar não entrasse em risco.

Percebe-se que o ato de colher as frutas como a banana e a goiaba faz Zenaide se lembrar dessa época com prazer, com alegria. Da mãe que tirava o leite da vaca e com ele produzia o queijo. Essa relação com a vida no campo só é interrompida com a ida à cidade para comercializar as frutas colhidas durante a semana e o queijo feito em casa. Isso me faz pensar sobre as feiras que acontecem durante os fins de semana em algumas cidades e principalmente de interior, em que do campo os sujeitos trazem os produtos a serem negociados e dispostos em bancas.

vendia leite, a mamãe fazia queijo. Ah era muito legal! A mamãe fazia queijo, vendia todos os sábados. Ele (pai) passava a semana no sítio colhendo as frutas e aí quando era dia de sexta-feira ele ia pra cidade vender, era disso que a gente vivia lá!¹⁰³

¹⁰² Idem, p. 145.

¹⁰³ Maria Zenaide Souza. Entrevista realizada em sua residência em 13 de outubro de 2015.

“*Meu pai tinha um sítio*”, Zenaide também é de Sobral-CE, mas sua vivência lá ocorre em um tempo diferente daquele enunciado por Luzia. Ter um sítio evidencia certa estabilidade financeira e de onde conseguem tirar o sustento - “*Ele passava a semana no sítio colhendo*”.

A participação efetiva de sua mãe no cuidado e comando do provimento familiar é outro aspecto bastante visível em sua narrativa. Nota-se com isso que a ênfase dada por Zenaide não é sua mãe organizando a casa. O que chamo atenção é justamente para a presença ativa em relação à questão financeira. O gado pertencia a ela, ela é quem tirava o leite e dele fazia o queijo para ser vendido.

Sobre as vivências em Sobral ainda na infância, Zenaide lembra ainda que para conseguir estudar seu pai contratou um professor particular. Ela nos conta que:

Na época nem professor lá tinha, ele (pai) pagava aquele professor pra morar lá na mamãe que era a nossa casa né! Que era pra ensinar a gente lê, escrever tudinho. Eu ainda não peguei não. Mas os meus irmãos mais velhos que pegaram esse professor. Eu sempre olhava lá os meus outros irmãos, o que eles iam aprendendo iam ensinando pra gente né! Aí, foi quando eu tinha onze anos, eu fui pra cidade foi quando eu fui começar a estudar no colégio lá¹⁰⁴.

Isso demonstra que sua vida na infância não foi tão difícil como se pensa de maneira generalizada. Em sua narrativa Zenaide evidencia que tinha uma vida consideravelmente estável financeiramente.

Outra narradora que nos fala sobre a relação mulher com o espaço de trabalho no interior do Ceará é Júlia. Ela nos conta que:

Minha vida lá, desde de eu menina de oito aos comecei ajudar o pai, porque nós era dez mulher, dez filhas e ele só tinha dois filhos homem e nós não era rica, era rica só da graça de Deus, graças a Deus! Comecei trabalhar nova, me casei e parei uns tempos que tava casada¹⁰⁵

“*Eu menina de oito anos*”, ao fazer questão de enfatizar a idade que tinha quando começou a trabalhar, Júlia abre possibilidades de pensarmos que sua vida foi marcada pelo trabalho, pouco podendo brincar, correr, pular, se divertir.

¹⁰⁴Maria Zenaide Souza. Entrevista realizada em sua residência em 13 de outubro de 2015.

¹⁰⁵Júlia Limeira Martins. Entrevista realizada na residência de um de seus filhos em 19 de março de 2016.

A participação no sustento e manutenção da família é uma experiência comum nas narrativas dessas mulheres, pois tanto os homens quanto elas, desempenhavam praticamente as mesmas funções, embora possamos perceber especificidades em suas memórias individuais. Essas narrativas nos permitem pensar no importante papel desempenhado por aquelas crianças enquanto colaboradoras efetivas na provisão da família, seja na roça, seja no comércio, seja dentro de casa.

É nesse sentido que a historiadora Maria Izilda Matos (2013) ao discorrer sobre a presença das mulheres no espaço produtivo, elucida que:

“no comércio de rua, entre os vários tipos de ambulantes, (...) comercializavam verduras, legumes, frutas, flores, ovos, batatas, cebolas, aves, carnes, peixes, leite, pão, entre outros produtos. Algumas vendas eram eventuais, (...) em muitos casos, entretanto, a atividade era regular, (...) expunham nas feiras livres o que produziam em chácaras existentes nos arredores da cidade”¹⁰⁶.

É possível afirmar que essa prática propiciou uma significativa dinamicidade comercial. Haja visto que a interação das mulheres nesse tipo de atividade tenha sido e seja de fundamental importância, mesmo que só fazendo o queijo para o esposo vender na cidade. Diante disso, o trabalho feminino foi algo constante no seu cotidiano e sua presença tanto no setor formal quanto e informal tem aumentado ao longo do tempo. Sobretudo a partir da segunda metade do século XX, as mulheres têm conquistado direitos e espaços antes atribuídos principalmente aos homens. Exemplo disso é o direito à propriedade, no caso da mãe de Zenaide, “*ela tinha uma fazenda*”.

Alessandro Portelli¹⁰⁷ auxilia na compreensão de que cada sujeito é capaz de dar sentido à própria existência por meio da sua própria narrativa, por sua maneira de perceber o mundo em que vive e de que maneira se coloca nele, e mais, de que maneira se percebe nele. Diante disso, é possível afirmar que cada um tem sua história, ou melhor, a história de cada mulher nesse trabalho está relacionada a vários aspectos: econômicos, políticos, religiosos, cultural, mas, sobretudo, está relacionada com os aspectos sociais da realidade em que estão inseridas.

¹⁰⁶MATOS, Maria Izilda; BORELI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 129.

¹⁰⁷PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Dossiê Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 59 – 72.

Partindo desse pressuposto, Maurice Halbwachs¹⁰⁸ juntamente com Michael Pollak¹⁰⁹ contribuem no entendimento de que a memória é socialmente construída, e constituída de acordo com aspectos de ordem identitária de cada sujeito. Chamar à tona a memória das mulheres nordestinas é sem dúvidas, compreender seus contextos sociais, até porque elas falam sobre suas histórias, e estas não estão dissociadas de um espaço e de um tempo.

Dessa maneira, articular as suas vivências mediante os muitos momentos que por elas foram vividos é de fundamental importância. Levar em conta o tempo em que estão presentes no norte brasileiro traz um duplo olhar sobre cada uma delas. O primeiro refere-se ao ponto de partida do Nordeste e chegada no Amazonas, contato esse que se dá a partir de um estranhamento, o novo lugar é completamente distinto do que viera. É preciso uma (re)integração, não só de si enquanto sujeito, sobretudo, do espaço que se insere. O que implica em novas trocas, novos aprendizados.

O segundo está diretamente atrelado à passagem do tempo. Quanto mais o tempo passa, maior pode-se perceber o enraizamento com o lugar de destino. No novo cenário, constituíram famílias, trabalharam em prol dos seus e de outros, fizeram da distância e da saudade um estímulo para seguirem suas vidas. O que as impulsionam a falar de si, das lutas travadas no cotidiano, das aflições experimentadas em socorrer um filho que adocece, um marido que se acidenta, mas, acima de tudo, querem contar e contam suas vitórias, seus momentos de alegrias, suas conquistas. Ter a sensação do dever cumprido, se ver na realização pessoal dos filhos.

¹⁰⁸HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Contexto, 2006.

¹⁰⁹POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista estudos históricos. Rio de Janeiro, v, 05, n. 10, 1992, p. 201 – 215.

Capítulo 2: Partir ou ficar: eis a questão! (Des) caminhos de viagem e chegada em Parintins.

“Minha vinda pra cá foi da seguinte maneira, óh!”¹¹⁰

13 de junho de 1953, um dia de Santo Antônio! Esse dia se configura como expressão de uma mistura de dor e alegria. Embora a saída de Solânea na Paraíba, fosse marcada pela expectativa de um reencontro familiar, a alegria de mais uma vez rever os entes queridos.

Daquele ato de se deslocar em direção ao Norte, Geni nunca imaginou como aquela viagem mudaria completamente o rumo de sua vida...

Sou da Paraíba. Nossa cidade é Solânea. A minha história é meia triste, sabe? É meia triste. Quando eu cheguei aqui, a nossa viagem foi... viemos pelo 23 dias de... de Recife pra cá de navio, navio Sobral, navio que foi até pro fundo, quase ía pro fundo nessa viagem. Foi 23 dias pra chegar aqui. Viemos a família toda, era meu pai, minha mãe e cinco irmãos. Porque 2, 1 era esse que morava... eram 8 irmãos. Um já morava aqui em Parintins e o outro ficou em Cabedelo. No dia em que chegamos aqui 13 de junho, dia de Santo Antônio de 1953, no ano da enchente grande. Para nós foi uma surpresa chegar aqui, tudo... tudo água, água, água, água não sei de onde apareceu tanta água? No dia da nossa chegada, aconteceu um fato muito triste. A minha mãe vinha bem e morreu de repente. Em frente a serra do Parintins. Esta história já sabem bem aqui por que eu já contei... eu recebi um... um título de cidadã parintinense, porque eu trabalhei trinta anos como professora, eu já servi bastante a nossa terra né? Me deram o título de cidadão parintinense, eu já contei todas essas histórias já. Aí minha mãe chegou morta. Morreu na serra de Parintins. Seis horas da manhã, nove horas da manhã nós chegamos aqui em Parintins. Esse meu irmão tava com uma festa, tinha festa em tudo quanto era canto. Aí no lugar da festa foi o enterro da minha mãe. Era festa, era comida, era... aí lá não fomos, depois do enterro da minha mãe, fomos pra o Meriti interior, onde ele trabalhava, ele era o chefe, que ele é engenheiro agrícola. Ele era chefe desse posto não é? Em Miriti. Aí fomos pra lá sem conhecer ninguém, só esse irmão, nem a cunhada que tinha três filhos já, menino grande já assim, ninguém conhecia. Só conhecia era ele mesmo. Foi uma coisa assim fora do sério que até hoje num gosto nem de falar¹¹¹.

Diante do lamentável acontecimento, a viagem parece não ter mais sentido, é como se tudo que ocorreu durante todo o percurso tenha sido resumido ao dia 13 de junho de 1953, dia que data a morte de sua genitora.

¹¹⁰ Maria Zenaide de Souza. Entrevista realizada em sua residência em 15 de outubro de 2015.

¹¹¹ Geni de Medeiros Cursino. Entrevista realizada em sua residência em 03 de dezembro de 2015. Nesse capítulo buscaremos refletir sobre os percursos traçados por cada uma das oito mulheres, sujeitos dessa pesquisa, desde o momento de suas saídas do Nordeste até chegarem a Parintins. Para tal, levamos em consideração os trajetos individuais para que tenhamos uma dimensão das experiências vividas por elas durante os seus processos migratórios.

Vale ressaltar que esse ano também registra uma das maiores enchentes¹¹² ocorridas no Amazonas, em decorrência da subida das águas muitos sujeitos foram afetados pela calamidade pública provocada pela subida das águas. Em Parintins a situação não era diferente, nesse contexto a cidade não tinha uma estrutura que pudesse atender as pessoas atingidas pela cheia de forma que modificou o cotidiano de muitos sujeitos significativamente.

Geni tinha um irmão que já morava em Parintins, através dele toda família se desloca do Nordeste exceto um outro irmão que optara ficar na Paraíba. A chegada dos familiares era algo muito esperado, a expectativa de recepcioná-los é transformada em festa, entretanto é interrompida com a fatídica notícia de falecimento de sua mãe. O que era para ser comemorado com alegria e felicidade transforma-se em dor e sofrimento.

A importância dos laços familiares não só nesse processo de migração, mas como os demais é o que possibilita o estabelecimento desses sujeitos em Parintins. Mesmo que desempenhando o papel de mãe, esposa, irmã e mulher, Geni, assim como Zenaide de Souza e Luzia Viana, que também chegaram ao Norte ainda muito jovens, representa as mulheres que não vindo com filhos, chegam na condição de filhas.

A lembrança de sua chegada a Parintins é algo que ainda hoje provoca profunda tristeza em Geni, a perda da mãe aos treze anos, a chegada a uma terra desconhecida, embora tivesse ao seu lado seus irmãos e pai, a coloca diante um momento de grande desolação e que segundo ela *“foi uma coisa assim fora do sério que até hoje num gosto nem de falar”*. Esse silêncio demonstrado e transmitido por Geni é a forma que ela buscou e ainda busca para superar a dor causada pela morte de sua mãe. Vivenciara tudo isso muito jovem e mais de sessenta anos depois traz as lembranças dolorosas que esse momento tão sofrido deixou em sua memória.

Não há como deixar de mencionar o papel dos laços familiares que ora viabilizam e ora incentivam a migração. A família toda havia saído do interior da Paraíba na perspectiva de encontrar novos horizontes no interior do Amazonas, no entanto, todos são surpreendidos. A ansiedade pela chegada, a alegria de juntar-se ao parente que os aguardava com entusiasmo e festa é interrompida pelo falecimento da mãe. A família toda migrou e ao chegar sofrem uma perda inestimável. A recepção festiva transforma-se em funeral.

¹¹²Sobre a enchente de 1953 e suas implicações no município de Parintins-AM, ver: RIBEIRO, Eliany Fonseca. **As grandes enchentes do Amazonas (1953 e 2009): um olhar sobre os transtornos causados no cotidiano dos parintinenses**. 2010. Monografia – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA. De acordo com a autora essa enchente é considerada a pior do século XX na região do Baixo Amazonas.

A migração, como discutimos no primeiro capítulo, ocorre numa dinâmica de relações interpessoais, que abrange uma variada gama de elementos que a particulariza em momentos vividos pelos sujeitos e que exige, de certa forma, uma análise das condições que surgem e/ou se processam diante da decisão de migrar.

A decisão de partir em busca de trabalho e/ou outras possibilidades acontece dentro de uma teia social¹¹³. Essa por sua vez, está atrelada as redes de solidariedades e sociabilidades que se configuram e se (re)inventam diante e durante os deslocamentos. Dessa forma a constituição familiar, tem se mostrado como o elemento primordial que motiva e movimenta Júlia Martins, Geralda Xavier, Zenaide Souza, Rita Costa, Luzia Viana, Maria de Fátima, Fátima Paulo e Geni de Medeiros e tantas outras em seus percursos.

Percebemos com isso que, entre nossas entrevistadas, a família, não só norteia a decisão de partir, pois aparece como parte fundamental na tomada de decisão, como também age sob a forma de um elo necessário entre os que vão embora e os que ficam. Assim, podemos entender esse elo em duas perspectivas de ação: o elo efetivo e o elo afetivo.

Por essa perspectiva em que a família se enquadra, não podemos dissociar uma relação da outra, ou seja, não há como separar a efetividade e afetividade imbuídas na trajetória migratória. É necessário perceber a participação familiar como elo efetivo/afetivo uma vez que age como frente de apoio dando condições físicas e emocionais tanto na partida quanto na chegada. Ela se configura num importante suporte que minimiza as dificuldades e os contrastes ocasionados pelo deslocamento.

Para nossas entrevistadas, a família se configura enquanto lugar, por excelência, que se aprende costumes, valores e hábitos. Esses que entram em contato, conflito e fusão com o novo lugar. Assim, o que antes era naturalmente praticado, com a migração passa a ser ressignificado. Além disso, tem sido a família que tem garantido o processo de fixação e permanência do migrante na nova terra.

Podemos pensar a migração como um processo articulado com vários elementos que possibilitam os deslocamentos de homens e mulheres e não apenas como algo que, dependendo do local de saída ou chegada, seja visto como polos de atração ou expulsão. Diante disso concordamos que:

¹¹³ Compreendendo uma teia social como conjunto de acontecimentos cotidianos. Sejam eles, de ordem econômica, política e social. Dessa forma, não há como explicitar dentro de uma única área do conhecimento um conceito fechado e definitivo, visto que, a amplitude das ações empreendidas por um ou mais sujeitos no corpo social é de caráter tanto multi quanto interdisciplinar. REIS, Daswanny Araújo dos. **Por um novo cenário: a mulher na política partidária**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto de Ciências Humanas e Letras – Universidade Federal do Amazonas, 2011.

Entre os inúmeros condicionantes da migração, os arranjos familiares também exercem um papel central na organização do processo migratório. Mesmo quando a família não migra conjuntamente, são projetadas as possibilidades para a migração do restante da família. A participação da família nos processos migratórios é ativa e abrangente, apresentando funções diversificadas como recrutamento, intermediação, suporte social na origem e no destino como o provimento de moradia temporária ou definitiva, e provimento dos contatos necessários à alocação profissional¹¹⁴.

Arranjos familiares esses que foram preponderantes nas trajetórias das mulheres que saíram de seus lugares de origem, sozinhas e/ou acompanhadas seguiram rumo a outros horizontes. As experiências trazidas por elas nos levam a refletir sobre seus anseios e angústias, suas impressões e perspectivas além dos medos e lutas que tiveram que vencer. Júlia conta que durante sua trajetória do Ceará ao Amazonas, percurso esse feito de barco:

A gente vinha com destino pra ir mais pra cima, aí quando a gente, quando foram comprar a passagem, quando Chico foi comprar a passagem com outro amigo dele, que veio com nós lá de casa, que morava lá perto, encontraram seu Zé Capote, em Fortaleza, que era cearense, que tinha ido passear lá com a família dele, aí convidaram ele (marido) e disse que não, que não! Daí pelejaram até que viemos na companhia dele e fiquemos aqui e aqui estou. Passei oito dias navegando de Fortaleza pra cá. É que o navio não é como o motor de linha que vai ainda hoje e para onde acaba, parava, parava e parava, parou em Belém, parou no Maranhão e veio assim até chegar pra cá (risos) ai meu Deus! Comigo não acontecia nada não! Mas aqueles pessoais que vinham perto de mim, ave Maria! Ficando morrendo, tudo mole! Ficavam porre do banheiro¹¹⁵, ficavam porre¹¹⁶, provocavam. Que era pior se ficasse em casa. Ave Maria! Não quero nem lembrar (expressão de enojamento). Eu graças a Deus não fiquei tonta, de enjoar do estômago e provocar, mas aquele departamento de onde eu vim, minha nossa senhora! A pior situação tinha gente que só faltava morrer, só faltava morrer. Quando saí de lá (Ceará) pedi dinheiro pro papai que a gente viesse e trouxesse as crianças ele dizia: deixa só ele ir não tem quem fique com essas crianças. Aí diziam que quando a gente viaja assim do Ceará, de lá pra cá pro Amazonas, quando morre, quando morria uma pessoa jogam n'água, aí não leva essas crianças rapaz! Vai que morram essas crianças e vão jogar os filhos de vocês n'água! O papai disse: Júlia deixe o José comigo! Que era o mais velho. Mais quando que eu deixava! O compadre que era o pai do Chico queria que a gente deixasse a menina que tava com 9 ou com 11, ela tava com onze meses quando nós viemos pra cá. O José tava com dois anos quando nós viemos. Passei todos esses anos aqui e só fui visitar a minha mãe no Ceará quando já tava com trinta e três anos que eu tava aqui no Amazonas, passei um mês lá e quando deu um mês eu vim embora, depois que ela morreu, ela tava doente, aí ela morreu, e aqui estou sofrendo com toda essa dor¹¹⁷.

¹¹⁴GOIS, Sarah Campelo Cruz. **As linhas tortas da migração: estado e família nos deslocamentos para a Amazônia (1942 – 1944)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Centro de Humanidades – Departamento de História – Programa de Pós-Graduação em História Social – Fortaleza, 2013, p. 158.

¹¹⁵Expressão comumente utilizada para explicar o balanço do barco durante a navegação. Esse balanço acontece por meio de ondas ocasionadas pela força do vento, ou provocadas por outra embarcação ao passar por uma distância relativamente próxima.

¹¹⁶Palavra muito usada para se referir a tontura, mal-estar ou enjoo provocada pelo balanço do barco, ou embriaguez por bebida alcoólica.

¹¹⁷Júlia Limeira Martins. Entrevista realizada em 19 de março de 2016.

Júlia nos conta que a cidade de Parintins não estava em seus planos, pois o destino pensado seria o de “ir mais pra cima”. A permanência no Amazonas ocorreu por interferência de um conhecido, como ela mesma menciona: “daí pelejaram”. A obstinação desse tal conhecido é semelhante à dos paroaras¹¹⁸ que, não só contribuiu na vinda de tantos outros sujeitos oriundos do Nordeste rumo ao norte para trabalhar nos momentos em que a borracha esteve a serviço da economia brasileira e internacional, como também recrutava pessoas que se dispusesse a sair de algum lugar do Nordeste para trabalhar em fazendas de gado, a exemplo do Pará, como o ocorrido com o esposo de Maria de Fátima Paulo e sobre isso ela fala que:

Meu pai veio primeiro né! Quem trouxe ele foi o Zé. Ele trouxe meu pai e uns oito, nove né, contrabando. Aí meu pai trouxe muito trabalhador lá do Ceará pra trabalhar no Pará. Trabalhava em gado. Queimando é, botando roça, fazendo terreno, né! Aí trouxe muito trabalhador, muita gente trabalhou, muita gente ficou aí no Pará que meu pai trouxe.

Podemos perceber que essa ação dos “paroaras” não é somente num momento específico, mas parece uma prática constante, em diferentes momentos esses sujeitos retornavam aos seus lugares de origem no intuito de conseguirem outros tantos dispostos a migrar¹¹⁹.

A narrativa acima traz ainda alguns pontos que chamam nossa atenção em relação ao drama que Júlia vivera durante sua partida. O medo de desfazer os laços de parentescos é ao mesmo tempo o elemento motivador de sua saída. Ao deixar a casa de seus pais, ela segue na direção de unir mais uma vez a família que construiu. Aqui está posto seu drama, que deixa claro como a rede familiar permeia suas decisões.

O tempo que ficou longe de seus pais também é trazido por ela como continuidade de seu drama familiar. Após três décadas consegue fazer esse regresso em virtude da enfermidade e falecimento de sua genitora. Passar longo tempo sem visitar os parentes é uma experiência vivenciada por Júlia, mas também por outras mulheres que, ao decidirem alicerçar suas vidas na consolidação da família formada em virtude das condições que permeiam seu

¹¹⁸Paroaras – homens que serviam de elo entre as terras amazônicas e o Ceará, como agentes do sistema de aviamento. Seu trabalho consistia na tarefa de arregimentar trabalhadores dispostos a migrar, utilizando-se dos mais variadas artimanhas de convencimento, baseados, em suas linhas gerais, nas imagens atrativas. (...) As notícias baseadas numa vida farta e sem dificuldades, e ainda com a possibilidade de enriquecimento em fortes argumentos. CARDOSO, Antônio Alexandre Isídio. **Nem sina, nem acaso:** a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1847 – 1877). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História – Centro de Humanidades – Departamento de História – Universidade Federal do Ceará, 2011, p. 21.

dia – a – dia no interior do Amazonas, torna muito dispendioso a visita a família. A vida simples e a labuta diária para conseguir manter a casa e os filhos foi um dos fatores que tanto adiou seu retorno, o que só consegue para despedir-se de sua mãe de forma definitiva.

Ao discorrer sobre o seu percurso do Nordeste ao norte, Fátima Paulo nos leva a pensar sobre o cotidiano que vivenciara durante o deslocamento, haja visto que:

A gente veio do Ceará pra cá, nós viemos de ônibus até Belém. De Belém pra cá nós peguemos um navio, aquele navio da Inasa, que chamava de primeiro né! Eu vim de navio. Cinco dias, de lá pra cá é seis dias, sai terça aí chega aqui domingo à tarde. Eu ficava agoniadinha, pensava que meus filhos iam morrer, um adoeceu no caminho muito, aí quando chegou em Belém, aí eu falei: pronto meu filho vai morrer e vai rebolar dentro d'água, eu tava com ele doente e com medo de acontecer alguma coisa com ele. Aí eu consultei um médico antes de entrar no navio, o médico era médico e era espírita, sabe lá desses negócios de espírito né! Aí ele disse: olha aí dona Fátima não se preocupe que seu filho não vai morrer, dessa ele não vai morrer não, só se for de outra doença, mas dessa seu filho vai ficar curado, passou um remédio aí eu dei, o menino que nem comer queria e já tava andando, ele tava com cinco anos de idade. Essa viagem foi muito longa assim, meus filhos adoeceram muito dentro do navio, provocaram muito, o navio bambeava muito, agora que não bambeia mais, aí no começo só faltava virar, aí era muita gente desmaiada, até o povo grande, provocava muito, desmaiada, e aí que tanto provocava, coisava tanto, , e o medo que eu tinha, um filho já adoeceu e o povo dizia: não é assim não! não é assim não. E graças a Deus eu cheguei em Óbidos, que dessa primeira vez eu fui pra Óbidos, eles era tudo pequenos, tinha um com sete anos, outro tinha seis, outro tinha cinco, outro tinha quatro e tinha um com um ano e cinco meses que era o caçula. De Óbidos pra cá (Parintins) foi mais tranquilo né! Que a viagem é mais perto e já tavam um pouco mais velho¹²⁰.

A narrativa nos mostra sua coragem, enfrenta esse percurso sozinha com cinco filhos pequenos. Nos permite questionar o estereótipo socialmente construído de mulher frágil e dependente. A trajetória revela força, determinação e mais, diz que as “mulheres não são mais somente aquelas que ficam, esperam ou seguem obedientes os passos de seus pais e maridos, elas partem¹²¹, sozinhas ou acompanhadas.

O sentido familiar é um fator de grande peso nas decisões que envolvem cada mulher entrevistada, de um lado há o apelo e todos os argumentos utilizados pelos pais, da maioria delas, para que não saíssem de perto de seus cuidados, em contrapartida, a constituição de suas próprias famílias, pelo menos para as que já haviam casado é o determinante de suas saídas.

¹²⁰Maria de Fátima Xavier Paulo. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2015.

¹²¹ BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.173.

Foi também assim que, Fátima Paulo, saiu do Ceará depois de seu esposo. E, ao narrar sobre sua trajetória de vinda para o norte relembra da emoção sentida ao se despedir de seus pais, ela conta que:

Eu senti muita emoção porque tava deixando meus pais. Não queria deixar meus pais. Eu me despedi dos meus pais, do meu pai, da minha mãe e viajei pra cá. No início meu pai não queria que eu viesse. Ele disse que era muito longe o Amazonas, que andava muito, passava em muito buraco, ele não aceitava que eu vinha pra cá, mas depois eu falava: mas meu pai, deixe eu ir que meu marido mandou me buscar, aí ele disse: não! fique minha filha que eu lhe crio e crio seus filhos. Ele não queria que eu viesse pro Amazonas, aí eu viajei com meus cinco filhos, graças a Deus. Aí minha cunhada falou pra ele: compadre deixe ela ir, que o marido mandou o dinheiro pra ela viajar e é ele que tem que criar os filhos. Mas o meu pai falou: eu criei ela e crio os filhos. Meu pai pedia pra que eu deixasse meu filho mais velho, eu disse que não, porque aí ia ser duas saudades¹²².

A saída de Fátima Paulo do Ceará é marcada por um misto de sentimentos, em que de um lado encontra-se a dor de ter que deixar seus pais, e a certeza de que seu marido estava a sua espera juntamente com os filhos. Mesmo diante de todo o apelo feito pelo seu pai e do imaginário acerca da região amazônica, como um lugar de difícil acesso, como um lugar em que as pessoas desapareciam, Fátima depara-se com um dilema a sua frente, ficar ou partir, eis a questão! Decidiu partir por mais difícil que lhe parecesse fazer.

A família aparece como eixo central na vida de cada mulher, assim como a ambiguidade da migração aparece em todas as narrativas. No caso de Fátima Paulo, partir e ficar carregam o peso contraditório de parte da família que quer a permanência no lugar e o marido que a chama para partir. Seu pai, ao pedir que deixasse sob seus cuidados o filho mais velho evidencia a manutenção do vínculo familiar, como também o cuidado aquela criança parecesse ao olhar de seu pai, uma forma mais fácil e prática, em relação a uma menina. Mesmo a filha tendo que ir embora, o neto seria, ao seu ver, o motivo de seu regresso. Não é o que acontece, ela parte e leva consigo os cinco filhos.

A questão do gênero presente na figura do homem é visível em todas as narrativas. Elas referenciam a postura do homem na decisão de migrar. O pai aparece como principal sujeito de influência tanto na tentativa de impedimento quanto de facilitação. As mães, só, são mencionadas em alguns (poucos) momentos, especialmente quando as mulheres entrevistadas mencionam o tempo que passaram sem conseguir retornarem e para algumas quando ocorre o falecimento de suas genitoras.

¹²²Maria de Fátima Xavier Paulo. Entrevista realizada em sua residência no dia 03 de dezembro de 2015.

“Aí ia ser duas saudades” é a resposta que Fátima Paulo dá ao seu pai ao recusar sua proposta de deixar o filho mais velho. Um dos pontos marcantes de sua narrativa é o fato de seu pai não querer que ela saísse. O apelo feito por ele está imbuído de medo de que a família sofresse uma separação, ou seja, o esfacelamento da família significava desfazer os laços afetivos, por isso o pedido para que deixasse o filho. No entanto, ela teve que optar entre dois núcleos: família de origem e família construída – a raiz e a continuidade.

Com essa fala é possível afirmar que a migração é uma experiência de saudades. Experiência essa que provoca uma ruptura na vida de todos os sujeitos que um dia, seja qual foi o motivo, partiu. Deixou na vida de tantos uma marca que a saudade preenche o vazio provocado pela ausência, e que só é diminuído ou totalmente reestabelecido com o possível retorno. Retorno esse que ainda hoje não faz parte dos planos de Fátima Paulo.

A saudade mencionada durante o momento da partida é um elemento que marcou profundamente cada uma delas, a lembrança da despedida até hoje é revivida com um brilho diferente no olhar, um misto de sentimentos é colocado em xeque, a vontade de partir associada em grande medida com a necessidade de sair possibilita a nós entendermos suas trajetórias como experiências únicas, porém, vivenciadas em contexto coletivo.

Geralda Xavier é tia de Fátima Paulo e já residia em Parintins quando sua sobrinha chegou. Embora não tenha aparecido na narrativa de Fátima como um elo efetivo de sua vinda, é mencionada a partir do momento que Fátima afirma que já havia alguns parentes morando em Parintins, já tinha o conhecimento de que havia tias na cidade, dentre elas Geralda. Sobre sua vinda elucida que:

Meu esposo veio primeiro. Aí eu fiquei com cinco filhos, aí meu esposo mandou dizer que eu viesse de barco, aí minha cunhada que me amava muito, falou que de barco ela não vai. Ligou pro cunhado aqui (Ceará) que era irmão do esposo que morava em Manaus era riquíssimo, um grande comerciante, que mandasse a passagem de avião que eu não saía de lá com cinco filhos pra vim de barco, de navio, aí eu vim de avião, quando cheguei em Belém, os filhos tudo provocando, tudo passando mal, aí chegaram e disseram pra mim, o piloto disse: olhe a senhora não tem condições de viajar, eu disse: mas também não tenho condições de ficar aqui com esses bandinhos¹²³, aí eu disse: ou vivendo ou morrendo eu vou pra Manaus! Eu quero chegar em Manaus hoje, graças a Deus! Cheguei com os filhos tudo baquiado¹²⁴.

É interessante perceber na fala de Geralda como a família tem centralidade em suas decisões. A constituição familiar é o elemento que faz com que Geralda se desloque do interior do Ceará rumo ao Amazonas trazendo consigo os cinco filhos. Outro ponto

¹²³Expressão trazida por Geralda Xavier ao se referir aos filhos.

¹²⁴Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada em 17 de novembro de 2016.

importante em sua fala é notar uma diferenciação na situação financeira de seus familiares. Embora possamos pensar nesta como exceção, ela desconstrói a imagem estereotipada do migrante nordestino enquanto o miserável. Custear uma passagem de avião em plena década de 1950 não era tão simples e nem barato assim!

Até porque se formos levar em consideração o cenário sócio-político do Brasil nos anos de 1950¹²⁵, a conjuntura das regiões norte e Nordeste pouco viabilizava que sujeitos oriundos do interior nordestino e que não possuíam nenhuma atividade de grande porte tivessem uma eventual ascensão econômica, no entanto, Geralda tinha um cunhado que na época de seu deslocamento era “riquíssimo”, um grande comerciante como ela mesma menciona. Isso em Manaus.

“Os filhos tudo baquiado”, o terceiro aspecto, é a compreensão que Geralda faz sobre o mal-estar provocado pela viagem aos filhos, mesmo assim, quando indagada pelo piloto sobre a condição de saúde deles em prosseguir viagem, não hesita em responder que não ficaria em Belém. Essa atitude de Geralda em querer chegar ao seu destino demonstra sua obstinação, ou melhor, a possibilidade de ficar em Belém é sinal de desespero, o que iria fazer em Belém? Com quem iria ficar? Ela precisava chegar em Manaus, onde estava sua sustentação e referência.

Querer chegar logo ao encontro de seu esposo em que preocupada com a situação de vulnerabilidade que os filhos se encontrava, é enfática ao afirmar que “vivendo ou morrendo”, a parada final não seria Belém como propunha o piloto e sim Manaus. Os enfrentamentos e dificuldades durante seu deslocamento com os filhos tem como objetivo principal juntar novamente a família. Sua preocupação é reunir todos outra vez.

Zenaide Souza ao lembrar de sua viagem do Nordeste para Parintins lembra que na ocasião o percurso aconteceu da seguinte maneira:

Ixe! Eu passei uns vinte dias viajando, peguei um ônibus lá do interior de onde eu morei, eu vim de ônibus de lá de Mundaú, fui pra Sobral, de lá de Sobral vim de ônibus até Belém. Peguei um ônibus vim pra Belém, aí passou uns dois ou três dias, cheguei em Belém, aí passei um dia lá em Belém aí depois a gente pegou o barco, eu vim de barco, aí de Belém eu peguei um barco, só que na época (risos) eu achava engraçado, meu irmão foi me buscar né! Quando a gente decidiu que eu ia, aí a mamãe disse: ah ela não vai só! Aí ele disse: então tá! Eu vou mandar o Raimundo que era meu irmão que morava aqui também, só que ele já foi embora pro Ceará, né! Aí a mamãe falou vou mandar o Raimundo ir buscar uma de vocês, porque eu não

¹²⁵Essa fala de Geralda nos leva a pensar que o Amazonas nessa época passava por um conturbado período de recessão, no entanto seu cunhado que sai do Nordeste estabelece moradia e comércio em Manaus enriquece. Djalma Batista em seu livro *Complexo da Amazônia* (2007) discute sobre os diferentes momentos econômicos que não só a região, sobretudo o estado do Amazonas enfrenta até a criação e implementação da Zona Franca de Manaus que só ocorre nos anos finais da década de 1960.

posso ficar só. Porque na época, ele tinha, quando a mulher morreu ele tinha cinco filhos, era! Quatro homens e uma mulher aí eu vim, só que o barco na época não parava aqui, não parou aqui o barco. Foi parar em Manaus, nós passamos direto oh! Só que ele conhecia, aí eu com muito medo, eu chorava no barco! Eu gritava! Santos pelo amor de Deus! Não menina! A gente vai pra Manaus e lá em Manaus a gente pega outro barco e vem, eu acho que foi uns vinte dias pra mim parar aqui. Antigamente demorava demais pra gente chegar aqui, oh! Ah eu chorava tanto, chorava! Eu disse: aí Raimundo pelo amor de Deus a gente não vai sair mais desse rio! Aí ele: não! Vai sim! Só que fomos pra Manaus aí lá em Manaus nós pegamos outro barco aí que viemos parar aqui em Parintins, quase que não tinha mais fim. Oh eu passei, eu olho, mas a mamãe que dizia assim: minha filha tu não vem mais passear? Eu dizia: mamãe enquanto eu não me esquecer dessa viagem eu não vou! Eu tinha o maior medo! Aí foi quando eu fui pra me casar já fazia seis anos já que eu morava aqui, aí quando foi pra nós casar, nós pegamos um navio aqui né! Saímos em Belém aí em Belém pegamos um ônibus e lá foi de novo três dias pra chegar lá de ônibus. Agora não, agora é mais rápido, que é de avião, né! A gente compra a passagem de seis vezes e de repente chega lá (risos). Agora se eu pudesse eu tava todo mês lá! Mas não posso, né!¹²⁶

A descrição do percurso feito por Zenaide nos faz de certa forma viajar com ela também. Nos leva a refletir sobre as dificuldades enfrentadas por muitos sujeitos que saíram de sua terra natal rumo a outros espaços. Zenaide fizera esse trajeto aos quinze anos de idade na companhia de um de seus irmãos mais velhos. Em sua narrativa deixa transparecer o cuidado de sua mãe em não permitir que fizesse essa travessia sozinha. Ela pelo fato de ser menor de idade e ser mulher não podia fazer esse percurso desacompanhada. Vem para cuidar dos sobrinhos, filhos de seu irmão Raimundo. Suas irmãs ficam no Nordeste em companhia da mãe, haja visto, que a mesma não poderia ficar sozinha, sem contar que ao ficarem seriam responsáveis pelos afazeres domésticos.

A narrativa de Zenaide Souza, nos faz pensar no papel ou papéis que historicamente foram relegados a mulher. Ela chega em Parintins na imputação de cuidar de seus sobrinhos, zelar pela manutenção familiar de seu irmão, já que o mesmo, havia ficado viúvo de maneira inesperada e trágica. Ela também constrói sua própria família e ao lado do marido constrói sua vida. Aqui, ela nos mostra o seu protagonismo, queria sair do Ceará e viu na vinda uma possibilidade de realizar o desejo de sair de lá.

Assim,

As mulheres reivindicam não mais serem reduzidas a uma só dimensão: elas querem ser ao mesmo tempo mães, trabalhadoras, cidadãs, e sujeitos de seu lazer e prazer. E isso tudo com estilo próprio com que cada uma constrói suas relações com o homem. Sabemos perfeitamente que o pilar de uma sociedade saudável não é apenas a mulher, mas ambos. O homem e a mulher.¹²⁷

¹²⁶Maria Zenaide Souza. Entrevista realizada em 15 de outubro de 2015.

¹²⁷ DEL PRIORE, Mary. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo. Contexto, 2001, p. 88.

Essa fala de Del Priore evidencia que as trajetórias de cada mulher, mesmo em períodos distintos aponta para as tensões inerentes a cada experiência, sem dúvidas a conjuntura social da qual pertenciam é um cenário relevante para ser analisado. Nesse interim, a mulher ao longo do tempo se coloca como ser social, sujeito que é ao mesmo tempo ativo e dinâmico e não apenas mera expectadora do que acontece em sociedade. Ela além de articular e provocar sérias e profundas mudanças na estrutura social, também é produto de tal transformação, e na compreensão de que sua participação é tão importante quanto a do homem, contribui na construção não só de uma sociedade, de forma ampla no sentido da palavra, sobretudo de sua própria história à medida que também é construída por ela.

Ainda de acordo com a perspectiva da autora mencionada linhas acima enfatizamos que essa participação efetiva da mulher diante do corpo social

Significa também transmitir-lhes uma mensagem de alegria, fazendo-as perceber o quanto sempre foram fundamentais para a construção de nosso país, de nossa cultura, do que somos e seremos. De sua contribuição feita de coragem, amor e criatividade, nasceu a mulher que hoje aí está transitando de um papel social a outro, sendo simultaneamente mãe, amante, mulher, profissional, enfermeira, professora, cozinheira, enfim...tudo! Mulher que procura afastar os seus entes queridos do gosto amargo da vida, oferecendo-lhes leite, mas também mel (p. 84).

Assim, a participação da mulher de forma geral e das nordestinas de forma particular, é fruto de suas lutas, seus medos, angústias, anseios, incertezas, confiança de que tudo daria certo, muitas vezes sorrindo, tantas outras chorando, e em todos os momentos seguiram e ainda seguem vivendo. Tendo em vista que suas narrativas anunciam uma dimensão do que fora vivido e compartilhado como expressões de suas ações enquanto sujeitos sociais.

Sobre sua saída do Nordeste enuncia que ocorreu da seguinte maneira:

Com dois dias de casada eu vim pra cá. Viemos de ônibus até São Luís do Maranhão, de lá de ônibus até Belém a gente veio num avião até Santarém, de Santarém pra cá tinha também outra família querendo vim pra cá e não tinha transporte aí foi o jeito a gente alugar um teco teco, aí essa viagem foi horrível do teco teco foi muito ruim mesmo! O avião vinha voando baixo. Que era aviãozinho baixo que não podia pegar altitude. Eu nunca tinha andado num bicho tão ruim como esse (risos), nós chegamos aqui graças a Deus!

E, Luzia Viana saiu do interior do Ceará na companhia de seus pais ainda criança, conta que o percurso traçado durante a viagem aconteceu da seguinte forma:

Cheguei aqui com oito anos de idade. Eu lembro de pouca coisa. Foi de navio, a gente veio de Fortaleza até, a gente pegou o navio em Fortaleza até Belém, aí

passamos um mês em Belém na hospedaria e de lá a gente veio no outro navio da Inasa¹²⁸ pra Manaus. Meu pai era ajudante de pedreiro e por isso foi embora, foi negociar lá em Manaus. De lá ficamos, passei dez anos morando lá, até vim de lá (Manaus) pra casar¹²⁹.

A lembrança que Luzia tem da saída do Nordeste rumo ao norte do Brasil faz parte de sua infância. Sua narrativa aponta para pensarmos sobre alguns aspectos que envolvem a migração involuntária, isso implica dizer que, a decisão de partir rumo a região norte não foi algo que brotou de sua vontade, pelo contrário, seus pais que decidiram migrar, e com essa decisão trouxe a reboque os filhos, dentre eles, Luzia. O que ocorreu com os filhos de outras mulheres também, como Geralda Xavier e Fátima Paulo.

Dentro dessa compreensão da migração involuntária podemos perceber os trajetos feitos por familiares levando os filhos nos percursos empreendidos, no caso das mulheres entrevistadas cabia a elas não só o cuidado com os filhos, mas principalmente a responsabilidade de levá-los consigo, uma vez que os maridos já se encontravam na região norte à espera de suas chegadas.

Ao chegar a Belém Luzia conta que passou um mês com sua família em uma hospedaria. Essa afirmação nos faz pensar em algumas situações provenientes da época que esse trajeto é realizado. A década é de 1960, e nesse período o fluxo de embarcação poderia não ter uma oferta significativa de barcos que fizessem esse percurso, além do mais ela vem em companhia de sua família e fica hospedada por trinta dias em Belém, esse tempo “retido” na capital paraense pode ter ocorrido pelo motivo que mencionei acima, ou pelo fato do pai precisar dispor de algum trabalho temporário para não só manter todos como também para pagar as despesas provenientes da viagem.

Simas (2011)¹³⁰, corrobora com essa discussão ao afirmar que a navegação até a segunda metade do século XX não dispunha de embarcações com significativa velocidade, o que muda, principalmente a partir de 1970, ocorre uma significativa mudança nesse aspecto, principalmente os barcos que se deslocam de Parintins e em direção a mesma:

¹²⁸Inasa, segundo informações obtidas pelas próprias mulheres entrevistadas e juntamente com três funcionários do porto de Parintins, era a empresa responsável pela embarcação que fazia o trajeto de Belém a Manaus, atualmente essa empresa foi vendida para a Companhia Amazon Star que opera com duas grandes embarcações, uma que leva o mesmo nome, e a outra que se chama Rondônia.

¹²⁹ Luzia Viana da Silva. Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2014.

¹³⁰ SIMAS, Eider Leal. A história da construção naval em Parintins de 1970 à atualidade. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2011, p. 51.

A navegação amazônica perpassa por dificuldades devido a diversas circunstâncias, entre elas, a necessidade de agilizar o transporte (...), dependendo da localidade e do tipo de embarcação as viagens podem durar dias e até mesmo semanas.

A dificuldade encontrada na navegação em virtude da demora, indica que o tempo passado por Luzia e sua família em Belém ocorre em relação à espera da embarcação completar o percurso de volta a Belém, já que era apenas um navio que fazia o trajeto de Belém a Manaus, o que levava vários dias para que se completasse o curso da viagem. Seu pai vinha na intenção de negociar em Manaus, o que ilumina o nosso olhar para pensarmos que ele trouxera alguns produtos a serem comercializados, o que provavelmente garantiu a hospedagem durante os trinta dias em Belém. Enquanto o barco não chegava, sustentava a família negociando em Belém.

Quando chega a Manaus, a vinda em direção a Parintins só acontece dez anos mais tarde, e essa vinda ocorre mediante a organização de seu casamento, sobre sua saída da capital para o interior, Luzia conta que isso ocorreu porque:

Meu irmão já morava, veio primeiro, comprou uma casa aqui, botou comércio, eu já vim pra cá, meu marido veio gostou daqui (Parintins), veio fazer o primeiro arraial da Nossa Senhora do Carmo, naquele tempo que as barraquinhas eram tudo na frente da igreja, um monte de barraquinha que juntava aí, só ficava a entrada assim, pra gente ir pra igreja. Aí Raimundo botou a barraca lá, aí veio meu outro irmão e o Raimundo e ficaram trabalhando aí e gostou daqui. Já foi e voltou pra vim ajeitar o casamento que ele já tava noivo né e ficaram pra cá, aí a gente casou pra cá mesmo, aí minha irmã veio me trazer, a mais velha, o meu irmão que já morava mesmo aqui, a gente veio pra perto dele aqui, pronto aí ficamos morando até hoje. Tenho meus três filhos meu mesmo e outros que eu criei é adotado. Tamo aqui até hoje trabalhando na João Melo.

A família como ponto fundamental na migração também pode ser observada na fala de Luzia. É a família a principal motivadora da saída do Nordeste, como também é o eixo norteador que possibilita a saída de Luzia de Manaus a Parintins. Anos antes, Luzia chega a região norte sem ter que precisar decidir sobre sua trajetória migrante, dessa vez, é ela quem escolhe sair. O seu casamento, ou melhor, a constituição de sua própria família é o que a conduz rumo ao interior do Amazonas.

Sua narrativa evidencia mais uma vez a importância dos laços afetivos, principalmente pela efetiva participação familiar nos arranjos sociais que vão sendo estabelecidos nas vidas de muitos migrantes em outro espaço. Pelo fato de seu irmão já residir em Parintins favorece sua vinda para a cidade, e mais, o seu esposo, que na ocasião é seu noivo, também já mantém

residência na ilha tupinabarana¹³¹ através do comércio, atividade que desempenhava na cidade antes do casamento com Luzia e conserva até os dias atuais.

“E gostou daqui”, é interessante atentar que Luzia fala que tanto seu irmão quanto seu esposo chegaram em Parintins para trabalhar durante a festa da padroeira¹³² da cidade. Isso nos leva a refletir sobre o papel econômico incutido na decisão que os motivaram a ficar em Parintins. Viram a partir do evento a possibilidade de ter uma renda garantida por meio do comércio. E, segundo a narrativa de Luzia, foi o que fizeram.

Luzia até então não conhecia Parintins só faz isso mediante a realização do seu enlace matrimonial, tanto é que “aí a gente casou pra cá mesmo, minha irmã veio me trazer”. Depois do casamento, Luzia não se afasta dos seus laços familiares, pois, “*a gente veio pra perto dele aqui, pronto aí ficamos morando até hoje*”. Esse perto trazido por ela nos faz pensar que próximo ao seu irmão embora já casada, não se distanciaria dos seus laços de parentesco.

A vontade de estar perto de seu irmão começa deixar de ser uma necessidade a partir do momento que Luzia afirma “tenho meus três filhos meu mesmo, e outros que eu criei é adotado”. Nessa fala percebe-se a presença muito forte que ela dá a si, quando diz “meus e criei”, nesse momento é possível notar uma significativa mudança de atitude em relação a sua postura quanto mulher, esposa e mãe. Ela se coloca como sujeito totalmente ativo nesse processo, mesmo tendo que cuidar da casa e dos filhos ela segue trabalhando ao lado do esposo no comércio que tem ainda hoje na Avenida João Melo.

Cuidar da casa e dos filhos, papel esse atribuído socialmente às mulheres ao longo do tempo, tem se mostrado, também, em todas as narrativas. Aos homens, cabe a provisão do sustento familiar, enquanto que a elas, todas as demais “obrigações” para a que a harmonia e o equilíbrio se estabeleça, além de contribuir lado a lado trabalhando no comércio. Diante disso, a sedentarização é uma questão inerente ou imposta à mulher, uma vez que à casa, à família, o preparo de uma refeição e outros afazeres a enraíza no sentido de lhe disciplinar dentro do lar.

Mesmo diante de tantos artifícios que impossibilitem ou tentem inviabilizar a mulher de se movimentar, no sentindo amplo da palavra, no corpo social que se está inserida, ela sai,

¹³¹ Outro nome que também identifica a cidade de Parintins.

¹³² Nossa Senhora do Carmo. Todos os anos a cidade comemora durante os dias de 06 a 16 de julho com grande festividade. Para maiores informações sobre a festa a Nossa Senhora do Carmo, vê o trabalho de: BRITO, Janderson Lopes. **A importância social da festa de Nossa Senhora do Carmo para as famílias carentes da paróquia da catedral na década de 1980 em Parintins-AM.** Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2009.

ela migra. Nesse sentido, concordamos com Michelle Perrot¹³³ (2007), quando afirma que “as migrações mais maciças do século XX são, de início, sexualmente dissimétricas. Os homens partem sós ou partem antes. As mulheres vão depois. (...) A chegada das mulheres é um sinal de migração definitiva”, está sobre elas a responsabilidade de garantir o direcionamento e andamento de todos os integrantes da família.

Rita Costa chegou a Parintins em 1973, aos vinte e sete anos, idade que faz questão de mencionar durante alguns momentos em sua narrativa, quando diz que “casei com essa idade de vinte e sete anos e não me arrependo (risos)! Porque a vida boa mesmo é a de solteiro viu!¹³⁴” O que ilumina nosso olhar para percebermos um marco que estabelece limites a Rita. O primeiro seria a transição da vida de solteira para casada, que segundo ela não teria nenhum problema demorar mais tempo pra casar, e segundo a data que marca sua chegada ao interior do Amazonas.

A ênfase dada a idade com que se casara, demonstra a relativização trazida por Rita em sua narrativa. Implica dizer que, aos seus olhos, uma moça do interior do Nordeste casar com tal idade é sinal de que já estaria passando do tempo apropriado para tal empreitada. Hoje em dia, essa concepção de uma faixa etária própria para o matrimônio tem se prolongado cada vez mais. Rita se considerava bastante “madura” para o casamento, hoje, uma moça se desposar com tal idade, é, em muitos locais considerado uma atitude precipitada, pois é vista como bastante “jovem” para assumir tamanha decisão.

Maria de Fátima saiu de Sobral-CE para morar em Parintins após seu casamento, conta que:

Eu vim pra cá porque eu conheci ele, aí eu casei. Ele veio embora pra cá. Aí ele voltou pra casar comigo. Aí eu vim morar pra cá com ele, a gente foi trabalhar. Nós trabalhavam em comércio. Eu digo: não tem mais nada difícil hoje não. Olha quando nós viemos pra cá, nós viemos naquele navio da Inasa que a gente vinha de Sobral pra Belém de ônibus, e do ônibus pra cá a gente vinha no navio da Inasa. Foi cinco dias de viagem, que subindo é mais lento. Quando é de baixada é mais rápido, naquele navio da Inasa que eles chamavam pé de sapatão. É assim que a gente veio. Só que eu não me dava com essas comidas dadas dentro do navio, eu tinha problema, desde eu pequena, que me dava, se eu repetir mais de duas vezes a comida me faz mal aí atacava meu estômago e meu intestino, não passei mal todos os dias da viagem porque tem a farmácia e aí davam remédio, e a gente sempre se preparava. Fiz amizades com pessoas que vinham viajando que ia pra Manaus. Tinha gente que ficava tonto quando dava o banheiro, tinha gente que provocava que ficava tonto, na travessia de Belém pra Santarém. Agora já tá muita facilidade, já tem avião, a gente já vai de avião.¹³⁵

¹³³ PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 137.

¹³⁴ Rita Franca da Silva Costa. Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2014.

¹³⁵ Maria de Fátima da Costa. Entrevista realizada em 19 de março de 2016.

Vale destacar que Maria de Fátima conheceu seu esposo, em uma das viagens que ele fez ao Ceará, depois de algum tempo com compromisso firmado o mesmo retorna para a realização do casamento. Após esse momento é que Maria de Fátima segue em companhia de seu esposo em direção a Parintins. Desde sua chegada dedica sua vida ao lado do marido no comércio que tinham além do cuidado com a casa e com os filhos que nascem tempos depois. Observa-se que o cuidado com a casa, filhos e marido é sempre obrigação delas.

Sua narrativa assim como as demais é recheada de detalhes que marcam tal trajetória. Ao lembrar-se de como ocorreu sua vinda, faz isso comparando com os dias atuais em relação às facilidades de acesso que temos ao nosso dispor. Na época do seu deslocamento, mesmo que tenha ocorrido no início de 1990, essas “facilidades” não estavam tão disponíveis assim.

O local de destino, Parintins, presente em todas as narrativas nos leva a perceber que o mesmo representa tanto cultural quanto socialmente um novo horizonte que se coloca diante de todas elas. A experiência migratória marca suas vidas entre processos de (des)continuidades e rupturas, uma vez que novas situações sejam elas de conflitos ou não entrelaçam suas vivências.

Dessa forma, o sentimento em relação ao novo espaço, provoca uma necessidade que até então não havia sido experimentada por nenhuma das mulheres, tal necessidade pode ser compreendida a partir das narrativas quando o:

Migrante sente a necessidade de fixar-se para poder alcançar uma sensação de bem-estar, aliviando o incômodo sentimento de incerteza e instabilidade que perdura e se reforça com a ausência do lugar. No entanto a fixação do migrante no local de destino tem algumas restrições ou condições em termos de identificação sociocultural e espacial. O envolvimento de um indivíduo com o lugar é um processo complexo que não ocorre aleatoriamente¹³⁶.

Em relação à fixação do migrante não ocorrer de forma aleatória destacamos que isso é fruto de alguns fatores, dentre eles os laços afetivos que vão sendo consolidados durante todo o processo. Assim, as redes afetivas ou de sociabilidades vão sendo alicerçadas nos locais onde um ou mais sujeitos estão dispostos. E práticas que até então só era comum no lugar de origem entra em fusão com as práticas sociais trocadas no lugar de destino. E a partir dessas trocas, há uma profunda transformação na vida desses sujeitos.

Nessa intenção de visibilizar a trajetória de cada mulher nordestina, levamos em consideração a complexidade presente nas particularidades trazidas por cada memória

¹³⁶ MARANDOLA Jr, E. & DAL GALLO, P.M. **Ser migrante:** implicações territoriais e existenciais da migração. R. brasil. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n.2, 2010, p. 411.

individual, compreendendo com Maurice Halbwachs (2006), que essas memórias mesmo sendo colocadas no âmbito individual (retalhos de um todo) negociam o tempo todo com as memórias coletivas. Essa, é portanto, a costura da “colcha de retalhos” que compõe o tecido social.

Alessandro Portelli¹³⁷ chama atenção para que possamos compreender as fontes orais como ato político. Ainda mais que as memórias das mulheres mencionadas nesse estudo, permitem traçar um panorama acerca de suas vivências, de suas trajetórias e de como elas se inscrevem na dinâmica social de Parintins, desde o momento de sua saída do Nordeste.

Ao fazer uso da subjetividade do sujeito, a fonte oral contribui também no questionamento da fonte escrita, rompendo com o estabelecido e apontando outro olhar na forma como os sujeitos percebem e interpretam seus modos de vida. Para Portelli “[...] a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais”¹³⁸. Segundo esse mesmo autor, é através da subjetividade que o sujeito atribui significado a sua experiência. Não é o fato ocorrido em si, mas o significado atribuído a ele, que faz toda diferença.

¹³⁷ PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos:** narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1. N. 2, 1996, p. 59

¹³⁸ PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os fatos:** narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Tempo. Niterói, v. 1, n. 2, p. 64, 1996.

A impressão do olhar: o contato

Era bem simplesinha depois foi aumentando, fizeram essas casas mais bonitas, né, prédios, evoluiu muito de lá pra cá, de 70 pra cá, por aqui até ali pra trás da praça da liberdade, pra lá só era mato, era ali não tinha nem rua nem nada era mais mato, aí depois foram fazendo casas né.¹³⁹

“Era bem simplesinha” referência dada por Luzia e presente nas demais narrativas em relação a cidade de Parintins no momento em que chegaram à mesma, muito embora em períodos distintos, reflete a forma como elas olharam a cidade pela primeira vez a partir do momento que vivem hoje.

Hoje, de acordo com a estimativa da população realizada pelo IBGE-2016, Parintins é enquadrada como a segunda maior cidade do Amazonas ficando atrás apenas da capital, Manaus. Por estar localizada no interior do estado, destaca-se “entre as cidades do interior do Amazonas pela trajetória de consolidação nas últimas décadas como polo universitário, sinalizando preenchimento de uma das maiores lacunas para o desenvolvimento da região de fronteira Amazonas-Pará”¹⁴⁰.

De fato, há quarenta anos, por mais que a chegada na mesma trouxesse além de expectativas, sobretudo perspectivas de como a vida no novo espaço se consolidaria, é com a visão do hoje que elas buscam se referir a Parintins, o que nos leva a refletir sobre o olhar positivado imprimido nas narrativas em relação a Parintins atual.

Outro ponto trazido é a referência ao período mencionado, “evoluiu muito de lá pra cá, de 70 pra cá”. Ora, em 1970, Parintins já era município, e como tal dispunha de suas prerrogativas como unidade administrativa, porém, na fala de Luzia, foi a partir daí que ele “evoluiu”. Isso nos ajuda a pensar sobre as ações de caráter desenvolvimentistas que ocorreram em todo Brasil nesse mesmo recorte. O Brasil vinha sofrendo uma série de mudanças, sobretudo, nas áreas de infraestruturas, o que evidentemente se espalhou em todo território nacional.

De acordo com Souza (2013), esse momento ocorreu:

Dentro de um intenso processo de urbanização, que se deu de forma mais acentuada a partir da década de 1950 e teve grande impulso com o advento da indústria

¹³⁹ Luzia Viana da Silva. Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2014.

¹⁴⁰ BARTOLI, Estevan; MUNIZ, Charlene & ALBUQUERQUE, Renan. **Parintins: sociedade, território & linguagens**. Manaus: EDUA, 2016, p. 08.

nacional, serviu como atrativo para que se estabelecesse um grande contingente populacional nas cidades, resultado da migração em busca de melhores condições de vida e de trabalho (p. 15).

Nessa perspectiva do desenvolvimentismo empreendido em todo território nacional, não é de se estranhar na afirmação “evoluiu”, trazida por Luzia, ou até mesmo na expressão proferida por Rita “*vixe! Mudou muito mesmo!*”, sobre sua impressão do momento que chegou, a mesma afirma que:

A cidade não existia! Era bem menor mesmo! Eram bem poucos comércios, a maior parte era aqueles comércios de madeira, aqueles quiosquinhos de madeira, tinha bem poucas casas de alvenaria aqui na João Melo mesmo! Tudo era de madeira, hoje em dia tem esses casarão agora, não existe mais isto, casas e comércio de madeira, aliás na cidade quase toda né! Hoje é tudo de alvenaria, mas de primeiro aqui tudo era uma novidade quem tinha uma casa de alvenaria.

É importante sinalizar que a narrativa trazida por Rita estabelece um parâmetro entre as casas construídas de alvenaria no sentido de evoluído, enquanto a casa feita de madeira é vista como atraso. Percebe-se que seu sentido de evolução está ligado ao um olhar moldado, ou seja, Rita, assim como as demais mulheres, deixa transparecer seu preconceito em relação ao tipo de moradia que encontra em Parintins no momento de sua chegada. Ela veio do interior do Nordeste mas, para ela, o interior do Norte é mais “atrasado”. Embora a madeira seja mais adequada para o clima, pela própria disponibilidade de matéria-prima, a referência dela é outra. É preciso pensar também no sentido de embelezamento, a alvenaria é vista como o belo, moderno, o chique, enquanto a madeira é símbolo do atraso, da feiura.

Desse modo podemos refletir o impacto registrado no olhar tanto de Luzia quanto de Rita em relação a Parintins, isso porque, como já fora elucidado, elas se reportam aos anos de 1970, período que marca suas chegadas na cidade, e que mesmo falando do momento em que chegaram, fazem isso a partir de suas vivências atuais, dizendo de outra forma, buscamos entender as experiências dessas mulheres levando em consideração os significados trazidos por elas diante das conjunturas em que estão inseridas, daí a ênfase que a cidade era bem “simplesinha” e “não existia” não é de se estranhar.

A partir das narrativas de Luzia e Rita, é possível visualizarmos como aquelas recém moradoras viam a cidade. Para elas e para muitas outras, uma Parintins em pleno processo de mudança, as ruas, casas, vias, enfim, a cidade está vivendo um momento de

grandes transformações, no entanto ao depararmos com o impacto registrado pelo olhar de Geni Medeiros por exemplo, que chegou em 1953, vemos uma cidade completamente diferente, na sua impressão a cidade é referida da seguinte maneira:

Não tinha nada, não tinha nada aterrado, não tinha aquela frente do rio como a gente vê, aquelas orlas do rio, tudo tudo aquilo ali era barro na beira do rio assim mesmo, não tinha nada, não tinha um porto, tinha um trapichzinho de madeira, um pedacinho lá, era tudo, não tinha nada, não tinha nada, ora a iluminação, era bem pouca, água também era bem pouca, bem pouca mesmo, porque a gente, porque de primeiro como a gente tinha, a iluminação ia até dez horas da noite só, aí ia embora a luz, não tinha nada! Não tinha quase escola, não tinha, tô dizendo que não tinha nenhum médico assim, primeiro veio um médico pra cá, Deus o livre! Tinha um enfermeiro, enfermeiro não, ele tinha uma farmácia até hoje os filhos dele tão aí na farmácia, e aquele ali era o médico. O pastor Lessa depois que ele veio, porque meu filho, eu sempre agradeço a Deus pelo meu filho ele salvou a vida do meu filho, não tinha médico, não tinha professor formado, não tinha nada! Professorzinho assim, porque não tinha as escolas do governo, do estado, com mil e tanto, dos mil, três mil professor concursado, nada, nada, nada! Era, olhe hoje em dia o menino não pode quase sair de canoa né, antigamente os motores era duas, era uma canoas que botava, era até de rede, eu até andava nessas canoazinhas de rede, que botava aquele pano né, penduravam uma rede lá, engatava, e o vento arrastava, tinha um pouco dessas, era muito pobrezinha a cidade, era paupérrima mesmo! Não tinha mercado, não tinha, tudo era vazio, muito, muito triste.¹⁴¹

“Era muito pobrezinha a cidade, era paupérrima mesmo!”, diante da amplitude que a palavra pobreza carrega, não há como definir um conceito fechado para a mesma, uma vez que diferentes terminologias podem ser utilizadas na intenção de defini-la. Nesse entendimento, vários fatores que submetem muitos sujeitos a situação de vulnerabilidade, exclusão social, negação ou impedimento das necessidades mais básicas, se enquadram na compreensão do que venha ser pobreza.

Nota-se que as falas estão dentro do discurso desenvolvimentista, inclusive Geni aponta o aterro como sinal de progresso, também relata com detalhe algumas características da cidade no período de sua chegada, além disso, faz observações de problemas sociais que Parintins enfrentara nesse momento. A sua narrativa indica que a falta de iluminação pública e abastecimento de água era algo frequente e que perdurou por alguns anos, uma vez que a população ficava a mercê da administração pública. Com isso, temos que na transição da década de 1950 para 1960, o Brasil passava por um momento de instabilidade tanto de caráter política quanto econômica, nessa conjuntura:

¹⁴¹ Geni de Medeiros Cursino. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2015.

A crise inflacionária e financeira que o Brasil atravessava afetava todo o país, inclusive Parintins. Devido à conjuntura econômica do país, os recursos se tornaram escassos, daí a necessidade de firmar convênios para alavancar o progresso e melhorar a infraestrutura da cidade, a qual já não mais atendia à demanda da população que crescia a cada dia. As dificuldades no abastecimento de água, no fornecimento de energia elétrica e precariedade na saúde pública etc. se agravaram¹⁴².

Duas outras problemáticas são trazidas por Geni, a saber. A ausência de escolas e médicos. Com relação a falta de escolas convém destacar que, em Parintins, a exemplo do que ocorre no restante do país, mais que um direito a educação era tratada como um privilégio.¹⁴³

A precariedade na área da saúde se materializa, no olhar de Geni, pela ausência de hospitais e profissionais para atender a demanda da sociedade, ela que nos conta que, quem desempenhava o papel de médico era um comerciante dono de farmácia. Também menciona o pastor Lessa¹⁴⁴ como uma referência na área da saúde, uma vez que prestava

¹⁴²DINELY, Nilciana. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo (USP), 2013, p. 23.

¹⁴³ A partir da Constituição de 1988 a educação passa a ser um direito do cidadão e dever do Estado. Com a seguinte estrutura:

“**Art. 205.** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V - valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União;
- V - valorização dos profissionais do ensino, garantidos, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998)
- V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)
- VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
- VII - garantia de padrão de qualidade.
- VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)”. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

¹⁴⁴Foi uma liderança bastante influente na cidade, atuou na área da educação, saúde e religiosa. Para saber mais de sua vida e trajetória favor vê em: LESSA, Bruna Souza Aguiar. **História, Religião e Educação:** a trajetória do pastor Eduardo França Lessa na cidade de Parintins. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2012.

atendimento a quem lhe procurava, inclusive chegou a socorrer um de seus filhos quando este se encontrava em situação de quase morte.

Dificuldades com deslocamento é outro aspecto trazido por Geni quando conta que as canoas eram equipadas com rede para que, dependendo da posição e força do vento, pudesse sair de um lugar a outro, e mesmo assim diz que “tinha um pouco dessas”. Relaciona essa situação a condição de pobreza em comparação a realidade atual. Por isso afirma “era muito pobrezinha a cidade, era paupérrima mesmo”.

E continua nesse pensamento ao citar a não existência do mercado, deixa transparecer que pelo fato da cidade não dispor de um mercado que atendesse a necessidade das pessoas, “tudo era vazio, muito triste”. O vazio causado por algo que ainda não existia no tempo que Geni chegou a cidade é colocada no mesmo patamar de tristeza por ela.

Vale frisar que a fala dela ocorre sempre no sentido das ausências se contrapondo ao que hoje tem na cidade. Compreende-se que ao avaliar a cidade, ela parece avaliar a própria vida. Para ela a cidade evoluiu na medida em que ela também evoluiu.

Importa destacar que as narrativas se referem a dois momentos distintos, quais sejam, Geni chega em Parintins ainda nos de 1950 e recorda a ausência de infraestrutura e recursos que viabilizassem melhores condições de vida na cidade. Luzia chega na década de 1970, momento em que ocorre o processo de transformação na cidade. Parintins, entra na onda do desenvolvimentismo, de acordo com Batista (2007) “toda a política desenvolvimentista requer tempo, paciência e a formação de uma mentalidade especial, para que leve a bons resultados”¹⁴⁵, e assim compreendemos a imbricada relação entre passado e presente. As falas nos dizem dos processos individuais e como os processos coletivos foram vistos e vividos pelos indivíduos, dentre eles, as mulheres nordestinas, sujeitos de nossa análise.

Vale ressaltar que as questões trazidas tanto por Luzia quanto por Geni se referem ao tempo passado, porém, a partir de suas experiências do hoje. Suas falas nos remetem às formas como lembram e lidam com as lembranças do passado, no presente.

Geralda Xavier em seu depoimento dá detalhes de como era a cidade na época de sua chegada e de como a mesma foi sendo modificada. Nessa perspectiva, ela diz:

¹⁴⁵ BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia** – análise do processo de desenvolvimento. 2 ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa 2007, p. 283.

Quando cheguei aqui era um pouco atrasado. Não tinha esses casarão bom que tem agora, essa catedral aí tava no início, tava ainda na construção, levantando a construção. Agora tá muito bonita a cidade, depois que eu vim pra cá trouxe só felicidade (risos). Parintins hoje tá uma cidade, aqui era quatro, essas casinhas era tudo casa humilde, a catedral tava no alicerce quando eu cheguei aqui em Parintins. tinha poucas casas aqui, tudo foi reformada, quando a gente chegou aqui, quem primeiro reformou a casa foi, fomos nós, e você sabe quando o vizinho vê a pessoa beneficiando uma coisa quer também fazer né! E aí começou. A primeira casa de dois andar aqui, foi essa aqui (aponta pra sua casa) depois começaram a fazer, vinham aqui olhar, depois fizeram. Posso dizer que nós viemos dá vida aqui em Parintins, em nome de Jesus! Isso aqui não era Parintins, era um lugarzinho muito atrasado. Poucas casas aqui, aqui só era comércio, como tá sendo hoje em dia. Mas era feinha, a João Melo aqui era feinha, humilde, era um lugarzinho muito humilde mesmo!¹⁴⁶

Podemos analisar que o olhar de Geralda em relação a sua chegada, também, está enquadrado num espectro positivado da mesma, quando menciona “era um pouco atrasado (...) agora tá muito bonita”. O seu ponto de vista sobre o momento passado, que se refere ao primeiro contato com a cidade, está sendo vislumbrado a partir do momento em que precisou ativar sua memória e que enfatiza as construções como sinal de progresso. Mais que isso, ela olha o tempo e o espaço a partir de sua presença na cidade. Portelli¹⁴⁷ uma vez mais nos informa a relação do tempo/espaço a partir dos marcos da vida pessoal. Geralda percebe a mudança da cidade a partir de sua presença – marca o tempo a partir dela.

Vemos que Geralda atribui o crescimento da mesma a partir de sua chegada, o segundo sua narrativa, se coloca como alguém que promoveu transformações concretas que marcou seu estabelecimento, da mesma forma que estimulou alguns vizinhos a buscarem melhorias em suas casas, quando diz “a primeira casa de dois andar aqui”, Geralda faz essa afirmação cheia de entusiasmo ao apontar para sua casa ao passo que mostra as casas em torno da sua que pouco a pouco foram sendo alteradas.

A construção da catedral¹⁴⁸ é outro aspecto interessante apontado por Geralda como um elemento que marca sua chegada. A catedral, construída ao longo da década de 1960¹⁴⁹, coincide com o período em que ela está chegando.

¹⁴⁶Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2014.

¹⁴⁷ PORTELLI, Alessandro. **O momento da minha vida: funções do tempo na história oral.** IN: FENELON, Déa Ribeiro. **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho D'Água, 2004.

¹⁴⁸A construção da Catedral teve seu início da década de 1960, para maiores informações favor ver: SOUZA, Raimundo Gomes de. **O ensino de História e a história da Catedral de Parintins.** Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2012. Para mais informação indicamos como suporte de leitura: BRITO, Janderson Lopes. **A importância social da festa de Nossa Senhora do Carmo para as famílias carentes da paróquia da catedral**

Essas informações trazidas por Geralda nos permite estabelecer um parâmetro entre as narrativas anteriores, aqui podemos perceber que há um processo de transição na cidade. Ao mesmo tempo que Parintins na concepção de Geralda “era um lugarzinho muito atrasado”, começa a dar significativos passos de mudanças. A construção da catedral aparece, em sua fala, como elemento “evolutivo” da cidade, não só de sua chegada, sobretudo do crescimento da mesma.

Asfalto aqui, o resto era barro. O aeroporto era aqui por trás da catedral. A catedral estava no alicerce, alicerce de um palmo eu ia lá de curiosa medir, que eu sempre fui curiosa, medi o alicerce. Isso vai custar muito! Eu dizia. Mas essa igreja vai custar muito. Aí depois fizeram o cemitério, tudo assim foi tudo renovado em Parintins, pode dizer que tá uma cidade. Quando eu saio por aí que eu vejo, meu Deus! Como Deus é grande e poderoso! Olhava pra lá só era mato.

“Olhava pra lá só era mato¹⁵⁰”, essa afirmação Geralda faz da varanda de sua casa em direção a catedral, a impressão que tinha em relação a construção da mesma é de que seria algo bastante demorado, ao fixar seus olhos, surpreende-se em perceber as mudanças ocorridas.

na década de 1980 em Parintins-AM. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2009.

¹⁴⁹Período esse que fortemente marcado pela renovação dos movimentos carismáticos dentro da Igreja, além da maciça inserção de missionários católicos em diferentes espaços da sociedade brasileira, a fim de difundir seus ensinamentos a todos, se possível, no intuito de que consiga se manter como religião oficial. Para maiores esclarecimentos, ver: BUTEL, Cristiana Andrade. **História e Religião:** a religiosidade como padrão comportamental da mentalidade do povo parintinense (área urbana) no Estado do Amazonas nos primeiros nove anos do século XXI. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2009.

¹⁵⁰Essa referência também aparece em sua narrativa quando menciona a ocupação da Fazenda Itaúna que será discutida no capítulo 3.



Podemos estabelecer um diálogo entre a narrativa de Geralda com as quatro imagens¹⁵¹ dispostas linhas acima. Na **imagem 09**, podemos visualizar a estrutura da catedral em sua fase inicial. Nela percebe-se a ênfase dada apenas à construção, à ausência de pessoas e outros prédios é algo que chama atenção. O ângulo que a enquadra direciona nosso olhar para a estrutura do terreno em que a presença de mato e uma espécie de fenda indicam que o acúmulo de água em virtude do período de enchente do rio poderia ser algo comum.

A **imagem 10**, embora também não aponta a presença de pessoas e outros prédios semelhante a primeira, nela é possível perceber a estrutura praticamente montada. O que chama atenção nessa imagem é que ela registra a construção da torre e a mudança no terreno, aqui já não há mais a presença de mato e sim de uma espécie de pátio.

A **imagem 11**, apresenta a catedral já no seu formato final, e nela é possível visualizar pessoas transitando em seus arredores. Casas aparecem ao fundo, em relação ao

¹⁵¹A fotografia entendida como fonte auxilia na compreensão de um dado momento histórico, uma vez que dependendo do enquadramento que a mesma possui, é possível analisar sentidos atribuídos, seguindo esse raciocínio Ana Maria Mauad ao discorrer sobre História e Fotografia elucida que: “O cruzamento entre a imagem fotográfica e a história se dá a partir do estatuto técnico das fotografias e seus sentidos de autenticidade e prova, que as transformam em testemunhos oculares de fatos. (...) A evidência histórica e a imagem são constituídas por investimentos de sentido, e a fotografia pode ser um indício ou documento para se produzir uma história; ou ícone, texto ou monumento para (re)presentar o passado”. MAUAD, Ana Maria. História e Fotografia. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 263.

terreno em torno da mesma, tudo indica que houve uma modificação na intenção de melhorar o acesso e tornar o local em espaço de sociabilidade, algo que acontece atualmente.

Por fim, a **imagem 12**, revela um olhar sobre a catedral em relação a avenida João Melo, rua em que Geralda reside. Percebe-se que a mesma está de frente para rua, o que nos leva a pensar sobre o processo de crescimento da cidade, ou seja, a avenida João Melo é a principal via comercial de Parintins, localizada no centro da cidade. Isso indica que durante o momento de expansão essa avenida seria um dos principais elos entre quem vinha do interior ou outras localidades e a cidade.

Zenaide ao falar sobre sua chegada, enfatiza que era:

Tudo muito pequenininho quando eu cheguei aqui, o aeroporto era ali perto daquele supermercado triunfante. Era bem tranquila a cidade quando eu cheguei. Olha tinha gente que dormia de porta aberta! Era muito tranquilo, aí depois que a cidade foi crescendo, era bem tranquilo mesmo aqui! Era pequeno e era só bem mato pelo meio, não tinha ainda a Francesa, tinha pouquinha casa lá pra Francesa. O comércio era bem pouco. Inclusive os meus dois irmãos vieram pra cá. Os primeiros que vieram pra cá, o primeiro colocou loja de roupa e o outro colocou um supermercado, vendiam muito bem, sabe! Vendiam muito bem!¹⁵²

Sua narrativa aponta o processo de crescimento ocorrido na cidade, muito embora seja enfática ao dizer que era “tudo muito pequenininho”, no entanto, ela também evidencia a tranquilidade do lugar em que as pessoas tinham o hábito de dormir com as portas abertas. O que não é possível fazer na atualidade devido a questões de insegurança. Zenaide chega a Parintins no início da década de 1980, e ainda é possível verificar através de sua narrativa as mudanças ocorrendo paulatinamente. Ao citar que a Francesa¹⁵³ nem sequer existia como indicativo de pouco investimento na área de infraestrutura urbana.

A presença de poucos comércios é outro ponto trazido por ela, e que devido a escassez da oferta, seus irmãos viram oportunidade de se darem muito bem por meio dos estabelecimentos comerciais que mantinham.

Olhando pela perspectiva de que a cidade estava passando por um processo de transformação levamos em conta a incorporação de sujeitos de diferentes atividades buscando meios de sobrevivência em meio à adversidade do novo local de moradia.

¹⁵²Maria Zenaide Souza. Entrevista realizada em 13 de outubro de 2015.

¹⁵³Também chamada de Lagoa da Francesa é um dos bairros de Parintins. Também atua como um porto alternativo para escoar mercadorias e transporte de pessoas advindas do interior e de comunidades circunvizinhas a Parintins.

Buscar novas oportunidades no espaço social de Parintins é algo visível em todas as narrativas, muito embora ocorra em momentos e condições distintas, em que dependendo das relações afetivas que favoreceram na inserção de todas as mulheres, não podemos deixar de mencionar que a inserções ocorrem de maneira peculiar a cada uma. Não há uma homogeneidade, pelo contrário, cada qual registra em suas memórias as peculiaridades de suas chegadas e de como viram a cidade pela primeira vez.

Rita Costa em seu depoimento fala que:

Aí uma coisa que eu achei completamente diferente que nunca mais eu vi mais, logo que cheguei pra cá eu achava tão lindo aqueles peixes, quando era de tarde, menina, era uma cambada de peixe, muito feio que eu achava, era aqueles cuiú cuiú, é assim que eu imagino, mas eu achava tão bonito que eu admirava com aqueles peixes. O mercado, aqui era bem movimentado, hoje em dia já tem mercado pra todos os lugares, né! Mas o movimento de peixe era bom demais! Tu é doido! E pra comprar carne então! Era fila aqui no mercado logo que cheguei, tinha que fazer fila pra comprar carne, hoje em dia não, tá tudo perto. O peixe também acabou, ninguém vê mais peixe, éh! Tudo tá muito diferente! Completamente diferente.

Nota-se nessa fala de Rita que ao mesmo que se admira da variedade de peixes vendidos no final da tarde no mercado público, é carregada de queixas justamente por não existir práticas como essas hoje em dia. Vale lembrar que o momento que chegou a cidade tudo girava em torno do centro, por isso o mercado citado por ela, além de ser um espaço que promove a circulação de mercadorias, também, é um espaço de sociabilidade, fosse em relação aos variados tipos de peixes expostos para venda, fosse em relação as filas formadas para compra e venda de carne.

“Tudo tá muito diferente, completamente diferente”, essa afirmação em tom de inconformismo reflete justamente o processo de crescimento promovido na cidade. O que era destinado apenas uma parte da mesma, e diga-se de passagem, a parte central, a partir do avanço populacional outros espaços foram sendo organizados no âmbito de atender as demandas que iam surgindo, vimos isso linhas acima com a narrativa de Fátima Paulo.

Rita ao expressar que “tudo tá diferente” faz isso mediante suas lembranças de quando chegou à cidade, sobre isso ela fala que:

Desde quando cheguei aqui, desde o primeiro dia que cheguei aqui foi no comércio, primeiro era uma merceariazinha, já tivemos drogaria, agora é esse armarinhozinho que nós temos, mas sempre foi comércio. Quando ele (esposo) veio pra cá, já

montou mesmo uma tabernazinha, lá no São Benedito¹⁵⁴, de lá viemos pra cá (centro), até hoje! Agora que os filhos tomam de conta, só tenho um filho, as outra moram em Aracaju, as duas moças, uma é casada e a outra ainda é solteira, moram em Aracaju, são três filhos, o rapaz ainda mora comigo, daqui uns tempos ele toma de conta, porque todos dois estamos velhos né!

Rita nos informa sobre sua relação com o trabalho. Sua narrativa indica de que iniciar uma nova atividade comercial não era um empecilho para ela e seu esposo. Isso nos leva a pensar que em alguns momentos a dinâmica do comércio favorece a circulação de certos produtos em detrimento a outros. O que nos permite visualizar a partir de sua fala a transição de gênero comercial.

Com isso podemos perceber que em todas as narrativas há uma experiência compartilhada, isso quer dizer que mesmo enfrentando situações semelhantes ou até mesmo distintas, cada uma das mulheres buscou, à sua forma, estratégias de sobrevivência diante das circunstâncias de dificuldades que a vida colocou diante delas.

Assegurar a coesão familiar é algo visível em todas as narrativas, desse modo, a família se coloca para elas como um elemento de unidade. É seu espaço identitário, em nome do qual vale a pena empreender todas as suas lutas.

A família, no contexto narrativo de cada uma das mulheres entrevistadas, configura-se como um elo de cunho coletivo, embora tenham exercido a maior parte de suas atividades de maneira individual, ou seja, o corpo familiar é compreendido como uma experiência coletiva.

Nota-se que o estilo de vida, a partir da rotina empreendida por cada mulher, não está pautado em distintos modos de espaços sociais dispostos na cidade, para elas o mais importante não é pertencer a um bairro de periferia ou um bairro de centro, ter contato com pessoas da alta sociedade parintinense ou mais abastados, isso é muito nítido na expressão que é mencionada por todas elas: “eu venci!” Vencer significa manter a família unida/coesa.

A cidade se configura no espaço partilhado. Espaço comum a todas elas, entretanto, experimentado de forma singular por cada uma.

¹⁵⁴ Um dos bairros de Parintins, também conhecido como reduto do boi-bumbá Garantido, identificado com as cores vermelha e branca.

Os enfrentamentos e dificuldades: algumas considerações

Uma das grandes dificuldades em refletir sobre as vivências das mulheres nordestinas é o cuidado ao referenciar suas narrativas, uma vez que a possibilidade de criar estereótipos colocando-as em um pedestal de supermulheres não foi e não é tarefa fácil, trata-se no, entanto de mulheres comuns, de vida simples, sofrida, porém repletas de grandes lições que de maneira nenhuma pode ser ignorada.

Nesse ínterim, de não construir algum outro tipo de estereótipo, cabe aqui sinalizar e desmistificar pelo menos um dos mais difundidos na historiografia amazonense sobre a presença de sujeitos nordestinos no interior da vida urbana nortista, que é sem sombra de dúvidas, o nordestino flagelado e/ou faminto e até mesmo da seringa como já fora discutido no primeiro capítulo.

A partir de suas narrativas em referência aos enfrentamentos cotidianos dentro da cidade. Levando em consideração de que o espaço urbano além de ser construído, também é instituído no ir e vir diário de seus habitantes, esse fazer-se do viver em cidade é percebido através de uma relação muito mais imbricada que se imagina.

No entanto, o que estou tentando sinalizar é justamente para o fato de que as ações empreendidas por esses sujeitos, sobretudo as mulheres em questão, coloca em cheque um fator fundamental para aprofundarmos essa discussão, uma vez que estabelecidas no norte do Brasil, o lugar em que se inserem, em muitos momentos de suas vivências se configura como um grande “*seringal*”.

Assim, podemos atentar que todo migrante, em algum momento, ou de alguma maneira experimenta uma forma de isolamento. Dessa forma o distanciamento de tudo que deixara pra trás provoca rupturas e um (re)direcionamento de como suas vidas serão encaminhadas a partir do agora que vivem. Mesmo estando entre pessoas conhecidas e queridas, o sentimento de tristeza e saudade figura em níveis mesmo que diferenciados a cada mulher e tantos outros sujeitos, porém, a todas elas estar posto, o recomeçar.

Analisar o cotidiano não é tarefa fácil, uma vez que não estamos lidando com algo estagnado, em que acompanhar as trajetórias de vida das mulheres nos remete compreender que seus enfrentamentos não estão postos apenas no que é pautado ao vivido, todavia nos envolve a dimensão política de suas ações trazidas pelas suas

narrativas. É nessa direção que a historiadora Patrícia Rodrigues da Silva em concordância ao pensamento de Alessandro Portelli, afirma que *“as fontes orais exigem ainda mais o trabalho do historiador, pois é ele quem interpreta as entrevistas que lhe são confiadas pelos entrevistados. A reflexão e a análise dos depoimentos são do historiador”*¹⁵⁵. Onde é preciso não só perceber cada gesto, entonação de voz, expressões sejam elas faciais e corporais, é estar sensível ao outro diante de seu momento de lembrar e narrar suas experiências.

Segundo Heller (1992)¹⁵⁶, *“a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social”*. Implica dizer que as lutas enfrentadas no dia – a – dia a época que chegaram a Parintins parece não ser muito grande quando comparadas no período que ocorreu a luz de cada entrevista, uma vez que mencionam a violência como um dos fatores mais preocupantes do cotidiano que envolve cada uma delas no hoje que vivem. A preocupação e até mesmo a sensação de impotência frente a questões de segurança faz com que essas mulheres vivam com uma atenção redobrada em relação à segurança de suas casas. O cuidado com o horário de saída e chegada, a manutenção de um portão fechado são elementos que tomam fôlego ao longo de suas narrativas.

É nesse sentido que Fátima Costa ao falar de algumas dificuldades enfrentadas no seu cotidiano sinaliza que:

Hoje em dia tá ruim, porque uma hora dessa de primeiro você saía de casa, cê saía... cê saía tranquilo ia e voltava. Hoje em dia a dificuldade tá é desses assaltos, tanto malandro na cidade e essa maldita droga que veio acabar com o mundo, é no mundo todo. Porque de primeiro você podia sentar na frente da sua casa até umas horas, ficar conversando com os vizinhos, aí hoje você não pode, e se ele não lhe assaltar é arriscado até atropelar você na sua própria calçada e assim é a dificuldade que eu acho. Quando eu cheguei pra cá tudo era... a gente saía e ia daqui pra catedral com meus dois filhos e ficava lá e vinha. Sempre que vinha muita gente, todo mundo a pé e ninguém achava... ninguém mexia com a gente na maior tranquilidade. Quando a gente fosse, podia ser a hora que fosse. Se... se é arriscado hoje em dia cê adoecer, cê querer ir no hospital ou ser assaltado no meio da rua, não pode é um perigo, né? A dificuldade maior que eu acho é esse, você não pode mais sair de casa fora de hora, cê vai ou pro trabalho, escola aí corre risco né? Pois quando eu cheguei pra cá, daí do Palmares, a gente ia trabalhar no Palmares e ía pra Emílio Moreira, uma hora da manhã, com meu sobrinho, fazia minhas coisas e viajava com meu irmão pro interior, nunca achei nem um cachorro pra latir comigo. Quando era de cinco horas da manhã a gente vinha do mesmo jeito. Vai sair daqui uma hora da manhã!

¹⁵⁵SILVA, Patrícia Rodrigues da. **Memórias e Histórias de trabalhadores no Amazonas contemporâneo**. Manaus: EDUA, 2016, p.43.

¹⁵⁶HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 20.

Sua narrativa levanta a questão em torno da violência principalmente ao que diz respeito à segurança e a integridade física é gritante em sua fala. Ela traz dois critérios bastante significativos que auxilia nossa análise acerca do cotidiano em que vive.

O primeiro aspecto levantado está relacionado com o aumento cada vez mais presente e visível no nosso dia – a – dia, a violência, essa em variadas formas de expressão, no entanto Maria de Fátima, ao mencionar “*a dificuldade tá desses assaltos, tanto malandro na cidade e essa maldita droga que veio acabar com o mundo, é no mundo todo*” evidencia que atos como esses já estão corriqueiro o que de maneira intimidatória força os sujeitos ditos de bem a viverem cada vez reclusos dentro de suas casas como forma de se protegerem. “*Porque de primeiro você podia sentar na frente de sua casa até umas horas, ficar conversando com os vizinhos*”. Hoje, isso não é mais possível. Os sujeitos estão cada vez mais reclusos.

Observemos que nessa expressão trazida por Maria de Fátima tem duas questões a serem refletidas: a) ela enuncia a crescente onda de assaltos, motivo esse que impede até certo ponto a saída de casa em horários considerados de risco a segurança e, b) ela atrela a presença de drogas como um agente causador de tantos males não só a Parintins, sobretudo em escala mundial.

A frequente onda de assaltos e o crescente consumo de drogas são trazidos por Maria de Fátima como um dos principais motivos de sua reclusão dentro de casa, o hábito de sentar na calçada com vizinhos é algo que já inexistente no seu cotidiano, o medo de sofrer alguma investida criminosa faz com que sua rotina seja afetada e alterada.

O segundo aspecto é a comparação que faz em relação aos tempos de tranquilidade ocorridos na cidade, vale destacar que essa tranquilidade está relacionada com a prática de assaltos e consumo de drogas, não que a época que Maria de Fátima chegou a Parintins não ocorresse algum desses dois atos, apenas existia com menos visibilidade, segundo os indícios apontados por sua narrativa.

E mais, ela é bastante enfática quando diz que :

Quando eu cheguei pra cá, agente saía e ia daqui pra catedral com meus filhos e ficava e lá e vinha. Sempre que vinha muita gente, todo mundo a pé, ninguém mexia com a gente na maior tranquilidade. É arriscado não voltar com vida, é um perigo. Tem dia que eu escuto o rádio aí quando é de manhã, e todo dia tem assalto, todo dia tem, não sei da onde sai tanto assaltante. Acho que é debaixo do chão. Prende um bocado depois tá tudo na mesma. É difícil a situação, mas não é só aqui não, isso é em todo o mundo.

“*Acho que é debaixo do chão*” essa expressão mencionada por Maria de Fátima, ao se referir à quantidade cada vez mais crescente de pessoas envolvidas com a criminalidade, mesmo que soe com tom de graça, desperta o nosso olhar para nos sensibilizarmos sobre o número cada vez maior de jovens e adolescentes enverando no caminho das drogas, pequenos e grandes delitos até mesmo na prática de crimes considerados graves e hediondos.

A tranquilidade do lugar, algo que é bastante plausível em sua narrativa, dá margem para uma sensação de insegurança e desconforto, como ela mesma indica ao elucidar que “*é arriscado não voltar com vida, é um perigo*”.

É interessante pensarmos que essa “tranquilidade” enunciada por ela era algo bastante corriqueiro na cidade a época de sua chegada, diferentemente dos dias atuais em que já não é possível sentar na calçada para conversar com os vizinhos. O que no olhar de Luzia temos que:

Ah, o Raimundo já falou várias vezes que queria ir embora daqui, depois ele não quer ir mais, aqui é tranquilo né, pra ir pra fora a gente só vê violência aí na televisão, tranquilo aqui. Mas eu não! Penso assim, pra dá uma passeada, pra morar mesmo aqui é melhor. É mais tranquilo, é tudo perto e a gente vai pro mercado a pé, pra igreja, que tudo é perto, já lá pra essas capitais tudo é longe, depende muito de dinheiro, é muita despesa, deixa eu aqui mesmo, pretendo sair daqui não, só pra passear mesmo. A gente vai pra Manaus, chega lá tudo é longe de ônibus ou táxi, a avenida é um movimento, deixa eu aqui mesmo, aqui é mais tranquilo¹⁵⁷.

Nesse contraponto trazido por Luzia sobre a tranquilidade de morar, ainda, em Parintins, ela coloca a violência como algo distante de sua realidade, como algo que só acontece em cidade grande e transmitida pela televisão. Entretanto, ela direciona sua fala para a dificuldade de viver em outro lugar a questões financeiras. E faz isso ao se referir a Manaus, o gasto com deslocamento, a distância percorrida de um lugar a outro, o movimento do trânsito, o que ela levaria um tempo consideravelmente longo para realizar suas atividades cotidianas, como ir ao mercado e até mesmo a igreja, tudo isso a pé, resume em uma só expressão “*deixa eu aqui mesmo, aqui é mais tranquilo*”.

Sensação essa que também é compartilhada por Geni ao mencionar que “*aqui é tão tranquilo né! A gente vive em paz, bem tranquilo. A gente ainda pode andar a pé*”¹⁵⁸

¹⁵⁷Luzia Viana da Silva. Entrevista realizada em sua residência no dia 08 de janeiro de 2014.

¹⁵⁸ Geni de Medeiros Cursino. Entrevista realizada em sua residência no dia 03 de dezembro de 2015.

Essa referência à tranquilidade de Parintins, presente nas demais mulheres, e colocada aqui de forma conflitante entre Maria de Fátima, Luzia e Geni, não está sob intenção de contradizer uma narrativa em detrimento a outra, apenas para percebemos que estamos dispostos em uma teia social, uma vez que isso se consolida, os fenômenos atrelados diretamente às práticas humanas, nesse caso a violência, se apresenta e se desenrola de variadas maneiras, em que na percepção de uns vai ser mais elucidativa, enquanto que na percepção de outros vai ser distanciada. O que não deixa de ser presente e real.

A violência visível na narrativa de Maria de Fátima e passada quase que despercebida na de Luzia, enquadra-se como um fenômeno eminentemente social, presente praticamente na maioria, senão em todas as cidades brasileiras. Afetando e alterando o dia – a dia das pessoas. É comum assistirmos ou ouvirmos sobre alguém que foi assaltado, intimidado por alguma ação do tipo e até mesmo de pessoas que foram vitimadas com a própria vida.

Embora, a violência, mais presente na realidade de Maria de Fátima como principal motivo que a impede de sentar em frente de sua casa como fizera outrora, e em Luzia é algo trazido pelo que a mídia informa, percebemos aqui duas faces de um mesmo fenômeno. É preciso levar em consideração que não há uma única forma de viver algum tipo de violência, haja visto que a mesma se expressa em diferentes maneiras estando dentro ou fora de suas casas, ela se apresenta e se estabelece em proporções muitas das vezes irreversíveis.

Não há como negar que vivemos dias bem difíceis, onde a violência em toda sua expressividade tem afetado uma significativa parcela da sociedade mundial, sobretudo a brasileira. O crescimento desordenado das cidades, assim como ausência de políticas públicas que viabilizem ações de cidadania de forma mais efetiva e não paliativa, tem sido alguns fatores que contribuem em seu aumento.

Sobre isso, Rita também registra sua impressão acerca da violência em Parintins, para ela a mesma só ficou mais contundente a partir do momento que a televisão começou a fazer parte da vida das pessoas. Como ela mesma menciona:

Hoje em dia tá tudo muito diferente, né! Muito diferente de como era antigamente. De primeiro aqui minha filha a gente dormia de porta aberta, ninguém nem entrava, ninguém via, olha aqui ninguém via briga de faca, ninguém via briga de nada. Sabe como eles brigavam? De cinturão, era! Ninguém via faca, ninguém via arma,

ninguém via nada. Agora vou te dizer o que eu via quando cheguei pra cá naquela época, não tinha televisão, aí com poucos anos apareceu algumas televisõezinhas, aonde tinha era gente nas frentes das casas para assistir a televisão e daí começaram ver as brigas na televisão e tudo passava na televisão, eles também iam imitando aquilo que eles viam na televisão. Antigamente aqui era bom demais! Mas bom mesmo! Hoje em dia não tá tão ruim¹⁵⁹.

Nota-se que a fala de Rita faz um meio termo entre as questões trazidas por Maria de Fátima e por Luzia em relação à violência em Parintins. Com sua narrativa é possível perceber que ações de caráter violentos estão presentes o tempo todo em seu cotidiano.

Ela diz que não havia desentendimento entre as pessoas, mas em seguida chama atenção quando diz que “*eles brigavam de cinturão*”. O que nos leva a entender que a violência está posta seja de uma forma ou de outra, mesmo que para Rita isso só seja plausível a partir do momento que se use faca ou outro tipo de arma, em referência a arma de fogo. O fato de alguém bater em outro seja com cinturão ou não já é um ato de violência.

E mais, a chegada da televisão por si só também se enquadra em uma expressão violenta, o que demonstra que a situação financeira não era algo compartilhado de igual forma por todos, só, aqueles que tinham um poder aquisitivo diferenciado dos demais eram os primeiros a adquirir tal aparelho. No entanto, Rita atrela o “surgimento” da violência a partir do momento que cenas passam a ser transmitidas na televisão, o que permitiu que “*começaram ver as brigas na televisão e tudo passava na televisão eles também iam imitando aquilo que eles viam na televisão*”.

Muito embora Rita deixe bem claro que foi a partir da chegada da televisão que a violência tomou outras proporções, sua narrativa também chama atenção para que possamos olhar a televisão como objeto que propiciou sociabilidade. Tendo em vista que não era algo de fácil aquisição, que m detinha tal objeto permitia com aqueles que não possuía pudesse sentar em frente de sua casa para assistir o que era transmitido na ocasião. A televisão ao passo que incita a violência é também promotora de socialização.

As narrativas são acima de tudo a efetividade do recordar, isso quer dizer que, as memórias dessas mulheres, são colocadas como fontes históricas, uma vez que nos auxiliam na identificação do que é lembrado e mais, aquilo que é colocado como algo

¹⁵⁹ Rita Franca da Costa. Entrevista realizada em seu comércio no dia 17 de fevereiro de 2014.

significativo de suas vivências. Dessa forma, nos permite analisa-las de forma que possamos trazer aspectos de cunho individual que corroboram ou desmistificam algo que está posto coletivamente.

Assim, caminhamos na mesma direção de Michael Pollak¹⁶⁰, quando afirma que a memória além de ser um fenômeno social é também seletiva. O que ilumina para percebermos as questões trazidas pelas mulheres sobre a tranquilidade de Parintins versus a violência que a mesma enfrenta, como estereótipos atribuídos à cidade pautados em suas lembranças. Nesse entendimento, é possível afirmar que tanto os acontecimentos vividos de forma individual ou por tabela, enunciados por Pollak, são elementos constitutivos de memória.

Os elementos que constituem uma ou mais memórias, são relevantes no sentido de que nos ajudam a percebermos a importância atribuída a cada vivência, isso implica dizer que de onde as memórias se configurem são fenômenos eminentemente social. O que nos leva a destacar que o processo de construção dessas memórias só é possível uma vez que os sujeitos estão dispostos em sociedade, diante desse argumento vemos o delineamento da imbricada relação entre passado e presente, em que segundo Pollack a mesma se constrói na lembrança assim como no esquecimento.

Nessa direção, Motta (2012), inclina nosso olhar para que vejamos de que forma se processa o conhecimento histórico, esse que se estende muito além da realização de uma entrevista e até mesmo com as etapas de tratamento das mesmas. Possibilita termos conhecimento daquilo que não é dito, as narrativas nos permitem estabelecer conexões entre o que é vivido e o que é compartilhado, muito embora ocorra em tempos cruzados pela memória.

É nessa direção que explanamos sobre uma das maiores atribuições da história enquanto área do saber, que é a valorização das vivências e porque não das experiências do que fora e é vivido tanto naquilo que podemos apreender como semelhanças e diferenças quanto nos conflitos e tensões que permeiam cada sujeito.

O que é possível afirmar que os processos sociais vivenciados por cada mulher são transformados em memórias a partir do momento que elas atribuem algum significado às próprias experiências. Nesse sentido, a queixa de uma enfermidade é um elemento

¹⁶⁰ POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista estudos históricos. Rio de Janeiro, v, 05, n. 10, 1992, p. 201 – 215.

constitutivo de suas memórias, haja visto que é outro ponto comum presente em todas as narrativas. É nesse caminho que Zenaide compartilha sobre sua aflição entre ficar ou partir, ela fala que:

Tem hora que ele (marido) fala de ir embora, inclusive agora que ele tá com esse problema de coração né! Aí os meus filhos estão estudando pra lá (Sobral-CE), aí eles falam assim: ai mamãe! A senhora tem que vir pra cá, porque não tem nenhum médico de coração aqui, porque não tem né! Cê tem que vir embora pra cá. Aí ele (marido) fica: a gente vai? Aí eu fico pensando, num sei! Se a gente for pra lá não arruma mais emprego, porque a gente tá né! Já tá com uma boa idade, e a gente já tem esse comercinho e que já estamos acostumados, aí eu fico assim pensando da gente ir e não se dá lá, não sei como vai ser a nossa vida! Tá assim! Eu gosto muito daqui olha! Eu amo aqui Parintins! Sinceramente, eu amo!¹⁶¹

Sua narrativa está permeada de aspectos conflitantes com os seus anseios e medos. A saúde cada vez mais debilitada do esposo em virtude de uma não oferta de cardiologista em Parintins é algo que não só a preocupa, como também serve de argumento por parte de seus filhos para que saiam da cidade. Da mesma forma como a vontade de seu esposo ir embora para o Ceará na intenção de ficar próximo dos filhos é outro aspecto que sensibiliza Zenaide.

Ao racionalizar sobre a condição financeira em virtude da idade já está avançada para conseguir emprego, é, o ponto crucial que faz com que abra mão de partir. O comércio que possuem é o eixo norteador de suas permanências, garantia de que mesmo com dificuldades o pão de cada dia não faltará, diferente se tivesse que ir embora, o que a faz pensar “*da gente ir e não se dá lá, não sei como será nossa vida!*” Eis o drama vivido!

Em relação a dá vazão aos seios anseios, Zenaide, já teria retornado ao Nordeste junto com seu esposo para viver próximo dos filhos e labutar por outras possibilidades. No entanto, são, seus medos que a fazem resistir e permanecer. Medo de ir e não dá certo, de não conseguir se adaptar, medo de abrir mão de tudo que construiu em Parintins, o que a faz respirar fundo e dizer: “tá assim!” O medo de partir também está totalmente envolvido com o sentimento nutrido pela terra que a abrigou e possibilitou (re)construir sua vida, isso fica evidente quando afirma “*eu amo aqui Parintins! Sinceramente eu amo!*”

Nessa direção, Júlia, quando questionada sobre o que considera como uma das dificuldades enfrentadas à luz da entrevista, conta que:

¹⁶¹ Maria Zenaide de Souza. Entrevista realizada em sua residência no dia 13 de outubro de 2015.

Eu vivia bem, depois a saúde foi embora e apareceu isso. Apareceu um reumatismo nos meus pés, dos meus pés o osso começou a vir pra cá, mas a dor é até na minha coluna, na minha cadeira, é muita dor nos meus pés, é tanta dor nos meus pés, mas é uma dor tão medonha mulher nos meus quartos, teve dia de eu sentar dessa maneira e não sentir nada, mas eu passo muito mal. Eu acho que a pílulas já estão acostumadas com a minha doença, alivia, se eu tiver chorando de dor alivia tãntinho assim! Só pro dia ser. Agora tomei um, que tinha tomado um comprimido essa noite que era dez horas da noite, agora tomei outro, que tava em tempo de chorar de tanta dor, ou é na cadeira, ou é essa do embaixo dos meus quartos, aqui nas minhas pernas que só Deus sabe o que eu sinto, mas não acho um remédio pra eu tomar, que hoje eu tô um pouco melhor, porque no meu corpo paragem nenhuma, não sei se vou durar mais tempo, só peço a Deus que me leve logo, que não vou aguentar muito não. Deixei de ir até na missa dia de domingo porque eu não posso¹⁶².

Sua narrativa é marcada pelos momentos de dor que sente em decorrência do reumatismo. Dor essa, que acompanhou Júlia durante toda a entrevista, mesmo quando perguntada se poderíamos deixar para outro dia, ou em outro momento que não estivesse com tanta dor, apenas retrucou e disse “*e aqui estou sofrendo com dor. Já estou com mais de cindo anos padecendo com essa doença que ninguém acha um remédio pra eu ficar boa*”. Não quis deixar para outra ocasião.

A dor mencionada por Júlia é percebida em todo momento, seus gestos em muitos momentos eram interrompidos por suspiros e gemidos de dor. Ao descrever sobre a gravidade de sua enfermidade faz questão de mencionar para cada região do corpo em que a dor se alastra, e mais, o convívio com as dores que a cada instante se espalha é tomado por três lamentos bem contundentes em sua narrativa.

O primeiro faz menção ao tempo sofrido pela enfermidade em que não há medicação que consiga combater tamanha dor, o que indica que os que são tomados em vez de ter caráter combativo agem apenas como paliativos, na tentativa de causar alívio e diminuição do desconforto provocado pelo reumatismo. O segundo se refere à vontade de morrer. Nesse caso, a morte se configura como a saída estratégica e enérgica para acabar com todo seu sofrimento, rogando a Deus para que tal martírio tenha fim. O terceiro e último lamento trazido por Júlia é angústia pelo fato de ter deixado de frequentar a missa em virtude do agravamento da doença.

Frente a uma situação de dor e enfermidade que acomete as vidas das mulheres nordestinas, seja diretamente com elas ou com os maridos, é possível notar que a forma como elas lidam com essas circunstâncias do cotidiano que engloba cada uma, nos

¹⁶² Júlia Limeira Martins. Entrevista realizada na residência de um de seus filhos, em 19 de março de 2016.

permite visualizar que, ora enfrentando de forma racional como Zenaide, até mesmo de maneira sensível como Júlia, ou de maneira descontraída como Geni que nos narra sobre sua luta com a saúde.

E assim a gente vai vivendo, o que mais eu quero! Eu tenho dois irmãos eu morreu, morreu o terceiro e agora morreu o penúltimo é o mais novo do que eu, é penúltimo que a minha irmã que é a caçula parece que ela tem setenta e cinco anos tá tudo no caminho de quando puxar a linha pra fazer xixixixix (risos), vai tudo um atrás do outro (grande gargalhada), eu com todas essas doenças, se eu fosse uma pessoa sadia eu ainda era mulher de fazer muitas coisas, mas essas doenças se eu fosse não me deixam em paz, pois é! Eu fiz três cateterismos e duas angioplastias já fiz tratamento em São Paulo, já fiz tratamento no Rio, já fiz tratamento em Brasília, seis anos me tratei em Brasília e Manaus eu não tenho nem conta, mas tô ainda contando a história. Graças a Deus! Só tenho que agradecer a Deus e a Nossa Senhora, graças a Deus!¹⁶³

“*Tô ainda contando a história*”, de forma bem humorada, Geni, antes de falar sobre sua saúde e de como lida com a intensidade de cada tratamento, nota-se que ela inicia falando da hierarquia familiar onde à morte é colocada como uma sucessão, basta algum falecer para que “*a linha*” seja puxada e seguida pelos demais.

O bom humor de Geni é algo muito peculiar a sua personalidade, as constantes idas e vindas em busca de um melhor cuidado com a sua saúde, não faz com que se abata mesmo diante de um quadro que altera com bastante frequência seu estado clínico não é suficiente para que mantenha uma rotina reclusa e deprimida, muito pelo contrário, faz questão de demonstrar sua fé com atitude de gratidão. A época da entrevista, mesmo estando se recuperando de uma infecção respiratória, não se negou a sentar e compartilhar sua vida, estava ansiosa, pois contava nos dedos os dias que “*agora que nós vamos pra Paraíba depois vai o resto da família, resto não, apenas uns, ainda vai mais vinte e duas pessoas, vamos passar o aniversário desse dito meu irmão que nos trouxe pra cá, noventa anos! Vai ser um festão!*” É assim que ela resume sua expectativa de viajar e mais uma vez está entre sua parentela mesmo tendo uma saúde cada vez mais fragilizada.

Assim, como Geni, Geralda, também evidencia sobre o papel relevante que sua religiosidade agiu diante de uma situação tão complicada que vivera. Nesse sentido, ela informa que:

Por intermédio dessa enfermidade é que eu estou hoje, eu tô conhecendo o meu Jesus Vivo! Eu de primeiro adorava o quadro do Jesus morto, né? Jesus me chamou,

¹⁶³ Geni de Medeiros Cursino. Entrevista realizada em 03 de dezembro de 2015.

eu quando fiz a cirurgia fiquei entre a vida e a morte, o médico me despachou (**desenganou**) Cortei a garganta e ele (**médico**) cortou minhas cordas vocais, passei quatro meses sem falar, e eu fiquei na Beneficência Portuguesa **entre a vida e a morte**, quando meu esposo ia avisar, aí botaram aviso pra eu votar aqui pra cá pra Parintins, que ele fosse quem era família que comparecesse que eu estava sem solução. Sem esperança de vida. Eu me lembro deitada ali naquela cama, mas eu ouvia aquela voz de longe: - eu disse pra ela, eu disse pra Gerarda (que ele me chamava de Gerarda, meu esposo), pra ela não fazer essa cirurgia que ela ia morrer. Eu escutei essa palavra, mas Deus precisava de mim, mas, o mais importante é que Deus veio ao meu encontro, irmã. Na janela do Beneficência Portuguesa, Ele (Deus) chegou e desceu três passos, e ali ele parou, só fez me cumprimentar, três vezes ele me cumprimentou, não ouvi a fala dele, a de Deus, restituiu a minha saúde, passei o dia baqueada¹⁶⁴, mas ele veio ao meu encontro.¹⁶⁵

Seu depoimento direciona nosso olhar para quatro eixos que norteiam sua narrativa, com isso é possível delinear que Geralda faz relação direta entre a enfermidade que acometeu sua saúde com o seu processo de conversão, isto é, a troca de uma expressão de fé a outra. Aqui há uma relação complexa entre a etapa pré-operatória envolvendo o medo que Geralda sentia na ocasião em conflito com sua crença anterior.

O que vemos com esse momento vivido por ela é justamente a busca pelo sagrado durante um momento tenso e sofrido que muitos sujeitos vivenciam diante de um quadro quase morte. Desenganada pela medicina, o que lhe resta é clamar pela ação do invisível. O que de acordo com Irineu Wilges¹⁶⁶ o papel desempenhado pela religião na vida de um ou mais sujeitos acontece dentro de dois sentidos: o sentido objetivo e o sentido subjetivo.

O sentido objetivo diz respeito às práticas pertencentes a uma dada crença, assim como os ritos e leis que direcionam o homem a buscar um ser que considera supremo e com o qual estabelece uma relação tanto no âmbito pessoal como na troca de benefícios. O sentido subjetivo faz menção ao reconhecimento da dependência do homem em relação ao ser tido por ele como supremo o que no caso de Geralda não foi diferente. Acreditou que poderia sair daquela crítica situação.

O medo de morrer, a angústia de não conseguir falar novamente, ouvir a voz do marido e não ter forças para sinalizar que estava consciente, a certeza que havia tido um encontro real com o transcendente, faz com que todo esse sofrimento não acabe, mas com a presença efetiva do senso religioso, permita que tal sofrimento tenha um novo significado.

¹⁶⁴ Baqueada – expressão comumente utiliza no sentido de expressar algum processo de enfermidade.

¹⁶⁵ Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada em sua residência no dia 12 de fevereiro de 2014.

¹⁶⁶ WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa: as religiões do mundo**. 6 ed. rev. e atual. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.15.

Quando eu cheguei aqui, eu chorava, o que antes de eu me operar eu fiz por intermédio de uma sobrinha minha, Deus! Jesus! (bastante emocionada) eu aceitei Jesus como meu Salvador. Aí quando eu me operei, eu já tava com aquilo concentrado. E aí minha irmã com tudo que eu melhorei, eu vim pra cá pra minha casa, eu chorei, mas nada que fizesse eu sair da igreja, de mim eu saía daqui, chegava na varanda via quando o padre chegava no altar, saía daqui quando o padre subia no altar aí ou meu Deus e agora? Mas eu disse: - Senhor me ajuda, não deixa eu me enfraquecer. Mas ele me mostrou o caminho e até disse qual era a igreja que deveria comparecer. Porque eu disse pra ele: - Senhor! A igreja é que eu frequentava é pertinho da minha casa. Tudo, eu saía na hora que padre chegava, e agora? Pra onde eu vou? Mas eu espero que o Senhor me dê um lugar certo pra eu seguir, aí Ele disse: - Oh! Vá pra Assembleia de Deus, e eu entrei na Assembleia de Deus, como no sonho, não foi pela frente foi pela atrás, no sonho. Do jeito que eu entrei no sonho foi a minha entrada na Assembleia de Deus, e até hoje graças a Deus! Quando eu cheguei eu chorava. O bispo ia me pastorear debaixo de umas árvores aqui na Av. Amazonas, logo na entrada! Mas éh! Graças a Deus eu encontrei outros amigos, quando as minhas irmãs passavam aqui, as irmãs do apostolado, “ei Geralda o que foi que tu fizeste, hein? Só fazia baixar a cabeça, seja feita a vontade do Senhor, perdi as minhas amigas todinhas, quando passavam por mim, só piadinhas! Mas tudo eu suporrei em nome de Jesus, e hoje eu estou contando a história e tô muito feliz! Muito feliz!¹⁶⁷

Curada e restabelecida, Geralda, se depara com um dilema, continuar na doutrina que fizera parte a vida toda ou encara de frente a decisão que mudara sua forma de credo. Decidida pela mudança sente de muito perto o não conformismo e incompreensão daqueles que provavelmente a acompanhara de longas datas. Essas lembranças sobre a transição da doutrina católica para evangélica provoca em Geralda grande comoção. Esse período na sua narrativa evidencia um cenário onde o cristianismo em Parintins deixa de ser predominantemente católico e passa a ter a presença consolidada de igrejas evangélicas a exemplo dos batistas e dos pentecostais como é o caso da Assembleia trazido por Geralda. O que também evidencia que o estabelecimento do protestantismo na cidade foi marcado por resistências e perseguições¹⁶⁸.

No olhar de Maria de Fátima acerca de suas vivências em Parintins e em consonância com as demais narrativas, afirma que:

É assim a vida da gente. A gente nasce num canto aí ninguém sabe o destino né? Mas é bom demais. E tando com saúde não tem que reclamar, pois a gente passa pelo bom e pelo ruim, a gente tem que se conformar com as coisas que vem de Deus, com o que Deus faz. As vezes diz assim: há que tá ruim. Tá ruim e depois

¹⁶⁷Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada em sua residência em no dia 12 de fevereiro de 2014.

¹⁶⁸Para vê melhor como se deu esse processo de consolidação do protestantismo na cidade de Parintins, o trabalho de LESSA, Bruna Souza Aguiar. **História, Religião e Educação:** a trajetória do pastor Eduardo França Lessa na cidade de Parintins. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2012. Assim com o de: BRITO, Janderson Lopes. **A importância social da festa de Nossa Senhora do Carmo para as famílias carentes da paróquia da catedral na década de 1980 em Parintins-AM.** Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2009.

vem o bom. Eu sou assim, meu sistema é esse. A gente reclama, reclama aí eu digo: tu num passou tanto pelo bom, agora tem que passar pela parte ruim. Depois dá uma boa e aí vai. Diz assim: a tua é boa, é boa de se viver contigo. Não adianta se desesperar pelas coisas não. Tudo acontece na vida da gente¹⁶⁹.

A postura empreendida por cada mulher diante de suas dificuldades enfrentadas ao longo de suas vivências em Parintins, em que algumas delas se mostram mais sensíveis enquanto que outras demonstram uma atitude mais aguerrida diante de conflitos, isso não diminui em nada, a beleza, que há em cada experiência compartilhada, muito pelo contrário, nos leva a entrarmos em suas histórias narradas, nos leva a percorrer os caminhos de suas memórias faladas. Nos leva a perceber a força, a delicadeza, a firmeza, a conformação e a capacidade de resiliência presente em cada uma delas.

Constatamos por tudo isso que a experiência de cada mulher é sempre renovada a partir do momento em que os sentidos se modificam diante de suas vidas. A experiência age como ponte entre o passado e o presente e de como esses dois se relacionam. A memória é uma essência que na tentativa de resguardar um dado período vivido, extrapola tempos, vai além do estabelecido. Em outras palavras, “na memória fica o que significa, na História se ressignifica o que fica”¹⁷⁰. Na vida de cada mulher nordestina.

¹⁶⁹ Maria de Fátima Costa. Entrevista realizada em sua residência no dia 19 de março de 2016.

¹⁷⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 207.

Capítulo 3: “Tudo acontece na vida da gente: passamos pelo bom e pelo ruim”¹⁷¹

Entre estar e viver na nova terra

Uma cidade bonita, como hoje ainda é, né! Quando nós chegemos aqui era uma cidade bonita, só não tinha esse Itaúna II, né! Nem tinha Itaúna I, nem tinha Paulo Corrêa. Eu morava nas Nações Unidas ali perto do quartel. Era alugada, a gente alugava lá. Aí depois a gente arrumou esse terreno aqui e construímos essa casa, essa barraquinha aqui e tamo por aqui. Tudo era mato pra cá, hoje em dia onde tô morando aqui era mata virgem. Aí depois, foi construindo, derrubaram pra cá, o povo invadiram, aí eu pejei muito pra construir um terreno ali nessa outra rua mais pra perto, né! Mas não consegui, aí vim conseguir pra cá. Aí a primeira vez que nós conseguimos, ia chegar à polícia de Manaus né! Pra botar o povo pra fora, aí eu deixei né! Eu num quis mais construir pra pejejar. Depois invadiram de novo, aí a gente tentou de novo ganhar esse terreno, mesmo terreno que tinha ganhado né! Por Everaldo né! Que era vereador, aí foi que ele veio de novo dando pro povo, aí eu digo quero no mesmo local, se não tiver ninguém foi que eu fiquei nesse mesmo local que eu tinha ganhado já há muito tempo né!¹⁷²

Fátima Paulo, como já fora mencionado no capítulo 1, chegou em Parintins no início de 1990. Diferentemente das outras mulheres entrevistadas, sua presença na cidade se confunde com sua luta pela conquista de um chão para morar. Enquanto as demais mulheres saíram do Nordeste com endereço certo em Parintins, Fátima e sua família moravam de aluguel¹⁷³. A época de sua chegada, a cidade passava por um processo de aumento populacional em que:

Esse crescimento foi impulsionado, de um lado, pela inadequação cada vez mais das políticas do campo, dificultando a vida do interiorano e sua permanência nos locais de origem, por outro, o auge do Festival Folclórico principalmente, e o turismo que desponta, tornam a cidade cada vez mais atrativa. Estas perspectivas influenciaram médios investidores locais criando uma expectativa de abertura de mercado. Com isso, a cidade se apresentava como a principal alternativa de uma vida melhor. Esse fluxo migratório resultou num crescimento demográfico urbano na ordem de

¹⁷¹ Maria de Fátima Costa. Entrevista realizada em 19 de março de 2016.

¹⁷² Maria de Fátima Xavier Paulo. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2015.

¹⁷³ Parintins ao longo dos anos de 1990 foi marcado por um importante crescimento populacional. Esse crescimento populacional aparece em dados estatísticos levantados pelo IBGE – 2014, como também em importantes pesquisas que foram realizadas e que trazem informações sobre tal aumento populacional. Como indicação de leitura: ANDRADE, Gilciandro Prestes de. **História e Memória: da fundação do bairro de Paulo Corrêa ao seu processo de urbanização desenvolvido até os dias atuais.** Monografia – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESPUEA. Parintins, 2009. RODRIGUES, Regiane Costa. **As origens dos bairros Itaúna I e II. “De fazenda a bairro”: história de formação do bairro Itaúna e suas transformações sociais.** Monografia – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESPUEA. Parintins, 2008. APOLÔNIO, Dayanna Batista. **História social das mulheres no bairro Djard Vieira, Cidade de Parintins – Baixo Amazonas (1980 – 1990).** Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESPUEA. Parintins, 2014.

aproximadamente 13,33%. Diante do aumento do número de habitantes e da falta e estrutura para atender todas as demandas, aceleraram-se ainda mais os problemas ditos urbanos, entre estes a questão da moradia. Essa situação, somada aos interesses de determinados grupos políticos motivaria um processo de ocupação de terras em Parintins, começando pela Fazenda Itaúna, que formou o bairro Itaúna I. A segunda ocupação se deu novamente na Fazenda Itaúna, passando a formar o bairro Itaúna II, seguida da formação do Paulo Corrêa. (...) Este processo contribuiu ainda para expansão dos bairros de Nossa Senhora de Nazaré, São Vicente de Paula, Emílio Moreira, São José Operário e Dejard Vieira. (...) Assim, o crescimento populacional contribuiu, em certa medida, para uma aceleração da expansão do tecido urbano de Parintins. A periferia da cidade foi significativamente estendida com a produção dos novos bairros mais distantes, sobretudo na direção sudoeste, alguns inclusive, separados da malha urbana contínua por mananciais. Para facilitar essa ampliação, houve algumas intervenções no sistema viário da cidade como a pavimentação de ruas em áreas mais afastadas da porção central, construção de pontes e melhorias nas rodovias de acesso à área urbana. A partir de 1997 o bairro de Santa Rita de Cássia teve suas ruas interligadas com as ruas do bairro do Palmares por meio do processo de aterramento do curso d'água que separava as ilhas. O mesmo aconteceu com a segunda ilha de expansão da malha urbana de Parintins separada pelo Lago do Macurany, onde foram construídos três pontes: a primeira é a ponte da Fabril, que liga a rua Lindolfo Monte Verde à rodovia Odovaldo Novo; a segunda é a Ponte do Gabião que dá continuidade à rua Paraíba, fazendo a ligação com o bairro Itaúna I; e a terceira é a Ponte Amazonino Mendes que faz ligação com a rua Pe. Augusto Gianola no bairro Paulo Corrêa. Em 1991, a Universidade do Amazonas – UA, (atual UFAM) implantou em Parintins a Licenciatura Plena em Geografia e em 1993 as Licenciaturas em Biologia, Matemática, Física e Química. Por outro lado, a rede pública de ensino fundamental e médio não conseguia atender a demanda por vagas e muitos alunos não tiveram acesso à escola. Nesta década de 1990, os principais pontos comerciais da cidade estavam concentrados na rua João Melo, com acesso ao Porto da rampa do Mercado Municipal; e na Francesa, com acesso à Lagoa da Francesa¹⁷⁴.

Uma significativa demanda de sujeitos oriundos de comunidades próximas, cidades vizinhas, e até mesmo de outros estados, como é o contexto de nossa narradora, saiu do interior do Ceará, morou alguns anos no interior do Pará, na cidade de Óbidos e se deslocou até Parintins.

É interessante pensar nesse crescimento populacional não apenas em termos numéricos, mas também na diversidade de rumos que a cidade vai adquirindo para esses sujeitos que chegam. Assim, através da narrativa de Fátima Paulo, é possível dar rosto e sentido e saber um pouco mais acerca de quem são esses sujeitos sociais que estão camuflados nesses números e quais foram os motivos de sua vinda para a cidade.

A fala de Fátima Paulo nos remeteu à importância dos movimentos sociais e as lutas, que, aquela altura, vinham sendo travadas por populações social e economicamente excluídas Brasil afora. Sobretudo ao Movimento dos Sem Terra (MST - doravante)

¹⁷⁴SOUZA, Nilciana Dinely. O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2013, p. 66 e 68.

Yara Khoury ao se referir à importância dos movimentos sociais aponta que o MST provocou significativas mudanças na luta pelo direito à terra. A autora afirma que:

O Movimento dos Sem Terra vem provocando mudanças efetivas na realidade brasileira, influenciando na reconstituição do terreno da luta política, em meio a pressões e limites dessa realidade, em meio a disputas sobre formas de encaminhamento dessa mesma luta. Esse movimento configura-se como um novo sujeito social firmando-se na cena histórica brasileira, ao lado de outros, entre os quais os sem-terra, desempregados, índios, negros, mulheres, aposentados, grupos profissionais¹⁷⁵.

Essa questão direciona nosso entendimento para que vejamos alguns motivos em torno da terra sejam percebidos como agente de significativa referência. Nela é possível sonhar, projetar expectativas, da mesma forma que nela e por ela acontece situações de grandes conflitos e disputas.

Embora os movimentos sociais e o MST não seja o foco de nosso estudo, faz-se necessário apontar que a luta pela terra em Parintins, no local que hoje se constitui o bairro que Fátima Paulo reside é fruto da conquista desse movimento.¹⁷⁶

Fátima Paulo fala que a aquisição do terreno ocorreu mediante momentos de medo e conflitos com a polícia, em que foi preciso em algum momento recuar e abrir mão para que não tivesse complicações com a mesma. Quando percebe que o risco de ser abordada pela força policial é afastada volta a pelear em prol do terreno.

Nesse caminho podemos verificar alguns apontamentos trazidos por Fátima Paulo ao se referir que ainda não existia os bairros Itaúna I e Itaúna II assim como o de Paulo Corrêa¹⁷⁷, bairros esses considerados periféricos e de maior afastamento do centro. Ela afirma que “*tudo era mato*”. Morou alguns anos de aluguel enquanto pelejava por um terreno no local que hoje é o bairro Itaúna II¹⁷⁸, onde fica sua residência.

Nota-se também a efetiva participação política como agente articulador na aquisição de um pedaço de terra, a presença de um vereador trazida por ela chama a

¹⁷⁵KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. IN: MACIEL, Laura. **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'água, 2006, p. 29.

¹⁷⁶ Para compreender esse processo ver:

RODRIGUES, Regiane Costa. **As origens dos bairros Itaúna I e II**. “De fazenda a bairro”: história da formação do bairro Itaúna e suas transformações sociais. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2008.

ANDRADE, Gilciandro Prestes. **História e Memória: da fundação do bairro de Paulo Corrêa ao processo de urbanização desenvolvido até os dias atuais**. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas, 2009.

¹⁷⁷ANDRADE, Gilciandro Prestes de. **História e Memória: da fundação do bairro de Paulo Corrêa ao seu processo de urbanização desenvolvido até os dias atuais**. Monografia – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESPUEA. Parintins, 2009.

¹⁷⁸ Sobre esse bairro falaremos com mais detalhe na próxima seção.

atenção para os interesses que estavam por trás de tal envolvimento. O óbvio disso é que práticas como essas ainda são comuns em todo território nacional quando se trata do processo eleitoral. Práticas da política do “pão e circo” parece persistir. Com isso percebemos que, o que emergiu como uma luta coletiva aos poucos parece ter se institucionalizado com a presença do vereador citado por ela.

Nesse contexto percebemos que as mulheres participam das lutas, das mobilizações, e dos enfrentamentos em defesa de seus interesses. No entanto, muitas vezes não são visibilizadas junto as esferas de representação. O depoimento de Fátima Paulo nos faz pensar que embora assuma um importante protagonismo na luta pelo terreno, as mulheres não são “vistas”, uma vez que a representatividade na luta pelo terreno ficou a cargo de um vereador.

Diante de idas e vindas em relação ao terreno que estava em disputa, Fátima Paulo se coloca como sujeito que decide, que exige e reivindica o que acredita ser seu por direito. E mais, nos instiga refletir sobre o papel desempenhado pelas mulheres no interior das lutas sociais. Tal participação nos levou a perceber que para Fátima Paulo ação política abriu caminhos na reflexão da sua condição enquanto sujeito social e das diferentes atribuições que realiza cotidianamente, além do papel que exerce na luta pela terra.

Importa dizer que nas mais diversas formas de luta por direitos, aqui especificamente, luta pelo terreno, as mulheres aparecem como protagonistas. Elas se configuram como um relevante coletivo/político ou sujeito político-coletivo diante de uma questão social que se coloca diante de suas possibilidades de aquisição. Fátima Paulo consegue o terreno. E mais,

A gente construiu o terreno aqui e fez uma casinha de madeira. Aí a minha filha mais velha veio morar, que casou, veio morar aqui, veio morar aqui na casa de madeira. Minha filha que fazia sempre reunião né. Tinha reunião que o povo né, direto né, pra poder fazer. É ela que fazia, porque quando eu vim pra cá já tinha energia, tinha água, tinha tudo quando eu vim pra cá. A minha filha bebia água da chuva quando coisava, chovia ela aparava os baldes d'água e coava e bebia, que era longe era distante, era ela e o marido dela, né! O marido dela trabalhava e ela não saía aí aparava ali na chuva pra fazer as coisas.¹⁷⁹

¹⁷⁹ Maria de Fátima Xavier Paulo. Entrevista realizada em 03 de outubro de 2015.

Sua postura desmistifica o “sentido da posse da terra como algo pertencente ao homem”¹⁸⁰. Foi ela que lutou. Foi ela que conseguiu. Dessa forma, ela e tantas outras que se enquadram nessa perspectiva, rompem com o significado atribuído a posse da terra como atributo genuinamente masculino.

Após a aquisição do mesmo, constrói uma casa de madeira e cede para sua filha mais velha – Deusanir Paulo ¹⁸¹ – morar, e mais, ela também protagoniza ações mobilizadoras em prol do bairro em formação. É no interior de sua casa que ocorrem as reuniões. Isso implica dizer que é no interior dessas lutas sociais a partir da aquisição do terreno, que surgem outras demandas na forma de luta e articulação. Sobre isso Deusanir conta que:

No início era assim: o pessoal que se juntava, aqueles que queriam uma energia pra sua casa, assim, eles pegavam, compravam uma peça de fio de energia aí saíam puxando, aí quando se reuniam quatro ou cinco, aí cada um dava uma peça e puxavam desde lá da rua larga, aí era um tipo de um gato¹⁸², e as vezes quando havia queda, queimava muito. Aí eles saíam colocando aqueles postezinhos pra cada um na sua área né! Aí se juntavam tudinho compravam os fios e faziam suas instalações apesar que muito era fraca, não aguentava muita coisa porque que de noite era um consumo maior e enfraquecia. Não tinha iluminação pública nos postes não, só nas casinhas que cada um tinha e as pessoas, que a gente se reunia.

Através de sua fala é possível perceber as articulações empreendidas por vários sujeitos diante da situação em que se encontravam. Ao afirmar “o pessoal que se juntava”, percebe-se a participação direta de outros moradores empenhados para fazer acontecer às instalações no novo bairro. E de tanto que fizeram “até que construíram”, segundo Fátima Paulo reiterado pela narrativa de Deusanir.

Em relação a água, outra questão que levou tempo a ser resolvida, percebe-se que estratégias também foram protagonizadas por sua filha Deusanir e tantos outros sujeitos.

¹⁸⁰ BARROS, Ilena Felipe. **A inserção das mulheres na luta pela terra:** movimento de participação e/ou submissão? Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005. A autora analisa a inserção das mulheres na luta pela terra em dois assentamentos, a saber, Vale da Esperança e Novo Horizonte II, ocorridos no Rio Grande do Norte. Onde evidencia o sentido da posse da terra para as mulheres diretamente relacionado com a unidade familiar. A manutenção e coesão da família é o que as mobiliza em lutar pela aquisição de um novo espaço social. Nessa direção, a persistência de Fátima Paulo se assemelha àquelas mulheres em não abrir mão do terreno que adquirira.

¹⁸¹ Deusanir Paulo é a filha mais velha de Fátima Paulo. Ela chegou em Parintins com doze anos e veio dentro daquele processo que chamamos de migração involuntária no capítulo 2. Não nos referimos a ela na seção em que apresentamos as demais mulheres, pois o contato com Deusanir além de ter sido bastante breve ocorreu especificamente sobre a formação do bairro após a aquisição do terreno. A entrevista ocorreu em 07 de julho de 2017 na residência de Fátima Paulo.

¹⁸² Nome dado as ligações clandestinas de energia.

“A minha filha bebia era água da chuva quando coisava, chovia ela aparava os baldes d’água e coava e bebia”. Esse “coisava” chama nossa atenção para alguns pontos de análise, em que pode ser compreendido como uma intensidade maior de água, como também pode ser entendido pela falta d’água algo que deveria ser constante na ocasião de seu estabelecimento na localidade.

Outro aspecto apontado em sua narrativa é a relação de gênero, aspecto comum em todas as entrevistadas, enquanto o marido de sua filha saía para trabalhar, ela ficava em casa para “fazer as coisas”. O ficar em casa está posto por ela como papel genuinamente feminino. Cabe à mulher cuidar e zelar como cabe ao marido sair e prover o sustento familiar.

Na experiência vivida e compartilhada por Deusanir, ela fala de como ocorreu o abastecimento de água e de como os recentes moradores faziam para adquiri-la, ela conta que esse processo ocorria da seguinte maneira:

Quando não tinha encanação de água, aí muitos na época faziam biqueira sabe! Quando não, iam emendando cano, cano até chegar num certo ponto ali na rua quatro que tinha uma torneira, aí a gente ia com uma carrocinha e trazia os baldes cheios de água pro consumo da casa. Quando não, dava graças a Deus quando chovia né, aí botava balde, bacia, botava tudo pra encher, aí depois escorria que servia pra lavar, lavar roupa, tomar banho. Aí tinha um balde separado, pra comida pegava água na torneira.

Aqui podemos perceber as estratégias desenvolvidas para a garantia da água. No depoimento são evidentes os sentimentos de angústia e alívio em torno da água. A água é um elemento de suma importância para sobrevivência. Sua ausência causa desconforto e impedimento da realização de várias atividades que envolvem o seu uso cotidiano. Sem ela não é possível lavar seja o que for, tomar banho, beber, cozinhar. Sem água não há vida.

Diante de muitas dificuldades os sujeitos criam estratégias e mecanismos para se fixar nos novos espaços de moradia. Dentro dessa perspectiva, reiteramos a construção das relações que envolvem aspectos de gênero. Parece-nos haver um acordo tácito em que as mulheres são responsáveis pelo fornecimento de água no dia a dia do lar, uma vez que são elas que cozinham, lavam, arrumam e abastecem.

Temis Parente, ao falar das vivências de mulheres reassentadas no estado de Tocantins, nos possibilita aproximar das vivências de mulheres nordestinas em Parintins, quando a autora afirma que:

As mulheres lidam diretamente com o cotidiano doméstico, são elas as mais afetadas. Esse cotidiano é mudado bruscamente assim que chegam à nova moradia, e elas têm de se readaptar imediatamente as suas atividades, pois a partir do momento em que pisam nas novas casas, é preciso pensar nas providências do comer, do beber, e são elas com certeza que são responsáveis por essas atividades.¹⁸³

O papel socialmente construído em relação às mulheres é posto em todo momento durante as narrativas. Mesmo lutando por um pedaço de terra, e/ou se juntando a outros sujeitos para instalar um ponto de energia como também pegar água em uma torneira que se encontra distante, elas cuidam da casa, da roupa, dos filhos, da comida, etc.. Situação essa que acontece com outras famílias.

A autora, referida linhas acima, ilumina nosso entendimento na direção de que essas mulheres nordestinas, assim como tantas outras, buscam alternativas para minimizar as dificuldades que surgem no cotidiano vivido por cada uma delas. Elas não se distanciam das atribuições e atividades socialmente construídas em relação as mulheres, muito embora, em momentos específicos, conseguem contrapor a tal pensamento, através da participação no âmbito público por meio de ações coletivas.

A participação cada vez mais efetiva nas lutas sociais permite a elas promover profundas e significativas transformações que se estendem além do interior do lar. Rompem limites, demarcam novas fronteiras de atuação, se durante muito tempo foram relegadas ao não protagonismo histórico, agora elas lutam, ocupam espaços, se organizam e se articulam.

Nesse sentido de construir o espaço que estão ocupando, os sujeitos vão buscando estratégias de sobressair as adversidades que surgem em seus caminhos. Isso denota que não é preciso apenas uma participação de um ou mais sujeitos, é necessário que haja uma organização por parte desses sujeitos frente às reivindicações que lhe são peculiares. Sendo assim:

¹⁸³ PARENTE, Temis Gomes. **Gênero e (in)sustentabilidade de mulheres nos reassentamentos rurais de usina Hidrelétrica de Estreito – Tocantins**. OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 399-416, 2015, p. 404.

Muita gente fez coisa aí, pra poder fazer os asfaltos, aí até que construíram, era muita gente batalhando por energia, mas aí botavam era gato né, aí depois que vieram a energia. Aí depois que a gente veio morar pra cá, nós entregou o ponto que a mulher pediu né!

Ao dizer que “*muita gente fez coisa aí*” evidencia um processo coletivo na intenção de obter melhorias para o bairro em formação. Essa luta, que não é só dela, mas de uma coletividade ocorre em diferentes frentes de reivindicações, tais como, asfalto, energia e água. Percebe-se a partir de sua fala, que tais instalações só começaram serem colocadas depois que os recentes moradores, de forma clandestina, adquiriam os recursos básicos e necessários aos cidadãos como água e energia.

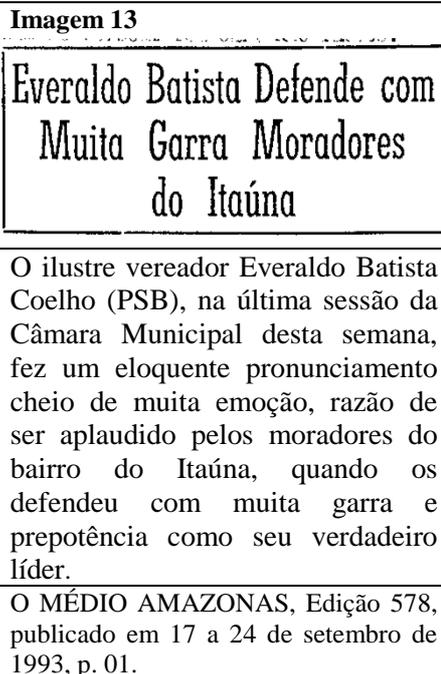
Reivindicações essas que tomaram significativos espaços na imprensa escrita da cidade. Muitas foram as notas que veicularam ao longo da década de 1990, processos de mobilizações que partiram dos moradores não só do bairro em questão dentre outros na cidade de Parintins, como articulações empreendidas por esses sujeitos. Muito embora, em algumas dessas notícias a ênfase dada não é aos moradores e sim ao vereador Everaldo Batista¹⁸⁴ por fazer um pronunciamento na Câmara Municipal em relação as exigências dos moradores pela instalação de água na localidade.

No interior do Jornal O Médio Amazonas, a nota sobre tal defesa proferida pelo vereador citado, aparece escrita da seguinte maneira:

EVERALDO BATISTA PEDIU INSTALAÇÃO DE ÁGUA PARA O ITAÚNA
O ilustre vereador Everaldo Batista (PSB), na sessão extraordinária do último dia 15 do corrente, da Câmara Municipal, usando de sua tribuna apresentou um requerimento solicitando água potável para as residências do bairro do Itaúna, e pediu aquela presidência que enviasse um expediente a Direção do SAAE em Parintins, naquele sentido para que o problema de falta d'água no referido bairro seja minimizado. Ainda de sua tribuna o nobre Edil apresentou um outro requerimento solicitando a urbanização das ruas Maués e Paraíba, no trecho que dá acesso ao bairro do Itaúna (O MÉDIO AMAZONAS, Edição 558, publicado em 19 de fevereiro de 1993, p. 09).

Logo na primeira página do jornal da edição 578, localizada, um pouco abaixo da metade da folha no canto direito, consta a seguinte nota trazendo em sua chamada o referido texto:

¹⁸⁴Everaldo Batista é trazido por Fátima Paulo, Deusanir Paulo e tantos outros sujeitos que protagonizaram a ocupação do terreno que se transformaria nos bairros Itaúna I, II e Paulo Correa. Ele e é apontado como um dos encabeçadores na luta pela legalização dos terrenos ocupados.



Percebe-se que o jornal coloca o referido vereador em evidência, tanto na primeira nota quanto na segunda. Interessante pensar que na primeira o vereador é apontado como autor dos requerimentos que solicitam as instalações de água potável como o melhoramento na via que dá acesso da cidade ao bairro. Na segunda, os moradores são mencionados a partir de um feito do parlamentar em suas defesas e aparecem como vítimas, coitadinhos. São colocados diante dele como expectadores, não como sujeitos que protagonizaram e viabilizaram ações que o levou aquela sessão.

Vale destacar que o trecho, mencionado na nota acima, que fala sobre a solicitação de uma urbanização das ruas Maués e Paraíba é referente a outro bairro localizado na cidade de Parintins, bairro esse que reside Zenaide de Souza ela informa em seu depoimento que:

Quando eu vim também pra esse bairro aqui, era pouquíssima casa, tinha essa casa minha, tinha eu acho que umas quatro ou cinco casas somente pra cá. Aí depois que fizeram muitas casas pra cá, mas eram poucas casinhas, não tinha asfalto nem nada, aí quando começaram construir aí, que eles coravam demais, só que eles não faziam na época, mas com o tempo o Enéas entrou e eu sei que já tinha muita casa aí, aqui no bairro, aí foi que eles fizeram. Aqui no bairro quando a gente chegou, não tinha asfalto, era um buracão, só via o povo reclamando do prefeito, inclusive aqui do lado, aqui oh, ficava um rio quando chovia, aí eles (moradores) pediam muito por prefeito fazer, na época quem fez era até o Enéas o prefeito, ele que asfaltou.

As reclamações mencionadas por Zenaide em seu depoimento tomaram fôlego. Os referidos moradores do bairro em questão não cruzaram os braços em sinal de conformismo. Pelo contrário, de tanto que reivindicaram as mudanças foram ocorrendo paulatinamente. Muitas foram as queixas e solicitações para que o poder público tomasse alguma providência no sentido de resolver o impasse.

Não se calaram. Não esperaram sentados. Articulados e mobilizados buscaram diferentes maneiras para chamar atenção da administração pública.

Tanto Zenaide, Fátima Paulo quanto Deusanir estão falando das mesmas dificuldades encontradas no momento que foram morar em seus bairros, muito embora distintos e distantes um do outro. Fátima Paulo construiu sua moradia em uma área ainda hoje considerada periférica, enquanto que Zenaide está mais próxima da parte central da cidade.

Suas narrativas dão claros indícios do processo de crescimento que a cidade passara, e mais, temos a partir dessas falas a participação ativa dessas mulheres nos movimentos de reivindicação que cobravam as instalações dos serviços destinados a população. Participação essa que se evidencia na cobrança feita ao poder público para que houvesse uma atenção maior na infraestrutura dos bairros, o que ocorreu mediante muitas reclamações.

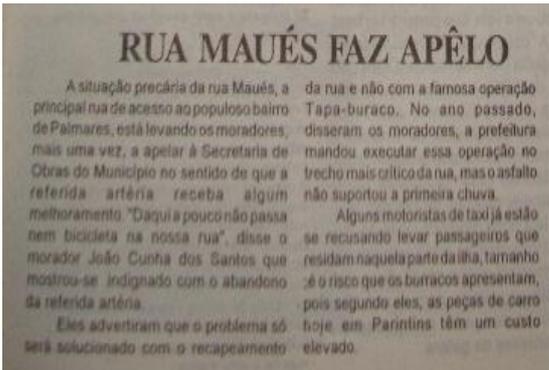
Nessa direção, Deusanir Paulo, também relata que antes da construção da ponte que liga os bairros do Paulo Corrêa, Itaúna I e Itaúna II ao centro da cidade, era, de acordo com sua narrativa da seguinte forma:

Não tinha nada, só aquele igarapezinho que escorria por baixo. Era muito mato, muito mesmo, naquela área dos postos, porque a pessoa quando queria sair ou era pela Paraíba que só tinha saída pela Paraíba ou aquele caminhozinho que quando tava seco dava pra passar, mas quando tava cheio ficava complicado, não passava não! Era água direto aí. Toda essa área aí tudo era mato. Esses postos (gasolina) aí tudinho era só um igapozão! Tá tudo muito diferente de como era antes e de como tá agora, depois de construir esses postos, essa ponte ixe! Era só um caminhozinho! Que era feita de madeira, dava pra passar de bicicleta e até de moto, carro não passava não!

No âmbito dessa discussão podemos lançar nosso olhar para outra maneira de como o espaço mencionado nas narrativas acima foi sendo utilizado e modificado. A imagem que segue foi publicada no dia 15 de setembro de 2002, na página 07 do Jornal Novo Horizonte. O tempo que essas mudanças ocorrem é um aspecto que não pode deixar de ser discutido.

O que abarcamos com isso, é, justamente a distância que existe entre o momento de queixa por parte dos moradores, nesse caso, das recentes moradoras, em relação ao cumprimento de tais exigências. Tais queixas ocorreram ainda no início dos de 1990, período que marca a chegada de tais mulheres nesses locais, no entanto, as ações empreendidas pelo poder público acontecem em um ritmo desacelerado.

A cidade passou por um intenso crescimento populacional sem ter uma infraestrutura que conseguisse abarcar todo o contingente. As intervenções por parte do poder público ocorrem de maneira e tempo diferentes em relação aos espaços reclamados pelos moradores. Sendo assim, as intervenções foram atendendo em termos de utilização de seus espaços. Dessa forma, temos com as imagens a seguir, uma representação de como esses espaços foram sendo modificados para atender a demanda da população que crescia a cada dia.

<p>Imagem 14:</p> 	<p>Imagem 15:</p> 
<p>JORNAL NOVO HORIZONTE, imagem publicada em 12 de junho de 1994, p. 7</p>	<p>JORNAL NOVO HORIZONTE, imagem publicada em 15 de setembro de 2002, p. 7</p>

Tanto as reivindicações feitas pelos moradores da rua Maués, local que reside Zenaide, quanto as demasiadas reclamações protagonizadas pelos habitantes do Itaúna local que reside Fátima Paulo e sua filha Deusanir, demonstram que a pavimentação da rua Maués e a construção da ponte Amazonino Mendes¹⁸⁵, conhecida popularmente como ponte do Paulo Corrêa, pois liga à cidade ao bairro Itaúna I, Itaúna II e Paulo Corrêa, ocorreram dentro de um efeito urbanístico da cidade, como medida de (re)alinhar o crescimento desordenado da mesma.

¹⁸⁵ Essa imagem se refere, segundo a nota do jornal, ao período em que as obras relacionadas a Ponte Amazonino Mendes ficaram paralisadas por aproximadamente dois meses, em virtude dos períodos de enchente e vazante do rio.

Partindo desse pressuposto, as mulheres nordestinas, aqui historiadas, são evidenciadas nos seus respectivos espaços e segmentos da sociedade, sejam eles central ou periféricos. Espaços em que suas ações são permeadas pelos aspectos socioculturais, políticos e econômicos que fazem parte de seus contextos. Essas são nossas mulheres. Mães, esposas, filhas, irmãs, donas de casa, comerciantes, religiosas e mobilizadas pelo que acreditam. Imbuídas e movidas por força, valores, fé, atitudes, vivem e compartilham suas experiências.

Trazer uma parte da história da cidade de Parintins a partir de suas memórias, é de certa maneira, (re)construir um novo olhar em relação aos distintos papéis desempenhados pelas mulheres no interior do cotidiano vivido por cada uma delas. E mais, é contribuir para que uma nova historiografia seja construída a partir de suas vivências e experiências. Mulheres essas e tantas outras que precisam ser vistas no ensejo de suas motivações, no interior de suas mobilizações histórica e socialmente construídas.

A luta pela consolidação de um espaço em diferentes olhares.

“Toda essa área aí tudo era mato. Era muito feio pra cá. Muita gente fez coisa aí pra poder fazer asfalto, até que construíram. Era muita gente batalhando pra botar energia. Não tinha água. Não tinha energia. Não tinha nada! A gente ia pegar água dos tanques lá perto da delegacia.”¹⁸⁶

O trecho da fala de Fátima Paulo nos aponta questões que almejamos abordar. Exprime a diversidade das formas de organização em que vários sujeitos históricos costumam articular para conseguir alguns objetivos, mesmo àqueles mais imediatos. Revela os laços nos quais os projetos cotidianos estão estabelecidos, desde as suas formas mais simples. Elucida de que forma tais sujeitos se apropriam de recursos, estratégias e táticas para organizar e mobilizar socialmente diferentes sujeitos envolvidos no mesmo propósito. Desvenda a pluralidade envolvida nas micro relações, a sociabilidade intrínseca nos espaços de conflito e tensão comum a todos.

Vai além, exprime o engajamento da presença feminina nos processos de luta pela formação de um novo cenário social. O viver na cidade se configura na trama histórica a partir de um sentimento de pertença ao novo lugar que se coloca diante de si. Nessa direção, se faz necessário contextualizar a cidade de Parintins, nos anos de 1980-1990, em que a mesma foi cenário de disputa e inserção de mulheres e tantos outros sujeitos.

Diversas ocupações começam a surgir em Parintins a partir da década de 1970, o que somente ao longo dos anos de 1980 e a década seguinte, principalmente, os processos de ocupação se tornam mais evidentes. Sendo assim, temos que as décadas de 1980 – 1990, se apresentam como cenário de grandes conflitos, tensões, disputas e consolidações de espaços sociais. Fenômenos esses, provocados pelas ocupações, possibilitam no surgimento de novos bairros que após travarem intensos embates com o poder público se instituem na trama social da cidade de Parintins como reflexo e resultado das articulações advindas das pessoas “ditas comuns” atreladas a algumas lideranças políticas.

O que não é de se estranhar a existência de alguns problemas sociais elencados na narrativa de Fátima Paulo, e que tais dificuldades em seus mais variados níveis não são apenas visíveis a cada sujeito/ocupante como também os diferentes sujeitos que ali se encontram buscam formas para enfrenta-los supera-los no cotidiano que compartilham.

¹⁸⁶ Fátima Xavier Paulo. Entrevista realizada sua residência no dia 03 de outubro de 2015.

Ao analisarmos alguns trabalhos, Rodrigues (2008), Andrade (2009), Oliveira (2011), Figueira (2012), Santos (2014) e Apolônio (2014) que foram desenvolvidos em relação ao processo de ocupação do referido local que culminou na formação de quatro bairros em Parintins, a saber Itaúna I, Itaúna II, Paulo Corrêa e Bairro da União. Os três primeiros são formados ainda na década de 1990 e o último no início de 2009, encontramos nos mesmos aspectos de convergência e divergência entre eles. Sendo assim, faz-se necessário discutir tais pontos que aparecem em (in)comum entre eles.

Os cinco primeiros trabalhos analisados informam que o terreno era de propriedade de um sucedido empresário paraense chamado Paulo Corrêa¹⁸⁷ que, embora residisse em Santarém-PA, mantinha em Parintins um expressivo latifúndio denominado de Fazenda Itaúna. Em 1992, conforme apontam os referidos autores, Parintins foi palco de um movimento de ocupação, nunca visto até aquela data e que mudaria profundamente sua estrutura social. Isso, se deu quando aproximadamente 1000 famílias ocuparam parte das terras da Fazenda Itaúna, o que mais tarde originaria outros três bairros.

De forma geral, a descrição do terreno é mencionada como um local que não passava de um imenso espaço desapropriado, improdutivo e alagadiço. Nele havia muito mato e a presença de algumas espécies da flora típica da região.

O bairro Itaúna II, local que reside Fátima Paulo, é fruto da segunda ocupação ocorrida em uma das áreas da tal fazenda. Diante desse embate, em que várias foram as tentativas de reintegração de posse e desapropriação do terreno ocupado por parte do proprietário que, inclusive chegou a ganhar na justiça o direito de reintegração. Como não houve acordo por parte dos ocupantes, a polícia foi acionada. Mas eles insistiram.

O poder público municipal, diante da persistência dos recentes moradores em não querer arrear o pé do local, acabou negociando o terreno, ou seja, indenizou o proprietário de onde se originou os bairros Itaúna I (1992), Itaúna II (1994), Paulo Corrêa (1995) e União (2009). Dessa forma, os moradores conquistaram o título de posse na década seguinte.

Em Rodrigues (2008)¹⁸⁸ aparece o termo “Sem Terra” se referindo aos sujeitos oriundos de comunidades próximas a Parintins, bem como de cidades vizinhas que não possuindo moradia na área urbana da cidade. Em que um grupo de aproximadamente 100 pessoas, viu, na “invasão”, termo trazido por ela, uma oportunidade de adquirirem um espaço

¹⁸⁷ Inclusive seu nome vai ser dado a um dos bairros na tentativa de promover sensibiliza-lo na intenção de não insistir com os processos de desapropriação e reintegração de posse.

¹⁸⁸RODRIGUES, Regiane Costa. **As origens dos bairros Itaúna I e II**. “De fazenda a bairro”: história da formação do bairro Itaúna e suas transformações sociais. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2008.

para morar. A autora, sustenta que nesse período, década de 1990, Parintins passou por um considerado crescimento populacional.

Rodrigues ainda menciona a presença política e religiosa como peças fundamentais nessa consolidação. A política na figura do vereador Everaldo Batista, e a religiosa na pessoa do bispo da Igreja Católica, Dom Gino Malvestio. Em sua análise, deixa transparecer que as instalações de infraestrutura para o novo bairro, como instalação de água, energia e asfalto partem das ações empreendidas pelo prefeito Carlinhos da Carbrás.

A década de 1990 é marcada por grandes acontecimentos que mudam significativamente o curso da história do país. Período que o Brasil vive seu processo de redemocratização, a presença de variados grupos sociais em todo território é percebido em diferentes mídias. Lutam e reivindicam pelo que acreditam. Exigem melhores condições de vida de uma forma geral. O Brasil, nessa época, vive com intensidade a emergência de novos grupos que surgem em distintos espaços sociais. Acompanha com intensidade o movimento dos cara-pintadas no “Fora Collor”¹⁸⁹.

Andrade (2009)¹⁹⁰, também menciona o processo de fundação dos bairros aqui mencionados, chamando atenção especificamente para o bairro de Paulo Corrêa. Assim como Rodrigues (2008), utiliza o termo “invasão” reproduzindo o discurso que vigorou na época e sendo transmitido pelas mídias locais. Também traz o termo “Sem Terras”, como resultado da propagação feita pela imprensa parintinense, e se refere ao aumento populacional como consequência dos convites feitos por parentes e familiares a pessoas que moravam em outras localidades e estavam dispostas a se deslocarem até Parintins. De forma semelhante, também, menciona as presenças do vereador e do bispo acima citados como articuladores que agiam em diferentes frentes em prol dos sujeitos que ali estavam.

Diferente de Rodrigues (2008), o autor elucida sobre as estratégias utilizadas pelos recentes moradores para adquirirem água, energia, asfalto e escolas. Em suas palavras, por exemplo, os recentes habitantes, no intuito de conseguirem água, elemento essencial à vida de todo ser vivo, “puxavam”¹⁹¹ do Itaúna II, como também nos informa Fátima Paulo na epígrafe. O que de acordo com Andrade (2009) foram as ações dos tais sujeitos que viabilizaram mecanismos de implementações via poder público.

¹⁸⁹Parintins, vive nessa mesma década, o movimento “Fora Carbrás”, prefeito que foi destituído de seu cargo.

¹⁹⁰ ANDRADE, Gilciandro Prestes. **História e Memória:** da fundação do bairro de Paulo Corrêa ao processo de urbanização desenvolvido até os dias atuais. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas, 2009.

¹⁹¹ Essa tática demonstra a ação coletiva dos sujeitos envolvidos na ocupação em prol de um recurso comum a todos.

Oliveira (2011)¹⁹² semelhante aos autores já mencionados, também contextualiza os bairros Itaúna I, Itaúna II e Paulo Corrêa, dando um destaque maior para o bairro da União, sendo esse o último a ser ocupado no espaço que pertencia a Fazenda Itaúna. Sua abordagem se faz principalmente através da análise do Jornal Novo Horizonte¹⁹³. Onde a mesma, verificou todos os artigos, 734 ao todo, produzidos ao longo dos seus dezesseis anos de existência, em que 236 destes, se referem aos bairros aqui discutidos.

No seu enfoque, percebe-se a forte influência que a igreja Católica, enquanto instituição, atribui expressivos significados em relação as transformações que ocorreram na cidade de Parintins, além de registrar a religiosidade presente em toda a estrutura do jornal. Também, atribui ao PIME¹⁹⁴, por meio do Sistema de Rádio Alvorada, estabelecer sua presença em diferentes esferas da sociedade parintinense. Como os outros trabalhos, elucida que o surgimento desses novos bairros foi acompanhado por diferentes setores da sociedade, inclusive o político.

O termo invasão é frequente ao longo de sua reflexão. No entanto, percebe-se a transição de invasão para ocupação, depois que o bairro de Paulo Corrêa é criado e noticiado pelo jornal em evidência. Segundo a autora, foi a partir do surgimento do referido bairro que o jornal passou a divulgar de forma diferente as reivindicações oriundas dos populares. Haja visto que, dentro de sua análise, os outros bairros na concepção do jornal Novo Horizonte, eram apresentados como resultados da invasão de sujeitos pobres, miseráveis e famintos que buscavam na lixeira uma forma de sobrevivência.

Dentro dessa transição nos termos proferidos, temos que: *invasão*, nessa perspectiva apontada pela autora ao analisar o jornal, se referia aos bairros Itaúna I, Itaúna II e Paulo Corrêa, enquanto que *ocupação*, se remete ao bairro da União especificamente. E esta passa a ser vista pelo jornal, com um “olhar de dentro”¹⁹⁵. Isso implica dizer que o jornal nesse contexto, começa a dar outro sentido as ocupações que estão surgindo em Parintins. Os

¹⁹² OLIVEIRA, Deise Correia. **As interpretações do jornal Novo Horizonte sobre o crescimento urbano em Parintins/AM entre 1994 – 2010**: as “invasões de terra na Fazenda Itaúna”. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2011.

¹⁹³ Segundo a autora, esse jornal esteve ativo dentro do período que se estendeu de 1994 a 2010, e se configurou como um dos principais veículos de comunicação na cidade de Parintins. Diretamente ligado à Igreja Católica, que além dele, detinha sobre sua influência outro relevante meio de comunicação que era o sistema Rádio Alvorada de Comunicação, esse ainda exerce suas atividades na cidade. Horizonte era seu nome anterior pois era o jornal impresso pela Diocese e Sistema Alvorada de Comunicação. Em 07 de maio de 1994, passa a ser chamado de Novo Horizonte.

¹⁹⁴ Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras.

¹⁹⁵ Uma das notícias trazidas pela autora em seu trabalho. Se refere a mudança de postura que o Jornal assume em relação as ocupações que estão ocorrendo na cidade.

sujeitos que migravam do interior e cidades adjacentes, antes vistos de forma pejorativa, aparecem nesse cenário como atores sociais.

Outro aspecto trazido com bastante veemência por ela, é o papel da religião em todo o contexto de ocupação, o que nos leva a afirmar que a Igreja em todo esse processo e articulada a outras formas de controle social, exerce um significativo papel, tanto em maior ou menor expressão, que envolve as circunstâncias que giram em torno dos sujeitos envolvidos.

Isso implica dizer que, nos enfoques trazidos por Rodrigues (2008) e Andrade (2009), a figura do bispo, enquanto liderança da maior da Igreja na cidade, se faz a todo o momento a articulação junto aos sujeitos que estão ocupando o espaço. No entanto, segundo Oliveira (2011), o jornal

Não mostra que a igreja instalada no bairro (São Sebastião) distribuía água para os bairros Itaúna I, Itaúna II e Paulo Corrêa. A mesma distribuiu algumas torneiras por alguns pontos do bairro e no horário de 03h às 06h da manhã as torneiras eram abertas e as pessoas formavam filas e abasteciam seus “tanques”, outro horário que as torneiras eram ligadas era das 13h às 14h 30min (p 51).

Conflito institucional esse, que é corroborado na afirmação de Fátima Paulo, quando diz: “a gente ia pegar água dos tanques lá perto da delegacia”. Isso denota que enquanto a Igreja através dos seus mecanismos de controle e influência social, atua em frentes opositoras em relação aos sujeitos e as ocupações. Ela vive uma tensão interna. De forma macro ela, combate, controla, manipula, e cria estereótipos. De forma micro, ela agrega, acolhe, e dá suporte na obtenção de recursos, mesmo os mais imediatos. Ela cria situações que viabiliza a manutenção dos sujeitos. E dentre tantos, encontra-se uma de nossas mulheres nordestinas.

Figueira (2012)¹⁹⁶, assim como os demais também aborda o contexto da expansão urbana a partir da década de 1970, além das ocupações na Fazenda Itaúna. Utiliza o termo ocupação em todo tempo. Traz uma informação que não aparece nos outros trabalhos, o autor corrobora sobre a presença de sujeitos que viera de estados vizinhos, como já fora dito linhas acima, Fátima Paulo, antes de chegar a Parintins morou alguns anos em Óbidos-PA. Atenta para a presença do vereador Everaldo Batista como também da Igreja Católica na pessoa do bispo Dom Gino Malvestio, em todo o processo de ocupação.

Sua pesquisa se fundamenta na análise de três jornais que circulavam na cidade a época do evento. São os seguintes: Folha do Povo, Novo Horizonte e Jornal da Ilha. Seu

¹⁹⁶ FIGUEIRA, Tiago da Silva. **Cidade em disputa:** visões da ocupação do bairro união em Parintins (2009 – 2012). Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2012.

enfoque maior fica a reboque do Jornal Novo Horizonte que, na sua análise, faz uma distinção entre os termos *invasão X ocupação*. A invasão seria a apropriação de uma propriedade em uso ou habitada, a ocupação por sua vez, seria a apropriação de uma área não utilizada ou não habitada. Segundo o jornal, na opinião do autor, o bairro da União, vivera um processo de ocupação, uma vez que as terras além de não serem cultivadas também não servia de moradia, pelo contrário, estava a cargo da criminalidade.

Outro ponto de inferência trazido por ele se refere a maneira que o jornal olha a ocupação. Para o jornal se tratava de uma questão meramente política, não estava preocupado com os problemas e muito menos com os dramas vividos pelos recentes moradores. Enquanto que para os sujeitos envolvidos, a ocupação se tratava de direito à moradia. Era uma questão de dignidade. Assim como Oliveira (2011), pondera categoricamente sobre a postura da Igreja Católica. Em Oliveira (2011) percebemos uma forte crítica em relação à igreja e de sua postura diante dos movimentos, no caso de Figueira (2012), é visível, fortes indícios de que a atuação da igreja teria ocorrido como um suporte fundamental.

Santos (2014)¹⁹⁷, enfatiza que Parintins sofreu um expressivo crescimento urbano a partir da década de 1980, e que tal aumento se deu:

A partir dos loteamentos que ocorreram nos bairros de Palmares, Djard Vieira e Taguatinga e posteriormente as ocupações que são consequências desse crescimento que se deu de forma desordenada. A partir das ocupações novos bairros surgiram os quais se destacam o Itaúna I, II e Paulo Corrêa (p.10).

A autora discorre sobre a participação feminina durante o processo de ocupação. Seu enfoque também analisa os trabalhos desenvolvidos por Oliveira (2011) e Figueira (2012). Traz no bojo de sua discussão as estratégias utilizadas pelas mulheres para conseguir água, energia elétrica além de vigiar o terreno durante o dia todo. Aqui, há uma relação categórica de gênero, eram, as mulheres responsáveis pela manutenção, abastecimento e preservação do local.

Menezes (2015)¹⁹⁸, tem como ponto de análise a participação de membros da Igreja Católica, como o bispo Dom Gino Malvestio, atuou nas articulações tanto de âmbito sociais e políticos pela consolidação do espaço. Diferente dos demais trabalhos que também abordam a

¹⁹⁷SANTOS, Cleunildes Teixeira dos Santos. Mulheres na ocupação do bairro da União no período de 2009 – 2014.

¹⁹⁸MENEZES, Lucinelli de Souza. **A luta pelo direito à moradia**: análise da participação da Igreja Católica no movimento de ocupação do bairro Itaúna I. Artigo apresentado no III Congresso Pan-Amazônico de História oral. IX Encontro Regional Norte de História Oral – VIII Semana de História do CESP – UEA, 2015.

temática, acrescenta a participação de Irmã Cristine¹⁹⁹, onde na ocasião realizava trabalhos de cunho assistencial às famílias envolvidas na ocupação.

Aponta a Igreja Católica como importante fator de equilíbrio nos momentos de negociação com o dono do terreno e entre o poder público municipal. Destaca ainda, que a Comissão Pastoral da Terra – CPT, vivia o apogeu de suas reivindicações não só em Parintins, sobretudo no cenário nacional.

Sua apreciação contribui na construção de um novo olhar para o bairro Itaúna I, ao afirmar que, embora seja uma área vulnerável a conflitos, olhar estereotipado que ainda vigora dentro da cidade, é a área dentro de Parintins que possui a maior concentração de templos religiosos.

Apolônio (2014)²⁰⁰, ilumina nosso entendimento de que as ocupações em Parintins não ocorrem de maneira isolada dentro do corpo social da cidade, como também, esses acontecimentos não estão desconexos da conjuntura nacional. Sua análise tem como premissa as táticas e estratégias utilizadas por mulheres, moradoras do bairro Djard Vieira, na luta por infraestrutura e /ou por recursos mais imediatos. Dessa maneira ela evidencia que:

A incidência das ocupações sugere alternativas criadas por grupos sociais independente da ação do Estado. Articulações lançadas no jogo das relações políticas para alcançar seus objetivos, indo à busca de um ambiente de moradia, lutando e se apropriando do espaço “vazio” que acaba tornando-se “*seu lugar*” (p. 08).

Observa-se que Parintins não estava desconectada do restante do país, em que dentro da conjuntura que o Brasil vivera, foi possível perceber um significativo número de movimentos sociais, lutando por causas consideradas eminentes. Como resposta, as pessoas, na perspectiva de Apolônio (2014), ao se envolverem com uma causa social, produzem novos modos de vida, novas formas de analisar a sociedade que faz parte, contrasta com o que está posto e envolvidos nos embates colocados cotidianamente, o desejo de morar na cidade aumenta, e, além de lutar pelo que acredita, também buscam desfrutar de seus direitos.

A autora destaca as mulheres como mães, donas de casa, trabalhadoras, mobilizadas. Em que algumas aparecem envolvidas com movimentos sociais, outras com partidos políticos, movimentos ligados à Igreja Católica e suas Comunidades de Base Eclesiais –

¹⁹⁹ Foi uma liderança bastante influente na sociedade parintinense. Em sua homenagem uma escola municipal localizada no bairro Itaúna II recebeu o seu nome.

²⁰⁰ APOLÔNIO, Dayanna Batista. **Uma história social das mulheres no Bairro Djard Vieira, Cidade de Parintins – Baixo Amazonas (1980 – 1990)**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2014.

CEB's., mas no geral, são sujeitos que envolvidas nas lutas por melhores condições de moradia, lutam e se articulam das mais variadas formas.

Sobre as Comunidades de Base, a autora menciona que em Parintins, as mesmas, objetivavam ajudarem as comunidades das zonas rurais, o que de maneira nenhuma impedia que tal assistência se estendesse para diferentes setores urbanos da cidade. Evidencia também que a criação das Comunidades de Base se insere no projeto da Igreja Católica no âmbito de cumprir o seu papel social com mais eficácia.

A partir da análise dos trabalhos supracitados, percebemos não só a presença da Igreja Católica frente as reivindicações, mas o papel que a mesma assume diante das exigências que emergiam dos recentes moradores. Posto que, sua presença ocorre em dois paralelos de atuação, ao passo que realiza seus encontros religiosos, cumprindo seu papel evangelístico, também, abre espaços para acolhimentos dentro de uma esfera que promove socialização, discussão, reflexão e luta por infraestrutura de forma geral.

Não podemos deixar de mencionar que o poder se institui de formas variadas, seja através da Igreja e suas ferramentas, seja por meio das mídias locais, seja pela influência política e suas estratégias, todos, visam conseguir seus objetivos. Nesse sentido, podemos afirmar, à luz dos trabalhos referenciados, que esses “poderes” de formas diferentes aparecem em determinados momentos próximos aos sujeitos ocupantes, como canal de suporte, apoio e motivação. Em outras ocasiões se colocam distantes atribuindo a tais sujeitos qualidades de caráter pejorativo. Há, com tudo isso uma contradição em evidência. Jogos de interesses partem de todos os lados. Os sujeitos ditos “comuns” se apropriam da situação para conseguirem água, energia, asfalto, moradia, enfim.

Assim reforçamos que Fátima Paulo, como outros moradores do bairro Itaúna II, aparece nesse trabalho como um sujeito inscrito na dinâmica social de Parintins. Espaço onde a referida moradora, por meio de suas lutas, reivindicações e estratégias, foi, (re)construindo novos modos de viver com sua família. Percebe-se, através da sua narrativa como articulou formas de obter os recursos indispensáveis a sua sobrevivência. Também se observa que essas lutas não pertenciam apenas a si própria. Fátima Paulo é parte de um coletivo de luta e em luta.

As mulheres, na sua representação, buscam no espaço conquistado e vivido possibilidades de se (re)inventarem. Diante da falta de algum recurso que surge debaixo de seus olhos e que se coloca como uma questão inserida na vida cotidiana, possibilita a elas,

mulheres, além de todos os atributos que lhe são conferidos, serem vistas como sujeitos ativos e sociais.

A narrativa de Fátima Paulo abre possibilidades de reflexão acerca do seu cotidiano percebendo-o conectado a outros fatores de maior ou menor proporção no todo social. O que nos leva a afirmar que independente da ordem que se sucedem não é possível colocá-los em níveis de importância, mas que (re)significam seu viver.

Isso nos leva a ponderar sobre o papel que a memória exerce diante da possibilidade de reconstruir historicamente um período vivido. Contribui, sobretudo, para refletirmos na imbricada relação entre passado/presente. À medida que o tempo passa, as experiências compartilhadas vão sendo trazidas com muita vivacidade e, às vezes, apontam para um ou outro esquecimento. Sustentamos então, a importância que a memória individual constitui naquilo que enquadramos como uma reconstrução histórica e social.

As transformações ocorridas nas estruturas da sociedade, sejam elas de ordem econômica, política, social, cultural e religiosa não aparecem de algo que é alheio ou externo as vivências de Fátima Paulo e tantos outros sujeitos que, quanto mais se inter-relacionam trocam aspectos inerentes a cada um, ou a cada realidade social que carrega como referência. Nesse caso, as interações empreendidas por Fátima Paulo, ocorre mediante uma troca de hábitos, costumes, expressões, valores, impressões, enfim, aspectos que vão sendo incorporados e apropriados no novo local, sem que haja um total desapego do lugar de origem. Os sujeitos não deixam de ser quem são, eles se transformam à medida que trocam experiências e vivências.

Nessa perspectiva, Yara khoury, ilumina nosso olhar ao dizer que devemos estar:

Atentos ao lugar dos sujeitos na história, vamos avaliando como esses sujeitos se situam, vivem e interpretam essas problemáticas que afetam profundamente seu modo de viver e trabalhar, e como reagem a elas, ao tempo em que refletimos sobre os modos como temos dado conta de explicar essa realidade, de maneira a contribuir com visões mais comprometidas com essa realidade²⁰¹.

A autora chama atenção para as experiências que além de vividas também são compartilhadas, uma vez que contribuem na construção de novas possibilidades na tessitura do social. Em que mais do que as ações empreendidas em dado momento vivido, o sentido atribuído a ele é que vai fazer toda diferença.

²⁰¹ KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias, outras histórias**: cultura e o sujeito na história. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004, p.136.

Essa situação, vivenciada por Fátima Paulo e vários outros sujeitos no momento da ocupação nos remete ao estudo realizado por Teresa Pires do Rio Caldeira, em o Jardim das Camélias em São Paulo. Segundo a autora, a ocupação do espaço “é apenas um dos muitos loteamentos periféricos”²⁰². Ao fazermos uma relação com as ações mobilizadoras na ocupação do Itaúna II, podemos observar semelhanças da conjuntura acontecendo em São Paulo em decorrência da ocupação do Jardim das Camélias, o que na abordagem de Teresa Pires isso ocorre porque:

Como em tantos bairros da periferia de São Paulo, a precariedade dos serviços e da infraestrutura do Jardim das Camélias só não é maior porque, em anos recentes, os moradores se organizaram em uma série de movimentos reivindicativos e conseguiram que algumas de suas demandas fossem atendidas (p. 66).

Com isso notamos que certos acontecimentos sociais não ocorrem de maneira isolada ou até mesmo dissociada de outros eventos no país, temos a mesma questão em torno da ocupação de um espaço e de como os sujeitos mobilizaram ações que viabilizassem a implementação de recursos básicos, porém, essenciais as suas instalações. Assim, tanto no Jardim das Camélias quanto em Parintins os moradores obtiveram a instalação de energia, água e outros serviços, o que nos leva a pensar que sem a participação de alguns sujeitos, dentre eles, Deusanir²⁰³, filha de Fátima Paulo, muitas vezes encabeçando as reuniões, essas instalações poderiam ter um retardo maior.

E mais, esses sujeitos mostram que é na ação coletiva que os grupos sociais conseguem angariar suas demandas numa sociedade injusta e compartimentada, onde parte detém poder econômico e privilégios. A conquista de direitos básicos como moradia, infraestrutura (água e energia) tem que ser conquistada na luta coletiva e foi o que fizeram.

Ir morar “no meio do mato” foi o jeito que essas famílias encontraram para ter acesso à casa própria. E se resolveram enfrentar as más condições de um bairro longínquo e sem infraestrutura urbana, foi também porque alimentavam uma crença no progresso; esperavam que, com o tempo – mesmo que fosse muito tempo -, as coisas fossem melhorar (p. 70).

²⁰²CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Editora brasiliense, 1984, p. 65.

²⁰³ É interessante atentar que Fátima Paulo em alguns momentos de sua narrativa não se percebe como sujeito que empreendeu tais conquistas. Ela atribui a sua filha a dianteira nas lutas e reivindicações para que instalações de infraestrutura fossem implementadas no bairro. Sua filha, somada a tantos outros sujeitos, só conseguiu viabilizar importantes questões em virtude de uma ação anterior. Ação essa que se deu através de Fátima Paulo não abrir mão do pedaço de terra que adquirira. Lutou por ele. Alicerçou sua vida nele. As outras “coisas”, aconteciam de acordo com a necessidade.

Importa dizer que em uma área repleta de mato²⁰⁴, sem nenhum tipo de saneamento básico, Fátima Paulo e os demais moradores, procuraram meios que garantissem a manutenção de um recurso. Empreenderam estratégias na intenção de alcançar êxito nas instalações por parte do poder público. Nesse contexto, os moradores do Itaúna II ao se depararem com o local, que ergueriam suas moradias, são colocados à margem. Mas, não deixam de viver, acreditar e lutar por dias melhores.

O arrolamento com a falta d'água, algo bastante frisado na narrativa de Fátima Paulo, é compreendida como sinônimo de força motriz que permitia “fazer as coisas”. Sem água não tinha como manter a ordem da casa e higiene, sem água não tinha como desempenhar outra atividade, mesmo que fosse no interior do lar.

Nessa direção, Maurice Halbwachs²⁰⁵ desperta nosso olhar para o entendimento de que a memória individual e a memória social são indissociáveis. Toda memória de cunho individual é também memória de cunho social. Em que um sujeito ao narrar um dado acontecimento e/ou até mesmo uma experiência vivida, está realizando com isso, o compartilhamento de uma memória de um grupo ou parte de algum ou do grupo que pertence.

A organização da experiência, na percepção do referido autor se pauta na compreensão de como o passado é construído a partir de uma diferença estabelecida entre o presente. Nesse âmbito, falar das experiências vividas pelas mulheres nordestinas, ultrapassa tempos e fogem à cotidianidade experimentada por cada uma delas.

A vida na cidade é marcada por expectativas passadas em relação as expectativas futuras. É nesse ir e vir que cada uma das mulheres nordestinas constroem suas próprias experiências, tirando da dureza em que muitas vezes tiveram que se deparar, lições, de que suas ações somada a muitas outras ações no corpo social contribuem na compreensão de como o meio urbano é construído cotidianamente.

O que temos com tudo isso é um empenho para entender como as mulheres, se apropriam de suas experiências e as usam no complexo campo de suas vivências, tendo em vista que há uma imbricada relação de disputa estabelecida entre práticas, representações e significados.

²⁰⁴ Essa referência ao local como espaço repleto de mato aparece em todas as narrativas.

²⁰⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

Tijolo por Tijolo

Eu passei uma época muito ruim aqui porque eu não tinha casa né, eu morava em casa alugada e graças a Deus eu batalhei, batalhei, batalhei e consegui um terreno. E do terreno eu construí minha casa, e a gente mora. É isso, até agora graças a Deus! Pois é, minha vida foi essa né! Lutei, lutei, criei meus filhos aqui no Amazonas, graças a Deus estão todos criados, e o resto foi Deus que me ajudou a criar e ainda tá ajudando né! Vendia umas calcinhas, eu comprava do marreteiro umas calcinhas e saía vendendo, ganhava uma micharia né, aí arrumava uma michariazinha, aí comprei um mileiro de tijolo, fui comprando, dois sacos de cimento, fui juntando na ferragem né, aí quando tinha material mandei o marido fazer um quartinho. Fez um quartinho, uma sala e um corredorzinho, aí a gente entrou pra dentro, começou pelo fundo né, levantamos uma metade, a outra era de madeira né, depois a gente construiu de novo outro pedaço aí fez a casa completa²⁰⁶.

Coragem, força, esperança, fé, determinação, ousadia, luta e tantos outros adjetivos, compõem sua personalidade. A narrativa nos leva a compreender que a atitude empreendida na ocupação do terreno está inserida no campo social, político e econômico, em que suas ações se enquadram no que podemos chamar de novos dimensionamentos sociais. A ocupação do terreno, agora adquirido, corrobora para a compreensão de outros olhares e significados que vão sendo atribuídos cotidianamente.

Fátima Paulo fala com propriedade das dificuldades e estratégias construídas como elemento de luta em defesa do espaço conquistado. O pedaço de chão não só representa, como se concretiza, na realização de anseios e possibilidades. Significa o local em que a sua vida se organiza, política, econômica, cultural e socialmente. É o lugar que consegue transmitir aos seus o que acredita.

O terreno não é para ela, apenas um lugar em que se constrói uma moradia, é o seu espaço de vivências, nele, ela imprime sentidos. Ao lembrar de toda sua luta de uma forma retrospectiva, deixa transparecer as batalhas que travou no interior de sua peleja. Peleja essa que não foi só sua. Dessa forma, Fátima Paulo, consegue articular de forma brilhante sua memória individual a história que é coletiva, ela direciona nosso olhar para as lutas que foram vivenciadas e vencidas.

Assim, desde o início de sua fala, é possível notar a influência que a memória exerce sobre ela. Com isso, Fátima Paulo é apontada como representante de uma coletividade a partir do momento que revive os momentos de dificuldades enfrentados para conseguir um espaço e

²⁰⁶ Maria de Fátima Xavier Paulo. Entrevista realizada em sua residência em 03 de outubro de 2015.

nele construir sua casa. Mostra como uma parte do seu passado pessoal foi também vivenciado por muitos outros sujeitos.

Pollak (1992), contribui na alegação de que a memória individual é uma representação de um coletivo, ou seja, Fátima Paulo é herdeira de uma cultura, em consequência disso, sozinha ou acompanhada ela é transmissora de muitos aspectos sociais que adquirira ao longo de sua vida. Sua memória se constitui de eventos, acontecimentos, pessoas, lugares e experiências.

A luta para conseguir construir sua casa é trazida por ela como a possibilidade de se (re)estabelecer em outro espaço social. Vários são os aspectos incutidos em sua narrativa que nos leva ao entendimento de que as ações políticas dos sujeitos possibilitam em outros arranjos, sejam eles afetivos, sociais, econômicos e culturais.

A transição do terreno para casa revela os momentos de dificuldades e lutas que enfrentou. Isso se evidencia em outro trecho de sua narrativa quando menciona que: *“aí a gente arrumou esse terreno aqui e construímos essa casa, essa barraquinha aqui e tamo por aqui”*. Aponta a mobilidade humana que estava ocorrendo em Parintins nesse período ao imprimir em sua fala as ações políticas dos sujeitos. O que nos permite levar em consideração que mais do que uma construção objetiva do espaço, a casa, é uma construção subjetiva.

Mais do que um local que se coloca como abrigo, proteção, segurança, a casa para ela, é a concretização de seu protagonismo, enquanto mulher/nordestina/migrante, ela consegue de fato reunir toda sua família. Luta por isso. Vive em função desse arranjo. Se reconhece nele. É possível através de sua fala perceber as modificações que esse espaço vai sofrendo com o tempo, antes era um lugar muito feio segundo suas palavras, paulatinamente, vai tomando outros contornos.

As significações e as diversas formas que sua luta se constitui diante de suas vivências são fundamentais para que vejamos sua participação política diante do corpo social. Através de sua narrativa podemos visualizar um bairro em constituição em detrimento a uma cidade em expansão. As lutas empreendidas para garantir um espaço. A partir da sua fala podemos perceber que essas ações que, a princípio se apresentam como lutas de âmbito social vão aos poucos se configurando como lutas históricas em que influenciam e interferem nas estruturas da sociedade por meio de táticas e estratégias utilizadas pelos sujeitos.

Conquistar um pedaço de terra e no intuito de construir uma *“barraquinha”* demonstra a transformação desse espaço. Surgem novos contornos de moradia. A vida cotidiana da nova moradora provoca modificações nos limites que demarcavam aquele espaço. Esses limites, a

partir de sua ocupação, imprimem no dia – a dia de Fátima Paulo e dos tantos outros que ali também se encontravam, uma profunda mudança. A mudança é social.

Essa mudança entendida por nós como uma transformação por meio das práticas principiadas por ela objetivando a congregação de sua família, se apresenta como uma expressão de suas vivências. Ela compreende e também atribui sentidos à realidade vivida. Ela percebe que sua atitude, que era antes de lutar pelo terreno e depois da aquisição, busca formas de construir a casa, Fátima Paulo é uma mulher/sujeito ou um sujeito/mulher social. Ela é expressão de um coletivo.

Importa dizer com isso que, embora suas memórias tenham sido narradas de maneira pessoal, elas externam o que está posto coletivamente. Se constituem como uma experiência inerente do social e são visibilizadas através dos muitos significados que lhes conferem compartilhar as relações desenvolvidas em todo o momento vivido.

Fátima Paulo, assim como muitos outros, nos faz pensar novamente em Portelli, quando diz que os sujeitos, ao narrar, conseguem interpretar e atribuir sentidos a realidade vivida. Tais sujeitos, conseguem edificar diferentes nós na trama do vivido a partir de seus próprios olhares. É o que podemos chamar de imbricada relação de si.

Apreender essas experiências é o que buscamos dentro das diferentes formas que o recente bairro já constituído se apresenta diante dos novos moradores, uma vez que a partir daí a cidade para além de ser vivida, ela passa a ser olhada, transitada e sentida pelos diferentes sujeitos que circulam cotidianamente em seus espaços.

É dentro dessa dimensão que a nossa depoente, nos dá pistas de que, ela não só se deparou como foi uma entre tantos e tantas, responsável, pelas transformações que a cidade sofrera em ocasião da ocupação e mais, pelas estratégias utilizadas em levantar recursos que viabilizasse a acomodação de sua família. A “barraquinha” começa a ter formatos. O que diante das possibilidades à sua volta, o viver, é uma questão que se coloca um dia após o outro.

Diante de vários conflitos, o marido que ora está bem e ora está acidentado, os filhos ainda pequenos, o dinheiro que parece ser pouco, o novo espaço se apresenta como um lugar especial em que novas relações passam a ser experimentadas e compartilhadas a partir dele e em função dele.

Sua vida em Parintins desde sua chegada não foi nada fácil. Os caminhos percorridos dentro dela para que conseguisse se estabelecer é carregado de sentidos ao expressar que “batalhei, batalhei e consegui um terreno”, e “lutei, lutei”. Nesse sentido, José D’Assunção

Barros²⁰⁷ analisa a cidade como texto que pode ser lido e que pode ser escrito, enuncia que, como texto a ser lido refere-se aos deslocamentos feitos dentro dela, as inúmeras idas e vindas de pessoas no fluxo diário. Cada pessoa tem uma forma de apreender cada monumento construído. O som, o cheiro, a cor, o movimento, também são internalizados diferentemente por cada sujeito que caminha por ela, e externalizados de maneira peculiar possibilitando que aspectos sociais sejam estabelecidos em expressões de cidadania.

Como texto que pode ser escrito, refere-se à capacidade que cada sujeito tem de criar códigos específicos dentro de uma determinada área da cidade, um beco, uma rua, uma viela. O sujeito também é capaz de decodificar tantos outros existentes na mesma. Assim, a mulher na cidade interage, compartilha, se apropria e se transforma. E mais:

O grande texto urbano aloja dentro de si textos menores, feitos de placas de ruas que evocam memórias e imaginários, de cartazes que são expostos nas avenidas para seduzir e informar, de sinais de trânsito que marcam o ritmo da alternância entre a passagem permitida e os interditos aos deslocamentos no espaço. A cidade é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos (p. 45).

A cidade, no sentido de ser formada por indivíduos, dialoga constantemente com as pessoas, tanto as que moram, quanto as que passam somente de visita diariamente. Isso ocorre através de informações contidas em cartazes, placas e até mesmo dos monumentos existentes nela. De maneira singular cada sujeito decifra à cidade ao seu modo, apressa e diminui o passo, vivencia emoções e outras oportunidades.

Concomitante a esse pensamento, Maria Izilda²⁰⁸, discute a cidade-documento. Em que a paisagem urbana se coloca como um texto a ser lido, compreendido. Um documento a ser interpretado. A cidade passa a ser vista como espaço de disputa, tensões e representações. Passa a ser, também, objeto de investigação para o historiador. Para ela, os estudos sobre cidade e especialmente que envolvem as relações do cotidiano tem levantado questões de âmbito multidisciplinar, evidenciando a pluralidade envolvida nas experiências de cada sujeito como tentativa de reconstruir uma dada experiência vivida. Aqui em questão, Fátima Paulo.

Além disso, também discute sobre as mudanças e permanências ocorridas ao longo do tempo de nossas vidas, tendo como espaço a cidade. Enfatiza que tais mudanças surgidas ou

²⁰⁷ BARROS, José D'Assunção Barros. **Cidade e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

²⁰⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002, p. 36.

ocorridas estão atreladas as modificações urbanas a partir do momento que a cidade passou a ser colocada como questão analítica e os tendo os seus desafios como campo a ser buscado e problematizado pelo historiador.

Apontar lugares onde saberes históricos circulam como uma praça²⁰⁹, um mercado antigo, um aeroporto que muda de um lugar para outro e possibilita que um novo cenário seja construído a partir de sua saída, um porto que se transforma para escoar mercadorias e atender a demanda de passageiros, enfim, são situações que podem ser definidas como conjunto das experiências sociais vividas por essas mulheres nordestinas através de suas memórias e transmitidas como espaços ressignificados pela memória.

Stella Bresciani²¹⁰, afirma que para estudar a cidade é necessário um olhar “interdisciplinar”, pois coloca que outros saberes surgem para lançar propostas no intuito de resolver os problemas da mesma. Discute também à questão fenomenológica do viver em cidade. O que não é palpável, visível, mas codifica e direciona o cotidiano dos sujeitos. Assim, a cidade comporta muitas cidades e fala da nossa afetividade.

Tal historiadora traz no bojo de sua discussão a complexidade existente em tratar sobre o urbanismo, iluminando sobre os conflitos e tensões inculcados nas estruturas políticas e sociais que instituem os debates acerca da questão urbana e suas problemáticas. Para ela, o viver em cidade está acima de uma organização espacial e estrutural, é superior aos impactos provocados pelas mídias. Em sua perspectiva, a cidade, é o lugar do cidadão e da cidadania, o lugar que a história se mostra, local em que as gerações passadas transmitem o seu legado contido nas muitas memórias.

Nas andanças realizadas por Fátima Paulo dentro da cidade todos os dias, seja vendendo uma calcinha, seja pedalando sua bicicleta vendendo um cosmético é o espaço carregado de significados. A cidade, por meio de seu depoimento, passa a ser vista como o espaço que intensifica tensões, conflitos, disputas, poder, vivências. Permite-nos fazer diferentes leituras e entende-la como expressão e representação de uma coletividade. Inventada, pensada cautelosamente ou surgida de forma não muito estruturada é nela que a vida acontece.

A vida de Fátima Paulo acontece em diferentes ações, mas que tem em comum um único propósito, acolher os seus é o que a movimenta. Assim, o bairro formado, a cidade em

²⁰⁹ CALVO, Célia Rocha. Uma praça, numa cidade: patrimônio e cidadania cultural. In: MACIEL, Laura Antunes. **Outras histórias:** memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

²¹⁰ BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (Org.). **Cidade:** história e desafios. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002, p 19.

pleno processo de expansão e, a casa, construída tudo isso é colocado por ela a partir de suas narrativas, se materializam como espaços de luta, esperança e sobretudo de expectativa.

Do ponto de vista simbólico, a casa representa o nosso emocional, ela expressa o que nos constitui como sujeitos distintos uns dos outros. Halbwachs (2006) elucida que a nossa memória, nosso contexto de vida, encontra, no espaço doméstico um lugar de expressão. Nossa memória precisa de um lugar para se referenciar.

A forma como dispomos a organização da casa pode dizer muito sobre como nos relacionamos uns com os outros, o que sentimos, como pensamos e como agimos no mundo. Analisando pelo viés subjetivo, a casa se apresenta semelhante a um espelho, pois revela a percepção que temos do mundo e de nós mesmos, seja ao longo de toda a vida ou em um dado momento dela.

Ao passo que a casa também indica importantes pistas dos valores, princípios, crenças e representações que nos distinguem, é nesse espaço que conseguimos externar nossos comportamentos, atitudes, pensamentos, sejam esses recentes ou não, é no interior da casa que se expressa nossa personalidade. Desse interior demanda a forma como reagimos no convívio social. Estar em espaços coletivos leva-nos a expressarmos o que somos, o que sentimos, o que pensamos, o que almejamos, mesmo que não seja na sua completude, por que isso fica restrito ao espaço interno da casa.

Nessa dimensão do que venha ser público e privado, a casa compreendida como um espaço privado nos permite ser quem realmente somos, somos nós mesmos sem fingimento. Não temos receios de mostrar nossos melhores e piores atributos. Ela, também, é o nosso refúgio. É para onde retornamos depois de um dia de labor. É o espaço que Fátima Paulo expressa seu amor, cuidado e zelo pelos seus sem medo e sem receio. É pela aquisição desse espaço de realizações e expressões que ela vai à luta.

Assim:

É possível considerar o espaço como um produto e ao mesmo tempo, uma produção que acontece a partir dos elementos conscientes e por meio de uma estrutura prévia, na qual ocorrem interações socioculturais por parte dos sujeitos envolvidos. Esta inter-relação, ocasiona espaços subjetivos, dos quais fazem parte uma percepção e uma representação a partir da experiência, que não se desloca do vivido e que é capaz de integrar a dupla dimensão do material ao ideal.²¹¹

²¹¹NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes; VERAS, Antônio Tolrino de Rezende; SOUZA, Carla Monteiro de. “O Maranhão é aqui”: arraial dos Maranhenses e a produção do território simbólico-cultural na cidade de Boa

Essa materialidade é visível em toda a narrativa de Fátima Paulo. É o fator que possibilita ponderar sobre os vínculos que vão sendo (re)criados no novo lugar. Ela não se desliga completamente do anterior, do que fora vivido, mas atribui novos significados, aprende com o novo e se transforma com ele.

As dificuldades enfrentadas por ela encontram-se relacionadas com questões muito complexas. Seu marido, em vários momentos durante a entrevista, é trazido para evidenciar de que a luta por um lugar para morar, conseguir o pão de cada dia, assim, como criar os filhos, não foi nada fácil.

Na busca por trabalho para que não faltasse o mínimo necessário ao sustento familiar, Fátima Paulo conta que seu marido em muitos momentos sofreu graves acidentes. Sobre isso ela conta que:

Ele trabalhava nesse bumbódromo aí. Ele ganhava cinco cruzeiro, cinco cruzeiro dava pra despesa da semana da gente, ainda ficava com dois conto né! Hoje em dia meu marido as vezes ganha, ele é pedreiro, agora ele vive doente. Pegou muita queda. Pegou muita queda no trabalho, desconjuntou uma costela. Ele foi construir uma casa e caiu do telhado quebrou o pé em três pedaços. Outra queda ele quebrou o joelho.

Com o marido acidentado sem poder trabalhar e com cinco filhos para alimentar, Fátima Paulo externa sua força. Não se abate diante das circunstâncias e nem tão pouco se lamenta. Em nenhum momento durante a entrevista Fátima Paulo se coloca como “coitada”, “sofredora” e “vítima”. Ela se coloca como sujeito que age e que decide. Ela se apodera enquanto mulher diante da situação de adversidade que vivera.

Outras formas de cooperar no sustento da família e para que a construção da casa fosse efetivada são empreendidas por ela. Em cima de uma bicicleta vendendo e comprando produtos, Fátima Paulo, vai juntando dinheiro, vai comprando tijolo, vai comprando areia, negocia com o armazém e pouco a pouco vai levantando as paredes. A casa que era de madeira vai aos poucos transitando para alvenaria. E mais, quando seu marido não estava acidentado ela diz que:

Era ele trabalhando de um lado e eu trabalhando doutro, cuidando dos filhos, aí arrumei um localzinho, era da minha tia Luísa, e botei um quiosquinho, uma birosquinha aí comprava fiado e ia levando a vida né! Vendia era café, era suco, era guaraná, era pouquinho, mas ia levando né! Todo dia quem quisesse beber um

guaranazinho tinha, e aí ia mais, aí eu aluguei lá o ponto né, um quartinho, eu chamava de birosquinha.

Nota-se que a vida de Fátima Paulo é envolvida por diferentes formas de trabalho. A instabilidade de emprego por parte de seu marido, provocada em grande medida pelos acidentes que sofrera, a impulsiona, buscar meios alternativos de sustentar a família. O comércio, que nesse caso o autônomo, além de promover um papel histórico na produção do espaço urbano e se apresentar de variadas maneiras, na vida dela, essa atividade laboral extrapola a sua função baseada na compra e venda de produtos. Ele se configura em significado, se expressa em valor social.

Nesse sentido, ela nos informa que:

Tia Luísa me disse: mas me compre mesmo fiado, quero que me pague só o quiosque né, o quiosque é o barzinho, eu chamava de birosquinha, aí eu disse: mas minha tia eu não tenho. Eu tinha mas era pra mim ir pro Ceará que era pra ver minha mãe em dezembro né! Aí eu: tia quanto que é o quiosque? Aí ela disse que era 500 reais, nesse tempo era muito dinheiro nera! Mas tia Luísa eu tenho uma reserva mas é pra eu ir ver minha mãe. Mas me compra que depois Deus te ajuda e tu vai ver tua mãe. Então tá bom! Eu falei pro meu marido: Raimundo, tia Luísa quer vender o quartinho lá, eu quero comprar, bora dá um jeito? Ele disse: tu tá é doida! Como é que a gente vai comprar quiosque e não tem dinheiro e a mercadoria dela que ainda tá na prateleira? Mas tia Luísa disse que vende fiado, eu pago só o quiosque, ele disse: mas tu tem dinheiro? Ele não sabia que eu tinha dinheiro, aí eu disse assim: eu tenho! Aí ele disse: e aonde tá esse dinheiro? No banco, aí eu fui tirar, mandei minha filha mais velha tirar o dinheiro do banco, ela tirou aí eu paguei o quiosque né! Eu disse: tia Luísa e a mercadoria? A mercadoria a gente vende fiado né! A mercadoria deu ainda 350 reais. Ela disse: todos os meses tu me dá 100, aí fiz rolo com ela né! Ele ficou brabo! Eu disse: nós vamos batalhar até nós pagar, ele trabalhava de pedreiro, tinha como num tinha né! Aí nós vamos pagando, aí ia apurando 100 e todo mês eu dava pra ela 100. Eu graças a Deus criei minha família né! Batalhei e criei né!

Ela utiliza o empreendimento como estratégia para realizar o seu objetivo principal. Através da “birosquinha” consegue levantar recursos para finalizar sua casa. Ao lado do seu esposo sustenta a família. Em meio às dificuldades consegue economizar dinheiro e articula formas de investimento. Empreende. Se (re)inventa.

Em referência por se considerar uma pessoa econômica, ela conta que:

Ainda bem que não era uma redinha de pobre, era uma redinha nova né! Porque lá no Nordeste é assim, meus filhos tudo era pequeno, mas graças a Deus pra uma pobre as redes dos meus filhos era uma rede de quem era controlada (econômica), eu tinha as redinhas deles usarem em casa e umas de quando a gente sair ter as redes que eu guardava, que era as redes boa, aí as redes dos meus filhos lá no nordeste eu fazia, eu gostava de fazer com aqueles panos de saco, sabe aqueles panos de saco? Bem branquinho! Aí eu mandava botar o meio.

Fátima Paulo destaca as redes utilizadas como suporte necessário nas viagens realizadas de barco, além do cuidado com os filhos. As redes nesse caso, aparecem, como símbolos de distinção social. Diferenciar os tipos das que foram usadas na viagem evidencia o fator socioeconômico inculcados em se apresentar em um outro espaço social, não queria que seus filhos usassem as mesmas redes que tinham quando ainda estavam no Nordeste. Ao seu ver, isso poderia ser compreendido como algo que parecesse feio, inadequado. Não queria expor seus filhos a qualquer tipo de julgamento.

Sua postura, contesta, o papel em que às mulheres foram relegadas durante muito tempo em diferentes contextos e em épocas distintas, sobretudo a brasileira a partir dos anos 60 do século XX²¹². Com ela, vemos que a mulher não estar em segundo plano em relação ao homem, não estar submetida a condição de inferioridade. Com garra, busca e utiliza instrumentos de luta. Lutou por território. Lutou por congregar a família. Lutou para viver com dignidade.

Se em vários momentos as mulheres recebiam status diferenciados em relação aos homens no sentido de minimizá-las, Fátima Paulo, assim como as demais mulheres nordestinas e tantas outras, lutaram e lutam de diferentes maneiras pelo que acreditam, se inserem na sociedade em que vivem e se adequam a ela, ou não. A luta por direitos, sejam eles sociais, políticos, econômicos, culturais, enfim, enfrentando ou não hostilidades e repúdio, elas não desistiram de acreditar em dias melhores.

A partir de suas narrativas, podemos afirmar que, não só Fátima Paulo, mas as mulheres em si, conseguiram romper com barreiras erguidas diante de suas possibilidades, embora, ainda sejam responsáveis pela maior parte do cuidado com os filhos, da administração da casa e dos cuidados que a mesma exige, não estão presas única e exclusivamente ao interior do lar. Conquistaram espaço no mercado de trabalho porque foram à luta por ele.

Percebe-se com isso que as mulheres, ao, não romperem totalmente com o estilo tradicional fazem suas escolhas, optam pelo que acham mais adequado em realizar. A casa, filhos, marido, comida, roupa limpa, continuam sendo atributos seus, porém, agora elas estão em outros espaços também. São autônomas de si. Trabalham, estudam e administram seus passos.

²¹²PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

Mesmo que em muitas esferas sociais, algumas mulheres não se apresentem com tanta autonomia em detrimento a outras, isso não quer dizer que elas não consigam buscar estratégias que minimizem tal situação.

No entendimento do que se coloca historiograficamente²¹³ sobre o que venha ser espaço público e privado, às mulheres, aos poucos e com muitas lutas, paulatinamente, vai se inserindo na esfera pública, espaço esse que sempre foi ocupado pelos homens. O que nos permite afirmar que, ao longo do tempo, às mulheres não só compreendem sua ação participativa como sabem utilizar de forma articulada os poucos espaços deixados e/ou permitidos pelo homem. Tal articulação rompe com o poder estabelecido que reproduz sua exclusão.

Isso é bem visível em todas as narrativas das mulheres entrevistadas, uma vez que, todas mencionam suas participações no espaço considerado público, seja tomando uma decisão de partir ou ficar, seja trabalhando ao lado dos maridos, seja atuando em outras atividades, o que demonstra que elas sempre trabalharam, na cidade ou no interior que moravam no Nordeste, elas em suas falas apontam para tais participações. Aparecem em vários momentos ajudando o pai e em muitos outros o marido.

O papel atribuído ao homem como único provedor da casa, é contestado pelas narrativas das mulheres, esse papel também é delas. Elas não são apenas responsáveis pela reprodução da família, não cabe unicamente a elas a boa condução da casa. Elas, como eles e ao lado deles, na maioria das vezes, são responsáveis pela manutenção e provisão do lar.

Cabe dizer com isso, que as mulheres, tomando como referência as que são sujeitos dessa pesquisa, tiveram papel de fundamental importância na mudança dos contornos que definem ou que foram definidos ao que compete aos espaços público e privado. Elas ingressaram no mundo do trabalho com coragem, com força e sem medo de ser feliz. Passaram a contribuir diretamente no orçamento familiar. Retiraram de seus maridos o papel de provedores exclusivos. Elas colocaram em xeque a legitimação da dominação masculina.²¹⁴

²¹³ Sobre essa discussão entre espaço público e privado há uma vasta literatura que discorre sobre o assunto, nesse sentido a nível de maiores aprofundamentos ver: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003. CHIAVASSA, Rosana. Mulheres: as desigualdades persistem. In: PINSKY, Jaime (Org.). **Práticas de Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2004. PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. RAGO, Margareth. “Escrever de novo a palavra Mulher”: recontando a história das lutas feministas. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves & DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e seu tempo: encontros com a história**. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008.

²¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Nessa direção, Michelle Perrot (1998) permite que façamos uma breve digressão ao discutir sobre os diferentes papéis que as mulheres desempenhavam na sociedade parisiense ao longo do século XIX, de acordo com sua análise as mulheres possuíam poderes, tanto no espaço privado, quanto no público.

Mostravam suas insatisfações através de ações reivindicatórias quando exigiam preço baixo nos itens alimentícios, ao recusarem pagar alugueis absurdos, não hesitavam de ir às ruas com panelas, levando seus filhos e acompanhadas por outras mulheres grávidas. Em virtude da crescente urbanização e industrialização ocorrendo na Europa nesse período, juntamente com os movimentos operários e realizações de greves promovidas pelos homens em busca por melhores condições de trabalho e salários, as ações das mulheres foram ficando secundarizadas.

No entanto, todas essas transformações não foram suficientes para invisibilizar as mulheres. Elas buscavam outros meios alternativos para se colocarem no corpo social como sujeitos ativos. Realizavam motins contra as máquinas, montavam feiras e fugiam da polícia entre outras ações.

Essa discussão a partir de Perrot (1998), nos faz refletir sobre as diferentes formas que as mulheres se inserem na dinâmica social. Se em algum lugar, as mulheres, foram definidas a partir do homem e para ele, tanto na perspectiva da autora mencionada acima, e principalmente aqui, no contexto das mulheres dessa pesquisa, elas rompem com esse pensamento. Elas não deixaram os cuidados da casa de lado, não negligenciaram o cuidado com os filhos, muito pelo contrário, não deixaram de serem esposas dedicadas aos maridos, elas assumiram a autonomia enquanto sujeito social. Enquanto mulher. Tudo em nome e em função da agregação familiar.

Thompson²¹⁵, uma vez falou que toda experiência é em certa medida única. Essas mulheres tornaram-se únicas mesmo tendo suas vivências expressadas coletivamente. A forma que cada uma delas vivencia o cotidiano, experimenta e sente o que está em sua volta, elas se constituem como condutoras de seus próprios caminhos.

Fátima Paulo, sintetizando as demais mulheres nordestinas, saiu de sua terra natal, deixou para trás pai, mãe, irmãos e tudo mais, rumo a um lugar completamente diferente da realidade que conhecera. Em busca de mais uma vez estar ao lado do marido, que já a esperava, carregando consigo além dos filhos, força, coragem, medo, anseios, determinação e

²¹⁵ THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. (Org.) Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001.

acima de tudo fé. Lutou para conseguir o seu espaço ao sol, lutou por um pedaço de chão para construir uma casa.

As muitas pedaladas de bicicleta para conseguir vender um produto e daí comprar tijolo por tijolo, demonstra não apenas uma vida marcada por muitas lutas e grandes dificuldades, evidencia a determinação de não desistir diante das adversidades. Ela se constrói como mãe, mulher, esposa, e sobretudo, como ser humano. E assim, tijolo por tijolo ela ergue a sua casa, reúne a família à medida que ergue a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi bastante significativa para mim enquanto mulher, nordestina, migrante, mãe, esposa, filha, professora, pois visou abranger a subjetividade das oito mulheres nordestinas, sujeitos sociais dessa perspectiva, a partir de suas narrativas orais tentou-se abarcar os diferentes aspectos das mulheres em questão, assim os pontos que as aproximam, a família, o engajamento em permitir que esses laços não fossem desfeitos, foi o que buscamos analisar ao longo de suas trajetórias.

O fazer-se de cada uma dentro da cidade e da forma como elas se inseriram no contexto social de Parintins foi um dos fundamentos desse trabalho, em que tais inserções permitiram descortinar o nosso olhar através das lutas, por um pedaço de terra, empreendidas por Fátima Paulo. Ela como representante de um coletivo ativo é a síntese desse trabalho.

Enquanto mulheres, também, são mães, trabalhadoras, comerciantes, esposas, donas de casa, que no interior de seus percursos e dilemas (re)inventam seus espaços, criam estratégias para alcançar seus objetivos, mesmo os mais imediatos, demonstrando autonomia e liderança dentro da construção de suas próprias vidas. A partir de suas memórias, foi possível perceber uma cidade em crescimento e expansão, uma cidade em trânsito e os significados que foram sendo atribuídos. Tentaram e ainda tentam levarem uma vida digna, pautada no respeito ao próximo e sinceridade diante de suas convicções.

Com gestos de simplicidade, generosidade, muitas vezes sorriram das próprias lembranças, tantas outras derramaram lágrimas ao lembrarem das dificuldades vividas, muitas vencidas, outras compartilhadas. Se percebem como sujeitos ativos na reconstrução de suas próprias histórias e de maneira singular interpretam suas experiências.

A migração, como discutimos ao longo da dissertação, ocorre numa dinâmica de relações interpessoais, que abrange uma variada gama de elementos que a particulariza em momentos vividos pelos sujeitos e que exige, de certa forma, uma análise das condições que surgem e/ou se processam diante da decisão de migrar.

A decisão de partir em busca de trabalho e/ou outras possibilidades acontece dentro de uma teia social. Essa por sua vez, está atrelada as redes de solidariedades e sociabilidades que se configuram e se (re)inventam diante e durante os deslocamentos. Dessa forma a constituição familiar, se mostrou como o elemento primordial que motivou e movimentou Júlia Martins, Geralda Xavier, Zenaide Souza, Rita Costa, Luzia Viana, Maria de Fátima, Fátima Paulo e Geni de Medeiros e tantas outras em seus percursos.

Ao longo desse percurso experimentei grandes momentos, momentos em partir e voltar para casa, momentos de refletir sobre a pesquisa e saber exatamente o que queria, momentos em que algumas vezes é necessário refazer uma estratégia de abordagem tanto teórica quanto prática. Momentos de alegria e de tristeza, os de alegria por saber que muitos que estavam na torcida por mim ainda estão aqui, e os de tristezas por não compartilhar com aqueles que tanto me encorajaram e com um sorriso no rosto e no olhar, muitas vezes disseram: você vai conseguir! Como gostaria de tê-los para viverem tudo isso ao meu lado.

É necessário avaliar que a migração é um evento complexo, plural e de caráter interdisciplinar, pois está imbuída de elementos temporais, espaciais, simbólicos, culturais, afetivos e principalmente de significados que marcaram e marcam a vida dos sujeitos envolvidos em seus processos migratórios.

As experiências apontadas pelas mulheres nordestinas durante a pesquisa possibilitaram outra atenção sobre a migração para Amazônia do que aquelas centradas apenas na figura masculina, demonstrando atitudes decisivas e decisórias desses sujeitos, não só dos homens, mas, sobretudo das mulheres. Evidenciando uma rede de solidariedade afetiva que operou como elemento fundamental na disposição e coragem para adentrar em um novo espaço social que até então era distante e desconhecido.

As análises iluminaram sobre seus processos de vinda para região em *momentos*, *condições* e *motivos* distintos entre elas. Também evidenciaram as múltiplas vivências, tanto nos percursos para, como na Parintins, onde, a partir de experiências anteriores e familiares com comércio, construíram relações sociais que lhes permitissem ter “direito à cidade”.

Percebemos com isso que, entre nossas entrevistadas, a família, não só norteou a decisão de partir, pois apareceu como parte fundamental na tomada de decisão, como também agiu sob a forma de um elo necessário entre os que foram embora e os que ficaram. Desse modo, foi possível entender esse elo em duas perspectivas de ação: o elo efetivo e o elo afetivo.

Assim, a construção histórica dessa temática caminhou e caminha interligada com a história, a memória e o tempo narrado por elas, já que o tempo da memória difere-se do tempo vivido por cada mulher pesquisada. Em relação a essa construção histórica, dizemos que a memória faz menção a um período registrado nas vidas dessas mulheres nordestinas, pois o tempo é um elemento relevante nessa constituição, uma vez que ele ocorre dentro de um movimento dinâmico relacionado às vivências de cada sujeito histórico, em que carrega em si as rupturas, permanências e continuidades que permeiam as experiências de vida.

Um simples gesto como andar, falar, sorrir, chorar, o cheiro de uma comida ou de um perfume, olhar ao que está a sua volta, caminhar por entre às ruas da cidade, perceber as mudanças que ocorrem na sociedade ao longo de suas vivências, o ato de se admirar com algo simples e peculiar que até então era desconhecido, nos faz lembrar que temos um passado, que viemos de algum lugar.

As lembranças das mulheres nordestinas caracterizam transformações profundas na dinâmica social da cidade de Parintins. A sociedade se modifica e se redefine, encontra novas formas. O que antes estava pautado ao interior do lar, da família, vai aos poucos se tornando público. O viver se cotidianiza através das lutas diárias, através das lembranças e através da memória. Cotidiano esse que focaremos nosso olhar à luz dos apontamentos de historiadores e historiadoras que iluminam nossa caminhada no campo historiográfico sobre as relações cotidianas e gênero para que possamos compreender as vivências das mulheres nordestinas em Parintins.

Ao saírem de sua terra natal em busca de novas territorialidades, essas mulheres nordestinas abriram caminhos, romperam com vínculos estabelecidos, encontraram outros sujeitos e encararam novos desafios. Experimentaram um mundo novo, socializaram suas ações, ensinaram e aprenderam com quem está ao seu redor, e acima de tudo, vivem, agem e decidem dentro das relações cotidianas.

Mas uma coisa é certa, durante essa jornada até o presente momento, não fiz e não faço nada sozinha. Não trago e nem levo comigo apenas o meu EU, mas os tantos que ajudaram e ajudam a compor essa árdua e bonita caminhada. Tenho aprendido que para chegarmos a algum lugar por mais distante e difícil que pareça, é preciso um passo de cada vez, se queremos ir longe, os passos, tem que ser cada vez mais curtos e firmes.

E dessa forma, não só estaremos chegando aonde almejamos na viagem de nossa vida, como teremos condições de apreciar as diferentes paisagens que vão compondo os momentos e lugares por onde passamos. Na bagagem desse percurso, levo como também trago, experiências compartilhadas juntamente com muitos sorrisos e muitas lágrimas...

FONTES ORAIS:

COSTA, Maria de Fátima da. Maria de Fátima da Costa. Entrevista realizada em sua residência no dia 19 de março de 2016.

COSTA, Rita Franca da Silva. Rita Franca da Silva Costa. Entrevista realizada em seu comércio no dia 17 de fevereiro de 2014.

CURSINO, Geni de Medeiros. Geni de Medeiros Cursino. Entrevista realizada em sua residência em 03 de dezembro de 2015.

MARTINS, Júlia Limeira. Júlia Limeira Martins. Entrevista realizada na residência de um de seus filhos em 19 de março de 2016.

PAULO, Deusanir. Deusanir Paulo. Entrevista realizada em 07 de julho de 2017, na residência de sua mãe, Maria de Fátima Xavier Paulo.

PAULO, Maria de Fátima Xavier. Maria de Fátima Xavier Paulo. Entrevista realizada em sua residência em 03 de outubro de 2015.

PRADO, Geralda Xavier. Geralda Xavier Prado. Entrevista realizada em sua residência no dia 12 de fevereiro de 2014.

SILVA, Luzia Viana da. Luzia Viana da Silva. Entrevista realizada em sua residência em 08 de janeiro de 2014.

SOUZA, Maria Zenaide. Maria Zenaide Souza. Entrevista realizada em sua residência no dia 13 de outubro de 2015.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 207.

ANDRADE, Gilciandro Prestes de. **História e Memória**: da fundação do bairro de Paulo Corrêa ao seu processo de urbanização desenvolvido até os dias atuais. Monografia – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA. Parintins, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo Editorial. São Paulo: 2005.

APOLÔNIO, Dayanna Batista. **História social das mulheres no bairro Djard Vieira, Cidade de Parintins – Baixo Amazonas (1980 – 1990)**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA. Parintins, 2014.

BARBOSA, Maria Nivania Feitosa; PEREIRA, William Eufrásio N.; MORAIS, Ana Cristina dos Santos; OLIVEIRA, Aline Alves de. **A dinâmica das cidades médias do Estado do Ceará**: uma análise do emprego formal e do número de estabelecimentos (1990-2010).

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Os famintos do Ceará. In: FENELON, Déa Ribeiro. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

BARROS, Ilena Felipe. **A inserção das mulheres na luta pela terra**: movimento de participação e/ou submissão? Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

BARROS, José D'Assunção Barros. **Cidade e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARTOLI, Estevan; MUNIZ, Charlene & ALBUQUERQUE, Renan. **Parintins**: sociedade, território & linguagens. Manaus: EDUA, 2016.

BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.169.

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia** – análise do processo de desenvolvimento. 2 ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia** – formação social e cultural. Manaus: Editora Valer, Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BOURDIEU. Pierre. **A dominação masculina**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAGA, Liliane dos Santos. **A trajetória de migrantes nordestinos que adquiriram estabilidade social no município de Parintins**. 2008. Monografia. Departamento de História. Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BRITO, Janderson Lopes. **A importância social da festa de Nossa Senhora do Carmo para as famílias carentes da paróquia da catedral na década de 1980 em Parintins-AM**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2009.

BUTEL, Cristiana Andrade. **História e Religião**: a religiosidade como padrão comportamental da mentalidade do povo parintinense (área urbana) no Estado do Amazonas nos primeiros nove anos do século XXI. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Editora brasiliense, 1984.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CALVO, Célia Rocha. Uma praça, numa cidade: patrimônio e cidadania cultural. In: MACIEL, Laura Antunes. **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

CARDOSO, Antônio Alexandre Isidoro. **Nem sina, nem acaso**: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o território amazônico (1847 – 1877), 2011. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Centro de Humanidades – Departamento de História.

CARVALHO, José Otamar de. **O Nordeste semi-árido**: questões de economia política e de política econômica. Campinas-SP, 1985. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Economia.

CHAVES, Luciane Azevedo. **“Não temos nada, nada”**: políticas públicas voltadas aos sertanejos de Sobral na década de 1970. IN: *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-graduação da UFMG*. v.7, n. 1 (jan/abr. 2015).

CHAVES, Maria de Fátima Guedes. **Mulheres migrantes**: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981 – 1991. São Paulo, 2009. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas – Departamento de Demografia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível na biblioteca digital da Unicamp.

CHIAVASSA, Rosana. Mulheres: as desigualdades persistem. In: PINSKY, Jaime (Org.). **Práticas de Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, João Marinho da. **Do Ceará a Amazônia**. De soldado da borracha a mestre de obras: história oral de vida de Luiz Anselmo Maciel. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2005.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. IN: FREITAS, Marcos Cézar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. Contexto, 2003.

_____. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo. Contexto, 2001.

FIGUEIRA, Tiago da Silva. **Cidade em disputa**: visões da ocupação do bairro união em Parintins (2009 – 2012). Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2012.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 34 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOIS, Sarah Campelo Cruz. **As linhas tortas da migração**: estado e família nos deslocamentos para a Amazônia (1942 – 1944). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará – Centro de Humanidades – Departamento de História – Programa de Pós-Graduação em História Social – Fortaleza, 2013.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da selva**: histórias da migração nordestina para a Amazônia – Tese (Doutorado) – Departamento de História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas-SP, 1999.

HAESBAERT, Rogério. **O território em tempo de globalização**. etc... espaço, tempo e crítica. n. 2, (4), v, 1, 15 de agosto de 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 20.

HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **SOBRAL-CEARÁ**: aspectos das verticalidades e horizontalidades em uma cidade média do interior do Nordeste brasileiro. In: Caminhos de Geografia. Uberlândia. v. 12, n. 40, dez/2011.

KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. IN: MACIEL, Laura. **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'água, 2006, p. 29.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889 – 1916). Belém: Ed. Açaí/Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (UFPA) / Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História oral e migração**: a questão do regresso. Oralidades: Revista de História Oral, 2. 2007.

LESSA, Bruna Souza Aguiar. **História, Religião e Educação**: a trajetória do pastor Eduardo França Lessa na cidade de Parintins. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2012.

MACIEL, Lidiane Maria. **O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos-SP**, 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-SP.

MANETTA, Alex. **Dinâmica populacional, urbanização e ambiente na região fronteira de Corumbá**. Campinas. São Paulo, 2009.

MATOS, Maria Izilda; BORELI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARANDOLA Jr, E. & DAL GALLO, P.M. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. R. brasil. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n.2, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

MAUAD, Ana Maria. História e Fotografia. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MENEZES, Lucinelli de Souza. **A luta pelo direito à moradia: análise da participação da Igreja Católica no movimento de ocupação do bairro Itaúna I**. Artigo apresentado no III Congresso Pan-Amazônico de História oral. IX Encontro Regional Norte de História Oral – VIII Semana de História do CESP – UEA, 2015.

NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes; VERAS, Antônio Tolrino de Rezende; SOUZA, Carla Monteiro de. “O Maranhão é aqui”: arraial dos Maranhenses e a produção do território simbólico-cultural na cidade de Boa Vista/RR. In: SOUZA, Carla Monteiro. **Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Ocidental: algumas questões para o debate**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

NOGUEIRA, Verena Sevá. **Sair pelo mundo**. A conformação de uma territorialidade camponesa. Tese (doutorado) – Departamento de Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas – SP, 2010.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993.

OLIVEIRA, Deise Correia. **As interpretações do jornal Novo Horizonte sobre o crescimento urbano em Parintins/AM entre 1994 – 2010: as “invasões de terra na Fazenda Itaúna”**. Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2011.

OLIVEIRA, Márcia Maria. Mobilidade humana na Amazônia contemporânea: pressupostos teóricos e metodológicos. In: SOUZA, Carla Monteiro. **Migrações e outros deslocamentos na Amazônia Ocidental: algumas questões para o debate**. 1 ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

PARENTE, Temis Gomes. **Gênero e (in)sustentabilidade de mulheres nos reassentamentos rurais de usina Hidrelétrica de Estreito – Tocantins**. OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 399-416, 2015.

PEDRO, Joana Maria. Corpo, Prazer e Trabalho. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PELLEGRINO, Anderson César Gomes Teixeira. **O Nordeste de Celso Furtado: sombras do subdesenvolvimento brasileiro**. Campinas-SP, 2003.

PEREIRA, José Carlos Alves. **O lugar desmanchado, o lugar recriado?** Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional. Campinas, 2012. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – SP.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 137.

_____. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista estudos históricos. Rio de Janeiro, v, 05, n. 10, 1992.

POTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996.

_____. **O que faz a história oral diferente?** Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997.

_____. **O momento da minha vida: funções do tempo na história oral**. IN: FENELON, Déa Ribeiro. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

_____. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In: Revista Projeto História, n. 15. Abril/1997.

RAGO, Margareth. **“Escrever de novo a palavra Mulher”**: recontando a história das lutas feministas. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves & DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). **O historiador e seu tempo: encontros com a história**. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008.

REIS, Arthur Cezar Ferreira Reis. **O Seringueiro e o Seringal**. Ed. do serv. De Informação Agrícola, série Documentário da Vida Rural (5). Rio de Janeiro. Serv. Graf. IBGE, 1953.

REIS, Daswanny Araújo dos. **Por um novo cenário: a mulher na política partidária**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto de Ciências Humanas e Letras – Universidade Federal do Amazonas, 2011.

RIBEIRO, Eliany Fonseca. **As grandes enchentes do Amazonas (1953 e 2009): um olhar sobre os transtornos causados no cotidiano dos parintinenses.** 2010. Monografia – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

RODRIGUES, Regiane Costa. **As origens dos bairros Itaúna I e II. “De fazenda a bairro”: história de formação do bairro Itaúna e suas transformações sociais.** Monografia – Departamento de História – Universidade do Estado do Amazonas – Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA. Parintins, 2008.

RODRIGUES, Renan Albuquerque. **Índios Waimiri-Atroari impactados por tutela privada na Amazônia Central.** *Novos Cadernos NAEA*, v. 17, n. 1. P. 47 – 73, jun.2014.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Cleunildes Teixeira dos Santos. **Mulheres na ocupação do bairro da União no período de 2009 – 2014.** Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2014.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Migrantes nordestinos e as relações com a cidade.** IN: FENELON, Déa Ribeiro. **Cidades – Pesquisa em história.** São Paulo: Olho d'água, 2000.

SILVA, João Batista Teófilo. **Sobral e ditadura civil-militar: (des)construção do esquecimento.** *Revista Homem, Espaço e Tempo*, março de 2013.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. **Memórias e Histórias de trabalhadores no Amazonas contemporâneo.** Manaus: EDUA, 2016.

SIMAS, Eider Leal. **A história da construção naval em Parintins de 1970 à atualidade.** Monografia – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2011.

SOUZA, Nilciana Dinely. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2013.

SOUZA, Raimundo Gomes de. **O ensino de História e a história da Catedral de Parintins.** Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de História – Centro de Estudos Superiores de Parintins – Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2012.

TORRES, Iraildes Caldas. **As Novas Amazônidas.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** (Org.) Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001.

TRUZZI, Oswaldo. **Redes em processos migratórios.** *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 20, n. 1. pp. 199-218.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e Territorialização:** as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR. Tese (doutorado) – Departamento de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista do Campus Presidente Prudente, na Área de Desenvolvimento Regional, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa:** as religiões do mundo. 6 ed. rev. e atual. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.